



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

EMELINE DIAS LÓDI

**O FENÔMENO JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E
ADULTAS NO MUNICÍPIO DE PONTE SERRADA-SC**

ERECHIM, RS

2019

EMELINE DIAS LÓDI

**O FENÔMENO JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E
ADULTAS NO MUNICÍPIO DE PONTE SERRADA-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Regina Sanceverino

ERECHIM, RS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413 D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó – SC
Brasil

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lódi, Emeline Dias

O fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas no município de Ponte Serrada-SC / Emeline Dias Lódi. -- 2019.
166 f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Regina Sanceverino.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação-PPGPE, Erechim, RS, 2019.

1. Educação de Pessoas Jovens e Adultas. 2. Jovens. 3. Juventudes. 4. Juvenilização. I. Sanceverino, Adriana Regina, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

EMELINE DIAS LÓDI

**O FENÔMENO JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E
ADULTAS NO MUNICÍPIO DE PONTE SERRADA-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Regina Sanceverino

Aprovado em: 29/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Regina Sanceverino – UFFS – Erechim-RS

Prof^a Dr^a Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin – UFSC – Florianópolis-SC

Prof^a Dr^a Ivone Mendes Silva – UFFS – Erechim-RS

Prof^a Dr^a Isabel Rosa Gritti – UFFS – Erechim-RS

Erechim-RS, 29 de novembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Na convivência, o tempo não importa. Se for um minuto, uma hora, uma vida.
O que importa é o que ficou deste minuto, desta hora, desta vida [...]
Por isso, marca a tua passagem, deixa algo de ti [...]
Mario Quintana

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar e permitir caminhar com perseverança, serenidade e sabedoria mesmo diante das adversidades, pela possibilidade de crescimento espiritual e de testemunhar do seu amor. Em tudo dai graças ao Senhor!

Agradeço ao meu companheiro Daniel por partilhar dos sonhos, a amorosidade, a cumplicidade e amizade, sobretudo pela paciência e pela compreensão nos momentos de ausência, sua presença é fundamental.

Agradeço aos familiares pelo incentivo, à minha mãe Bernardete, ao meu pai Arildo pela vida, e à minha irmã Eluane para que tenha a certeza de que tudo é possível aos que creem. Às primas Karine e Marina, pelo incentivo e gentileza dispensada durante a inscrição nos processos seletivos para o mestrado.

Agradeço imensamente à minha orientadora Dr^a Adriana Regina Sanceverino por acreditar em mim, sempre com palavras de apoio e otimismo mostrou-me que há possibilidades para tudo nesta vida. Pelas contribuições teóricas e metodológicas que me orientaram na construção da pesquisa e, sobretudo pelo seu engajamento político e social, por defender uma educação inclusiva, voltada ao direito das minorias e dos(as) excluídos(as).

Agradeço as contribuições da banca examinadora, às professoras comprometidas em apontar os limites e as possibilidades da pesquisa: à Dr^a Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (UFSC) e a Dr^a Ivone Mendes Silva (UFFS).

Agradeço aos(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da UFFS *Campus* Erechim-RS, com os(as) quais compartilhei momentos de aprendizagens. Também à secretária Viviane Marmentini Ascari pela solicitude dispensada.

Agradeço à acolhida dos(as) mestrandos(as) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFFS *Campus* Chapecó-SC e das Professoras Dr^a Adriana Richit e Dr^a Neide Cardoso de Moura pela oportunidade de cursar em caráter especial a disciplina Formação de Professores da Educação Básica.

Agradeço aos(as) colegas de mestrado da turma 2017 pela vivência, foi gratificante partilhar aprendizagens e emoções, especialmente à Darleni Fröhlich e à Márcia Maria Racoski que através do diálogo no grupo “Elas & Eu” tornaram menos solitário esse percurso.

Agradeço também aos(as) colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas (GEPEJAI/UFFS) os(as) quais compartilharam das orientações coletivas: Cenira Rosa Cechin Skorek, Debora Della Vecchia e Rodimar Garbin.

Agradeço às amigas Irma Tamanho Sartori, Sandra Mara Vieira de Jesus Gabiatti e ao amigo Adilson de Souza Borges pelas reflexões e pelo entusiasmo compartilhado no sonho de cursar o mestrado, em especial, à Tanara Terezinha Fogaça Zatti pela cumplicidade dialógica, companheirismo, e, sobretudo generosidade. Gratidão por me acompanharem nessa jornada, o caminho torna-se mais leve quando contamos com pessoas valorosas.

Agradeço à Secretaria de Educação do município de Faxinal dos Guedes-SC, bem como com a Direção do Centro Municipal de Educação Infantil Doce Encanto pelo incentivo à formação profissional e à licença oportunizada para cursar o mestrado.

Agradeço à receptividade da gestora Maria Inez Mattei dos Santos e à Eloíza Marcolan secretária do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) do município de Ponte Serrada-SC, bem como a todas as professoras e aos(as) jovens que se dispuseram voluntariamente a participar desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos(as) que cruzaram meu caminho, que contribuíram para a concretização de mais esta etapa, não importa se a convivência foi um minuto, uma hora, uma vida, suas marcas estabeleceram transformações e aprendizagens em minha existência. A todos(as) gratidão!

“[...] Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fê como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mateus 17:20).

RESUMO

Nos últimos anos, observa-se um aumento considerável de jovens matriculados(as) na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), esse fato caracteriza o que vem sendo denominado fenômeno juvenilização da EJA, em vista disso, considera-se relevante aprofundar as discussões sobre esta temática. Desse modo, objetivou-se compreender o fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) no município de Ponte Serrada-SC, buscando identificar mediante análise os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para EJA. Para tanto, elencou-se como objetivos específicos: caracterizar o perfil dos(as) jovens com idade entre 15 e 24 anos matriculados(as) na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC; identificar os motivos que levaram os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA; analisar os interesses e expectativas dos(as) jovens em relação à escolarização e como proposta de intervenção, realizar um encontro para socialização dos resultados da pesquisa junto a Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC. Quanto à metodologia, empregou-se a abordagem quantiquantitativa nessa pesquisa de tipo exploratória e descritiva. Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, do tipo Estado do Conhecimento no banco de dados da ANPEd nacional, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A apreensão dos dados empíricos se deu por meio da pesquisa de campo, e para coleta de dados utilizaram-se questionário e entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados seguindo as técnicas de análise de conteúdo estabelecidas por Bardin (1977). Inicialmente aplicou-se o questionário a todos(as) os(as) estudantes com idade entre 15 e 24 anos matriculados(as) no ensino fundamental e médio da EJA do NAES do município de Ponte Serrada-SC, correspondendo a um total de 55 estudantes, posteriormente realizaram-se as entrevistas com uma amostra representativa de 12 estudantes, bem como com três professoras e a gestora. Os resultados evidenciam a crescente juvenilização nesta instituição de ensino, haja vista que 75.34% dos(as) estudantes são jovens. Com relação aos motivos que os(as) levaram evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescente e Jovens e/ou migrarem para a EJA foi possível constatar as seguintes motivações: relações com a escola, processo de escolarização, trabalho e fatos da vida. Quanto aos interesses e as expectativas dos(as) jovens em relação à escolarização, esses(as) manifestam positivamente o desejo de ingressarem em uma universidade e/ou realizarem um curso técnico profissionalizante. Por conseguinte, ressalta-se o compromisso com a divulgação e a socialização dos resultados obtidos nesta pesquisa junto a Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC com o intuito de promover a reflexão acerca da realidade investigada para que seja possível estabelecer outros olhares sobre os(as) jovens e as juventudes, pois o fenômeno juvenilização representa a nova identidade da EJA.

Palavras-chave: Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Jovens. Juventudes. Juvenilização.

RESÚMEN

En los últimos años, ha habido un aumento considerable de jóvenes matriculados en Educación de Personas Jóvenes y Adultas (EJA). Este hecho caracteriza lo que se ha llamado el fenómeno juvenalización de la EJA. En vista de esto, se considera relevante profundizar discusiones sobre este tema. Así, el objetivo fue comprender el fenómeno juvenalización en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en el municipio de Ponte Serrada-SC, buscando identificar a través del análisis las razones que llevan a los jóvenes a evadir la enseñanza de niños, adolescentes y jóvenes. y / o migrar a EJA. Para ello, se enumeró como objetivos específicos: caracterizar el perfil de los jóvenes de entre 15 y 24 años inscritos en la EJA de la NAES en Ponte Serrada-SC; identificar las razones que llevaron a los jóvenes a abandonar la enseñanza de niños, adolescentes y jóvenes y / o migrar a EJA; analizar los intereses y expectativas de los jóvenes en relación con la escolarización y, como propuesta de intervención, celebrar una reunión para socializar los resultados de la investigación con la Rede de Atención Intersectorial de la ciudad de Ponte Serrada-SC. En cuanto a la metodología, se utilizó el enfoque cuantitativo y cualitativo en esta investigación exploratoria y descriptiva. En primer lugar, se realizó una investigación bibliográfica del tipo Estado del Conocimiento en la base de datos nacional ANPED, en el Catálogo de Tesis de Disertación CAPES y en la Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones (BDTD). Los datos empíricos se obtuvieron mediante investigación de campo, y se utilizó una entrevista semiestructurada y un cuestionario para la recopilación de datos. Los datos se analizaron siguiendo las técnicas de análisis de contenido establecidas por Bardin (1977). Inicialmente, el cuestionario se aplicó a todos los estudiantes de 15 a 24 años matriculados en la enseñanza fundamental y medio en la EJA de la NAES en Ponte Serrada-SC, lo que corresponde a un total de 55 estudiantes. Posteriormente, se realizaron entrevistas con una muestra representativa de 12 estudiantes, así como con tres maestras y el gerente. Los resultados muestran el aumento de la juventud en esta institución educativa, considerando que el 75.34% de los estudiantes son jóvenes. En cuanto a los motivos que los llevaron a evadir la enseñanza de niños, adolescentes y jóvenes y / o migrar a la EJA, fue posible verificar las siguientes motivaciones: relaciones con la escuela, proceso escolar, trabajo y hechos de la vida. Con respecto a los intereses y expectativas de los jóvenes en relación con la escolarización, estos expresan positivamente el deseo de ingresar a una universidad y / o realizar un curso técnico profesional. Por lo tanto, se enfatiza el compromiso con la difusión y socialización de los resultados obtenidos en esta investigación con la Rede Intersectorial de Asistencia de la ciudad de Ponte Serrada-SC para promover la reflexión sobre la realidad investigada para que sea posible establecer otras perspectivas sobre los jóvenes, ya que el fenómeno juvenalización representa la nueva identidad de la EJA.

Palabras-clave: Educación de Personas Jóvenes y Adultas. Gente joven. Jóvenes. Juvenalización.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Gênero dos(as) jovens pesquisados(as).....	75
Gráfico 02 - Idade dos(as) estudantes da EJA de Ponte Serrada-SC.....	76
Gráfico 03 - Cor/raça dos(as) jovens pesquisados(as).....	78
Gráfico 04 - Religião dos(as) jovens pesquisados(as).....	79
Gráfico 05 - Estado civil dos(as) jovens pesquisados(as)	80
Gráfico 06 - Paternidade/Maternidade dos(as) jovens da pesquisa.....	81
Gráfico 07 - Localização da moradia dos(as) jovens pesquisados(as)	82
Gráfico 08 - Nível de escolaridade dos pais (pai/mãe) dos(as) jovens pesquisados(as) .	83
Gráfico 09 - Renda familiar mensal dos(as) jovens pesquisados(as)	84
Gráfico 10 - Quantitativo dos(as) jovens que exercem trabalho remunerado	85
Gráfico 11 - Motivação dos(as) jovens na decisão de trabalhar	86
Gráfico 12 - Motivação dos(as) jovens pesquisados(as) na decisão de trabalhar.	87
Gráfico 13 - Reprovação escolar dos(as) jovens pesquisados(as).....	88
Gráfico 14 - Importância da escola para os(as) jovens pesquisados(as)	90
Gráfico 15 - Autoavaliação quanto ao relacionamento com professores(as)	91
Gráfico 16 - Expectativa futura dos(as) jovens em relação à escolarização	92
Gráfico 17 - EJA um espaço emancipador: concepção dos(as) jovens	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 Produções por banco de dados e natureza das pesquisas.....	34
Quadro 02 Quantificação das publicações por ano.	35
Quadro 03 Produções na ANPEd Nacional.....	36
Quadro 04 Pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.	39
Quadro 05 Pesquisas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).....	55
Quadro 06 Caracterização dos(as) jovens entrevistados(as)	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Motivações para evadirem do <i>Ensino</i> de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA	89
---	----

LISTA DE SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
APOIA	Programa de Combate à Evasão Escolar
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAAE	Certificação de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Câmara de Educação Básica
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CIEJA	Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos
CNE	Conselho Nacional de Educação
EAD	Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e adultos
GT	Grupo de Trabalho
IBCT	Instituto Brasileiro de Ciências e Tecnologias
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NAES	Núcleo Avançado de Ensino Supletivo
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PEJ	Programa de Educação Juvenil
PEJA	Programa de Educação de Jovens e Adultos
PNJ	Política Nacional de Juventude
PPGPE	Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SED	Secretaria de Educação e Desenvolvimento
TDICEs	Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UEL	Universidade Estadual de Londrina

UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade do Estado do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí
UNOESC	Universidade do Oeste de Santa Catarina
UPF	Universidade de Passo Fundo
UVV	Universidade Vila Velha

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 PERCURSO METODOLÓGICO	23
2.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	32
3 BALANÇO DAS PESQUISAS ACERCA DA JUVENILIZAÇÃO NA EJA	34
4 JUVENILIZAÇÃO NA EJA: UM OLHAR SOBRE AS JUVENTUDES	63
4.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE JUVENTUDE.....	63
4.2 O FENÔMENO JUVENILIZAÇÃO NA EJA	67
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	74
5.1 PERFIL DOS(AS) JOVENS	74
5.2 A VOZ DOS(AS) JOVENS	93
5.2.1 Juvenilização na EJA: Da evasão à migração.....	95
5.2.2 Juvenilização na EJA: Retomada da vida escolar, renunciando sonhos e direitos negados	102
5.3 A VOZ DAS PROFESSORAS	110
5.3.1 Juvenilização na EJA: Os percalços dos(as) jovens e as trajetórias escolares acidentadas.....	110
5.3.2 Juvenilização na EJA: formação de professores(as) para uma prática includente	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE 1	143
APÊNDICE 2	144
APÊNDICE 3	146
APÊNDICE 4	148
APÊNDICE 5	150
APÊNDICE 6	151
APÊNDICE 7	153
APÊNDICE 8	154
ANEXO 1.....	155
ANEXO 2.....	162

1 INTRODUÇÃO

Considerar que a vida é uma longa caminhada e envolve um constante processo de transição me¹ motiva pensar na perspectiva apontada por Paulo Freire (2003, p. 33), ou seja, “não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos”. Para isso, faz-se necessário tomar como ponto de partida meu memorial formativo, o resgate do meu percurso pessoal, acadêmico e profissional, objetivando fundamentar a escolha do tema e a relevância da pesquisa.

Procedente de família pobre, desde jovem colaborei com a subsistência familiar, comecei a trabalhar aos onze anos como tecelã em uma malharia e, no contraturno, dedicava-me aos estudos. Dessa época, recordo-me das aulas de português, do incentivo da professora² a leitura, a busca pelo conhecimento e o despertar do senso crítico, assim reconhecia-me como parte de suas aulas, encontrava-me na prosa e na poesia, “teces tecendo a ti mesma na imensa maquinaria, como se entrasses inteira na boca do tear e desses a cor do rosto e dos olhos e teu sangue à estamperia” (MOTA, 1984, p. 19).

Aluna de escola pública, em 2007 iniciei o curso de habilitação para o magistério, por considerar a docência uma possibilidade de estar em movimento e promover transformações. Reafirmo, assim, o pensamento de Freire de que “é na condição de seres transformadores que percebemos que a nossa possibilidade de nos adaptar não esgota em nós o nosso estar no mundo. É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com outros” (FREIRE, 2016, p. 17).

Em 2009, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) *Campus* de Xanxerê-SC por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Faz-se necessário destacar que o PROUNI foi um dos programas responsáveis pela democratização do acesso ao ensino superior, permitindo a milhões de estudantes de escolas públicas a oportunidade de obter um diploma universitário, outrora, um privilégio restrito a poucos sujeitos.

¹ A introdução foi redigida na primeira pessoa do singular, por apresentar as motivações pessoais que levaram à

² Agradecimento à Ivaci de Moraes Barbieri na época professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola de Educação Básica Dom Vital em Ponte Serrada-SC.

Simultaneamente ao processo de formação acadêmica e devido às próprias características da pobreza familiar, trabalhava no comércio do município de Ponte Serrada-SC. Foi então, em 2013, que mediante concurso público municipal, iniciei minha carreira docente, no município de Faxinal dos Guedes, localizada no oeste de Santa Catarina, onde atuo como professora no Centro Municipal de Educação Infantil Doce Encanto, com carga horária de 40 horas semanais.

A trajetória docente me motivou a buscar a ampliação do conhecimento, assim movida pela curiosidade e pelo desejo de continuar a aprender, iniciei em 2013 a pós-graduação *lato sensu* em Saúde Coletiva: Estratégia Saúde da Família pela UNOESC *Campus* de Campos Novos-SC, com ênfase na pesquisa sobre a saúde dos(as)³ jovens, escolares do ensino médio do município de Ponte Serrada-SC.

Ciente do “inacabamento” e certa de que “aprender precede ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender” (FREIRE, 2016 p. 12), em 2015, iniciei a pós-graduação *lato sensu* em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, ofertada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse contexto, contemplou-se a ação docente a partir de um olhar diferenciado, em que os saberes dos(as) educandos(as) devem ser respeitados, como princípio do diálogo crítico com a realidade. Sobre o direito a saber-se, Arroyo (2013) evidencia que os saberes e leituras de mundo dos(as) educandos(as) devem ser reconhecidos na diversidade de processos pedagógicos, bem como na história intelectual e cultural da humanidade.

Em busca por novos desafios, em 2015, comecei a atuar na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), considero esta, uma experiência ímpar em meu percurso formativo, de muitas aprendizagens, reflexões que suscitaram indagações, mas também indignação, pois, neste momento, percebi a marginalidade que permeia esta modalidade da Educação Básica.

Com relação à marginalidade com que a EJA é abordada nas políticas públicas, bem como o processo de exclusão que deixa os sujeitos à margem, somos instigados a refletir quem os coloca nessa condição e a partir desta indagação obviamente se reconhece que não é uma opção. Acerca dessa questão, Paulo Freire elucida que “se a marginalidade não é opção, o homem marginalizado tem sido excluído do sistema social e é mantido fora dele, quer dizer,

³ Em observância à problematização das diferentes formas de exclusões e de enfatizar o respeito à diversidade e a questão de gênero, utiliza-se essa formatação, na perspectiva de uma linguagem não sexista. Não se trata de simples redundância, mas de evitar uma manifestação do uso masculino como presumível genérico (LOSSO, 2012). Entretanto, escolhemos manter as citações dos(as) autores(as) na sua formatação original.

é objeto de violência. O homem marginalizado não é ‘um ser fora de’. É, ao contrário, um ‘ser no interior de’ [...]” (FREIRE, 1980, p. 74-75).

Logo, essa estrutura excludente mantém os sujeitos a margem e a solução não é simplesmente inserir-se ou integrar-se no interior de uma ordem social desestruturada, mas promover uma educação humanizadora para superação desta contradição, que permita aos homens e às mulheres libertarem-se, para enfim buscarem transformar a sociedade.

Todavia, este cenário marcado por exclusões também é palco de esperança para muitas pessoas jovens, adultas e idosas que por algum motivo não encontraram oportunidades para iniciar ou concluir os estudos. Grande parte dos(as) estudantes retomam os estudos motivados(as) por diversas razões, entre elas a busca pelo reconhecimento social e pela melhoria em sua qualidade de vida. Sendo assim, é preciso compreender os(as) estudantes da EJA como sujeitos sociais e de direitos, sujeitos que vivem processos diversos de exclusão, mas que neste contexto criam e recriam a cultura, lutam e sonham com um processo de mudança (SOARES; GIOVANETTI; GOMES, 2018).

Buscando respostas e com a certeza de que a formação é requisito para solucionar problematizações cotidianas, reitero o pensamento de Gadotti (2011, p. 43) de que “mais do que uma formação técnica, a função do professor necessita de uma formação política para exercer com competência a sua profissão”, guiada então pelo compromisso ético, elemento integrante da competência do(a) professor(a) e pela necessidade de aprimorar minha formação política, em 2017 realizei o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) pela qual ingressei no Curso de Mestrado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim-RS.

Cursar o Mestrado além de ser uma realização profissional foi a concretização de um projeto pessoal idealizado ainda na graduação e incentivado em meu círculo de amizades. Porém, realizar uma formação de nível *stricto sensu*, no cenário brasileiro, é um grande desafio, tendo em vista os baixos investimentos do Estado e a ausência de políticas públicas que incentivam a ampliação da oferta e, também, a permanência dos(as) estudantes, principalmente, pelo fato de sermos na maioria trabalhadores(as)-estudantes.

Ser selecionada no processo seletivo do PPGPE da edição de 2017 foi o primeiro passo. Durante o percurso formativo, surgiram adversidades que foram superadas, tais como, o tensionamento vivido durante o curso pelo fato do PPGPE oferecer aulas aos Sábados, condição que, em determinado momento, me impediu de cursar algumas disciplinas, pois sou

Sabatista⁴. No entanto, isso me motivou ainda mais a perseverar, testemunhar as minhas crenças e seguir em busca de igualdade de oportunidades, pois em conformidade com Kramer (1995) acredito que garantir a igualdade compreende assegurar as diferenças e isto é determinante para legitimação de uma educação comprometida com a inclusão das minorias.

O trabalho na EJA e o contato com a história de vida de pessoas jovens e adultas marcadas por processos de exclusões levaram-me a eleger como objeto de estudo da pesquisa a Educação de Pessoas Jovens e Adultas. A definição da temática deve-se à experiência como docente na EJA no ensino fundamental e médio nos municípios de Faxinal dos Guedes, Passos Maia e Ponte Serrada em Santa Catarina. A partir de então, observei que as turmas da EJA eram majoritariamente compostas por sujeitos jovens, recém-egressos(as) do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens*⁵, essa característica me chamou a atenção, então busquei por meio de leituras compreender o rejuvenescimento do público da EJA.

Considerando que, no decorrer dos últimos anos, tem-se observado um aumento considerável de jovens matriculados(as) nessa modalidade da Educação Básica, fato que caracteriza o denominado fenômeno juvenilização da EJA, torna-se relevante aprofundar as discussões sobre essa temática. Para tanto, o problema de pesquisa buscou responder: Quais os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* e/ou migrarem para a Educação de Pessoas Jovens e Adultas? Justifica-se tal questionamento em função de contribuir para compreensão e para o entendimento dos diversos aspectos do fenômeno juvenilização da EJA.

Inicialmente destaca-se que esse fenômeno denominado juvenilização corresponde ao rejuvenescimento da população que frequenta a EJA, caracteriza-se pela presença expressiva de jovens cada vez mais jovens nesta modalidade da Educação Básica, advindos(as), sobretudo por meio de um processo migratório do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens*.

⁴ Aquele que tem por crença religiosa a guarda do Sábado como Dia Santo.

⁵ As Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos preconiza que “A educação escolar, sob a LDB, é regular em qualquer de seus níveis, etapas e modalidades. Os níveis se referem ao grau à Educação Básica e à Educação Superior e suas devidas etapas. E as etapas possuem especificações dentre as quais as modalidades; elas são um modo específico de distinguir as etapas e os níveis. Quando essa especificação se faz sob o signo da idade, ela busca identificar as fases da vida. Nesse caso, as chamadas etapas da idade própria são tão modalidades quanto às referidas aos que não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram. Nesse sentido, as modalidades abrangem, além das faixas etárias, outros modos de ser como os relativos a etnias ou a pessoas com necessidades educacionais especiais”(BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 23/2008, p. 4). Portanto, torna-se necessário esclarecer que o ensino regular é o que está sob a lei. Assim, nesta pesquisa, o termo “regular” não será utilizado para não reforçar qualquer concepção de “irregularidade” da EJA e por esse motivo nesse texto dissertativo será utilizado o *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* para se referir ao que alguns documentos legais bem como algumas produções acadêmicas chamam de ensino regular em comparação com a Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA).

Este fenômeno surge no cenário brasileiro a partir da década de 90, em uma modalidade da Educação Básica historicamente dirigida às pessoas adultas e idosas, além disso, Jardimino e Araújo (2014, p. 182), enfatizam que “a presença cada vez maior destes jovens na EJA tem sido identificada em todas as regiões do Brasil e em muitos países da América Latina [...]”. Isso posto, nota-se que a EJA está passando por um processo de renovação de seu público, com aumento considerável de estudantes jovens.

Neste mesmo viés, Leão (2018) assevera que os(as) professores(as) estão constatando a presença cada vez maior de jovens nas salas de aula da EJA, para o autor, o rejuvenescimento da EJA é um fenômeno social que deve ser investigado, a fim de compreender as rupturas, as alternativas e os novos desafios que representa.

Percebe-se, que estamos diante de um tempo de reconfiguração da EJA, o que de certa forma pode evidenciar, tanto o protagonismo da juventude, pelo fato de os(as) jovens terem liberdade para buscar a EJA e continuar seus estudos, como também pode demonstrar uma negação que estes(as) jovens estão sujeitos no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, que tratam de encaminhá-los(as) para a EJA tão logo completam a idade mínima de ingresso. Nessa perspectiva, a EJA assume o importante papel de acolhimento, deve constituir-se como um espaço e tempo de socialização e sociabilidade, de formação e intervenção, cuja “[...] finalidade não poderá ser suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida” (ARROYO, 2018, p. 21).

Sendo assim, torna-se relevante pesquisar sobre a juvenilização da EJA, indagar quem são esses(as) jovens que estão adentrando os espaços educacionais da EJA, reconhecê-los(as) em seus tempos de vida e compreender os motivos que levam a optarem pela EJA permitirá superar visões negativas sobre este segmento arraigadas no cenário educacional brasileiro, bem como romper com políticas de suplência que visualizam a EJA pelo viés da continuidade, da recuperação do tempo perdido àqueles(as) que não tiveram oportunidade de escolarização na “idade própria⁶” e, sobretudo suscitar reflexões acerca das prováveis causas deste fenômeno, uma vez que é crescente em todas as regiões brasileiras.

Nesse sentido, a pesquisa teve o objetivo de compreender o fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) no município de Ponte Serrada-SC, buscando

⁶ Aspecto relevante a esclarecer são os termos “idade própria”, e/ou “idade certa”. Para nosso entendimento esses conceitos criados acabam por gerar preconceito contra aqueles(as) que não se alfabetizaram na chamada “idade certa” ou tiveram sua trajetória escolar interrompida por diversos motivos. A literatura na área nos leva a afirmar que não existe idade certa para aprender, portanto precisamos romper com esse mito.

identificar mediante análise os motivos que levam os(as) jovens evadirem⁷ do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem⁸ para EJA. São, portanto, os sujeitos deste estudo, jovens com idade entre 15 e 24⁹ anos que frequentam o ensino fundamental e o médio do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) do município de Ponte Serrada-SC.

Para o seguimento desta pesquisa, elencaram-se os seguintes objetivos específicos: caracterizar o perfil dos(as) jovens com idade entre 15 e 24 anos matriculados(as) na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC; identificar os motivos que levaram os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA; analisar os interesses e expectativas dos(as) jovens em relação à escolarização e como proposta de intervenção, realizar um encontro para socialização dos resultados da pesquisa junto a Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC.

Reitera-se que os resultados desta pesquisa serão divulgados aos(as) envolvidos(as) no processo investigativo, assim além da socialização na Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC, a dissertação será encaminhada ao Centro Regional de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) de Xanxerê-SC e endereçada por e-mail aos(as) participantes que manifestarem interesse e após sua defesa será publicada na página do repositório digital da UFFS.

A presente dissertação é composta de seis capítulos. No primeiro, apresenta-se a introdução desse trabalho, na qual me situo como pessoa, como pesquisadora. Discorre-se brevemente sobre a juvenilização da EJA e apresenta-se o problema que orientou a pesquisa, o objetivo geral, bem como os objetivos específicos.

No segundo capítulo, sistematiza-se, detalhadamente, o percurso metodológico que orienta a pesquisa, o lócus da investigação, a aproximação com os sujeitos investigados, como foi realizada a apreensão dos dados empíricos por meio da pesquisa de campo, assim como os pressupostos metodológicos assumidos no desenrolar do estudo que caracteriza-se como pesquisa do tipo exploratória, cuja abordagem é quantiquantitativa, bem como discorre-se brevemente sobre a proposta de intervenção que será realizada junto a Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC.

⁷ Utilizamos o termo evadirem para se referir àqueles(as) jovens que pararam de estudar no ensino fundamental ou médio das instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, e que após um período sem estudar retomaram seus estudos na Educação de Pessoas Jovens e Adultas.

⁸ Utilizamos o termo migração para se referir àqueles(as) jovens que tiveram passagem direta do ensino fundamental ou médio das instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens para a Educação de Pessoas Jovens e Adultas, e que, portanto não chegaram a ficar fora da escola.

⁹ Não se trata de reduzir a definição da juventude a critérios simplesmente demográficos, mas de reconhecer que estes mesmos critérios são importantes e úteis na delimitação inicial do campo de estudos.

Apresenta-se, no terceiro capítulo, a revisão bibliográfica do tipo Estado do Conhecimento, um balanço acerca das pesquisas realizadas em âmbito nacional e que dialogam com as principais reflexões teóricas sobre a temática juvenilização na EJA. A saber, as buscas pelas publicações foram realizadas nos sites da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

No quarto capítulo, discutiu-se o fenômeno juvenilização da EJA e o que hoje está sendo percebido como juvenilização, alude-se o debate teórico sobre as juventudes e a multiplicidade dos sujeitos que frequentam a Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Este capítulo foi significativo para o processo da pesquisa uma vez que constituiu a fundamentação teórica e permitiu compreender as diferentes perspectivas que permeiam esta problemática.

No quinto capítulo, apresentam-se sistematicamente os resultados da pesquisa, a partir da análise dos dados caracterizou-se o perfil dos(as) jovens, os motivos que os(as) levaram a evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA, seus interesses e expectativas com relação à escolarização, bem como apresenta-se a percepção das professoras que atuam na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC sobre o fenômeno juvenilização, além disso, se estabelece um diálogo com os(as) autores(as) através da discussão. Por fim, no sexto capítulo, seguem as considerações finais da pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Desvelar a realidade educacional por meio da pesquisa requer um processo de investigação, segundo Gamboa (2015, p. 27), “investigação vem do verbo latino vestígio, que significa seguir as pisadas. Significa, portanto a busca de algo a partir de vestígios”, destarte se assume a pretensão neste estudo, de investigadores(as), buscando mediante pesquisa construir um caminho para conhecer a realidade e, por conseguinte, encontrar respostas.

A pesquisa é a estrutura central da ciência, ela permite um maior entendimento acerca da realidade investigada, uma vez que é um processo contínuo, inacabado. Conforme Minayo (2012, p. 16), “entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Logo, é a pesquisa propulsora na construção de conhecimento.

Ao trilhar os caminhos da pesquisa, é possível ultrapassar a condição de aprendiz que apenas assimila, pois o diálogo crítico com autores(as) e o questionamento da realidade fazem da investigação um horizonte de possibilidades para tornar o mundo mais justo e mais humano (DMITRUK, 2012). Dessa forma, a partir de indagações, é possível suscitar reflexões, produzir novos estudos e redirecionar o olhar para a realidade.

Neste sentido, parte-se do pressuposto que toda pesquisa científica deve ser planejada intencionalmente, objetivando encontrar respostas às situações problema. Para tanto, utilizou-se a abordagem quantiquantitativa, pois para Santos Filho (2001, p. 46) “[...] usando a abordagem quantitativa e qualitativa na pesquisa de um mesmo problema, o resultado gera um *insight* uma compreensão e poder preditivo mais considerável”, assim a complementaridade deve ser reconhecida tendo em vista as várias pretensões da pesquisa educacional.

Segundo Minayo (2012), a diferença entre quantitativo e qualitativo é de natureza, a primeira aborda partes concretas, passíveis de mensuração; a segunda aprofunda-se no mundo dos significados e relações humanas, algo não perceptível pela abordagem quantitativa. Ademais, para a autora que esses dois conjuntos de dados não se opõem, se complementam, pois suas realidades interagem dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

Colabora com esse entendimento Trivinõs ao considerar que “toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa” (2013, p. 118). Sendo assim, objetiva-se nesta pesquisa empregar tal abordagem a fim de descrever a realidade investigada, haja vista a importância de interpretar os dados tanto quantitativos quanto qualitativos.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se por ser de tipo exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2010), a pesquisa exploratória objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses, pode-se dizer ainda que visa ao aprimoramento de ideias ou à descoberta de intuições.

Neste mesmo viés, Triviños (2013, p. 109) argumenta que “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”, assim é possível que o(a) pesquisador(a) aprofunde o estudo de uma realidade e obtenha mais conhecimento para, na sequência, planejar uma pesquisa descritiva.

As pesquisas descritivas referenciam a descrição das características de um grupo, assim, considera-se ser este um estudo descritivo, visto que “nesse tipo de pesquisa, não há a interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objeto de pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, características, causas, relações e conexões com outros fenômenos” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 84). Portanto pretende-se descrever os fatos e os fenômenos da realidade investigada.

Normalmente inicia-se a pesquisa a partir de um problema que tenha despertado o interesse do(a) pesquisador(a). Isso é fundamental, pois delimita a atividade de pesquisa à determinada porção de saber. Assim, concorda-se com Demo (2000, p. 13) que “definir é colocar limites. Quanto mais algo está fechado entre limites, mais claro se torna”. Assim, a definição do problema de pesquisa deve ser delimitado de modo a permitir um maior aprofundamento do estudo.

Ainda com relação à definição do problema, Minayo (2004, p. 17) assevera que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Desse modo, o interesse em realizar tal pesquisa surgiu da inquietação vivida durante a docência na Educação de Pessoas Jovens e Adultas, pois quando comecei trabalhar na EJA havia me preparado, planejado as aulas para atender sujeitos na maioria adultos e idosos, mas fui surpreendida, deparei-me com turmas predominantemente jovens, sendo preciso estudar a fim de entender o fenômeno juvenilização.

A partir de então surgiram alguns questionamentos que mais tardar originaram o problema de pesquisa. Para Neto (2004, p. 52), “esse *questionamento* é o que nos permite ultrapassar a simples descoberta para, através da criatividade, produzir conhecimentos”, logo, buscou-se, neste estudo, respostas ao seguinte questionamento: Quais os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a Educação de Pessoas Jovens e Adultas?

Movida por esse questionamento inicial reafirmo a concepção de Minayo que “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articulada a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais” (MINAYO, 2004, p. 18).

Por conseguinte, Demo (1995, p. 32) declara que “[...] nunca colocamos uma pergunta se nada sabemos da resposta. Se nada soubéssemos da resposta, nada teríamos a perguntar”, e justamente por estar inserida neste meio arrisco-me a afirmar hipoteticamente os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a Educação de Pessoas Jovens e Adultas*.

Assim, a formulação de hipóteses representa a possibilidade de motivar indagações passíveis de serem averiguadas no processo investigativo. Segundo Triviños (2013, p. 105), “a hipótese surge após a definição do problema [...] A hipótese envolve uma possível verdade, um resultado provável. É uma verdade pré-estabelecida, intuída, com o apoio de uma teoria”. Na sequência, apresentam-se algumas hipóteses quanto à juvenilização da EJA, formuladas a partir de leituras e, sobretudo de nossas vivências.

Frente a nova reconfiguração do público da EJA, pode-se dizer que aspectos legais favoreceram aos(às) jovens a entrada antecipada nessa modalidade da Educação Básica, tal como o fato de a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96, no Art. 38, reduzir a idade para ingresso na EJA, de 18 para 15 anos para o ensino fundamental e de 21 para 18 anos para o ensino médio.

Ademais, percebe-se um movimento no âmbito educacional no sentido de deslocar para a EJA os(as) estudantes que após algumas reprovações se encontram em defasagem idade/série. Neste sentido, a EJA tem funcionado como uma “válvula de escape” na solução de problemas presentes nas instituições de *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens*, pois em muitos casos, as escolas deslocam os(as) alunos(as) em situação de defasagem para a EJA, a fim de livrar-se dos problemas que não conseguiram solucionar (CARVALHO, 2017).

Também são encaminhados(as) para a EJA os(as) estudantes indisciplinados(as) comumente denominados(as) como alunos(as) problema, ou seja, aqueles(as) que não se adaptaram às normas do sistema escolar. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 127), “os jovens carregam consigo o estigma de alunos-problema, que não tiveram êxito no ensino regular”, e por conta disso externam certa rebeldia, envolvem-se em confusões, quer seja com colegas, professores(as) ou demais funcionários(as).

Aqui cabe uma reflexão, se de fato estes(as) alunos(as) são um problema ou tem um problema. Refletir sobre a questão é importante para não perpetuar uma concepção negativa sobre esses(as) jovens e, portanto, não incorrer no erro de culpabilizá-los(as) por posturas decorrentes de situações de vulnerabilidade que este(a) jovem foi ou pode estar exposto(a).

Desse ponto de vista, pode-se dizer que atualmente o processo de exclusão educacional não se dá mais na questão do acesso à escola, mas sim no interior das instituições de educação formal (MÉSZÁROS, 2008). Nesta mesma perspectiva, Sartori (2013) pontua que é perceptível que a escola tem se caracterizado como instituição que aprofunda as desigualdades, principalmente, quando se ocupa da educação das classes menos favorecidas.

Portanto, refletir acerca da Educação de Pessoas Jovens e Adultas na sociedade contemporânea perpassa pela necessidade de pensar a juvenilização dessa modalidade da Educação Básica, uma vez que a exclusão da escola e pela escola contribuiu para a ocorrência desse fenômeno, pois muitos(as) jovens sentem-se deslocados(as) na atual estrutura do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e buscam na Educação de Pessoas Jovens e Adultas uma oportunidade de romper com a invisibilidade que estão submetidos(as).

Além disso, a juvenilização pode ser considerada um dos efeitos da sociedade capitalista, na qual os(as) jovens, sobretudo das classes populares necessitam ingressar no mercado de trabalho a fim de contribuir com a subsistência familiar e, por esse motivo, buscam os cursos noturnos da EJA com o intuito de conciliar trabalho e estudo e obterem a certificação requerida para ocuparem melhores posições no mercado de trabalho.

Entretanto, outros motivos que levaram os(as) jovens a migrarem para EJA serão mencionados na sequência, no capítulo que trata da análise dos dados. No entanto, a intenção não foi encontrar responsáveis por esse processo, mas evidenciar a desigualdade social que permeia a juvenilização da EJA e, sobretudo asseverar a necessidade de pensar os(as) jovens como sujeitos de direitos, e reconhecê-los(as), de fato, como parte da Educação Básica.

Para efetivação da pesquisa, inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica, do tipo Estado do Conhecimento, a fim de identificar de que forma a temática “juvenilização na EJA” vem se estabelecendo como objeto de estudo dentre as produções acadêmicas. Para Neto (2004), a discussão da produção bibliográfica sobre o tema é fundamental, pois permite articular os conceitos e sistematizar a produção do conhecimento, ademais para o autor a pesquisa bibliográfica confronta os desejos do(a) pesquisador(a) com os(as) autores(as) envolvidos(as) em seu horizonte de interesses.

Para tanto, nessa etapa identificaram-se as publicações na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)¹⁰ especificamente nas reuniões nacionais do Grupo de Trabalho (GT) 18 que corresponde à Educação de Pessoas Jovens e Adultas. No Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹¹ e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCTI)¹².

No que se refere à pesquisa bibliográfica, enfatiza-se que há dois tipos de mapeamento, um denominado “Estado da Arte” e outro “Estado do Conhecimento”. Para Romanowski e Ens (2006), no estado da arte não é suficiente estudar apenas os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos mais amplos das produções da área, já o Estado do Conhecimento é um recorte, aborda um setor das publicações sobre o tema estudado.

Especificamente sobre a realização do Estado do Conhecimento, Moreira (2016) enfatiza que esta é a primeira tarefa de um(a) pesquisador(a) para validar seu objeto de estudo, pois a revisão bibliográfica realizada para o Estado do Conhecimento permite compreender os caminhos metodológicos já percorridos por outros(as) pesquisadores(as), bem como vislumbrar a possibilidade de inovação. Sendo assim, nesta pesquisa optou-se pela realização do Estado do Conhecimento acerca da juvenilização na EJA, considerando a brevidade do tempo de que dispomos para realização da pesquisa, bem como a forma que se realizou este levantamento.

Ademais, a completa realização de um estudo demanda a fundamentação teórica do objeto a ser pesquisado, pois “é preciso que tenhamos uma base teórica para podermos olhar os dados dentro de um quadro de referências que nos permite ir além do que simplesmente nos está sendo mostrado” (NETO, 2004, p. 61).

¹⁰ ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes e demais pesquisadores da área. Tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social. Fundada em 16 de março de 1978, a ANPEd atua de forma comprometida nas lutas pela universalização e pelo desenvolvimento da educação no Brasil.

¹¹ CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior desempenha papel fundamental na expansão e na consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em todos os estados da Federação. O Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é um sistema de busca bibliográfica, que reúne registros desde 1987. Possui como referência a Portaria nº 13/2006, que instituiu a divulgação digital das teses e das dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos.

¹² O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, mas também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. A BDTD, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa, possibilita que a comunidade brasileira de C&T publique e difunda suas teses e dissertações produzidas no País e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional.

Para tanto, buscou-se aporte teórico-metodológico nas obras de Freire (2016; 2015; 2003) para ampliar a concepção de educação. Autores(as) como Arroyo (2018; 2017; 2016); Jardimino e Araújo (2014); Laffin (2013) Sanceverino (2016; 2012) ajudam a refletir acerca dos sujeitos da EJA. Losso (2012), Sanceverino (2016) trazem uma compreensão dos sentidos da mediação na EJA. Para ampliar o entendimento sobre as juventudes, respaldou-se nos estudos de Peralva, (1997), Spósito (2011; 2007), Abramo (2011; 2007), Novaes (2011; 2006), Dayrell (2018; 2007), Abramovay e Esteves (2007). Já para compreender o fenômeno juvenilização, destacaram-se os estudos de Dayrell (2018); Leão (2018); Brunel (2008); Carrano (2007) e, também, os(as) diversos autores(as) que compuseram o Estado do Conhecimento, tais autores(as) ampliam a compreensão acerca do que vem sendo denominado fenômeno juvenilização da EJA.

Com relação ao *Locus* da pesquisa, foi realizada na Unidade Descentralizada do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES), situado no Bairro Berté no município de Ponte Serrada que está localizado no oeste de Santa Catarina, a uma distância de 530 Km de Florianópolis, capital do estado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa populacional para 2017 era de 11.545 habitantes. As principais atividades econômicas desenvolvidas compreendem a agricultura, agropecuária, indústria madeireira e de erva-mate (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE SERRADA, 2019).

O NAES foi criado no dia 12 de março de 1998 pela Portaria Nº 207-SE por meio do Convênio nº 10424/98 assumido entre a esfera Municipal e o Estado, com interveniência do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) da 5ª Agência de Desenvolvimento Regional de Xanxerê/SC. O NAES é a única instituição de ensino do município que oferta a modalidade de Educação de Pessoas Jovens e Adultas, a unidade atende apenas no período noturno e recebe estudantes oriundos(as) tanto da zona urbana quanto rural.

Com relação à estrutura física do NAES, o prédio apresenta boas condições de uso e está de acordo com as normas de acessibilidade, sendo composta de três salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, refeitório, dois banheiros e a sala da direção. O prédio é alugado pela prefeitura municipal e além do NAES que está situado no segundo andar do prédio, no térreo funciona o polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O quadro de funcionários(as) do NAES, no primeiro semestre de 2019, foi composto por uma gestora, uma secretária, uma professora de pedagogia, um monitor de laboratório de informática, uma agente de serviços gerais e uma cozinheira, contratados(as) pelo município de Ponte Serrada-SC; as demais professoras: uma de espanhol, uma de português, uma de

educação física e uma de história contratadas pela Secretaria de Estado de Educação (SED) de Santa Catarina. Em relação à formação das professoras, todas possuem graduação em suas respectivas áreas de atuação e atendem os(as) estudantes do ensino fundamental e médio.

Cabe ressaltar que, anterior ao início da coleta de dados, se obteve a autorização do CEJA para realização da pesquisa mediante Termo de Ciência e Concordância da Instituição (APÊNDICE 1). Neste estudo realizamos a pesquisa com estudantes do ensino fundamental e médio, jovens com idade entre 15 e 24 anos. Com base em dados obtidos junto à secretaria do NAES de Ponte Serrada-SC, pode-se constatar um número elevado de jovens matriculados(as), como segue dos 73 alunos(as) com matrícula ativa no primeiro semestre de 2019, 75.34% (n=55) dos(as) estudantes possuem idade entre 15 e 24 anos. Esse fato evidencia o processo de juvenilização presente na unidade de ensino.

Com vistas a obter respostas e desvelar a realidade que se apresenta no cenário educacional da EJA, a coleta de dados foi realizada mediante os seguintes instrumentos: questionário e entrevista semiestruturada. Segundo Gil (2010, p. 102), “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas, por escrito, pelo pesquisado. Entrevista por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde”.

Ainda segundo Minayo (2012), a entrevista é uma técnica privilegiada de comunicação, que se caracteriza como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, objetiva construir informações pertinentes e relevantes para o objeto de pesquisa. Destarte na entrevista, a relação que se cria é de interação e a vantagem desta técnica é que ela permite a captação imediata das informações.

Ademais, para Sanceverino (2016, p. 460), “a oportunidade de entrevistar favorece, assim, não só o conhecimento do outro, mas o reconhecimento de si mesmo”. Desse modo, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, o que permitiu ao(a) entrevistado(a) falar sobre o tema em questão sem se deter apenas ao questionamento formulado.

Inicialmente, aplicou-se o questionário (APÊNDICE 6) a todos os(as) estudantes do ensino fundamental e médio com idade entre 15 e 24 anos, ou seja um total de 55 estudantes, a fim de caracterizar o perfil dos(as) jovens matriculados(as) na EJA do NAES do município de Ponte Serrada/SC. Posteriormente, realizou-se entrevista (APÊNDICE 7) com uma amostra representativa de 12 estudantes, objetivando identificar os fatores que levaram os(as) jovens procurar essa modalidade da Educação Básica e, também, analisar os interesses e as expectativas dos(as) jovens em relação à escolarização e à EJA.

Todos(as) os(as) estudantes com idade entre 15 e 24 anos foram recrutados(as) para participar da pesquisa respondendo o questionário, e 12 estudantes se dispuseram voluntariamente a participar das entrevistas. Como a pesquisa envolveu a participação de estudantes com idade inferior a 18 anos a aplicação do questionário e da entrevista foi realizada mediante autorização dos(as) responsáveis em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2) assim como o devido preenchimento do Termo de Assentimento (APÊNDICE 4), pelos(as) estudantes. Os(as) demais participantes com idade superior a 18 anos também expressaram sua concordância em participar da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3).

Ainda, realizaram-se entrevistas (APÊNDICE 8) com as professoras e a gestora do NAES de Ponte Serrada-SC a fim melhor entender os motivos que levaram os(as) jovens a matricular-se, na EJA dando origem ao fenômeno juvenilização. É importante salientar que todas as entrevistas foram gravadas na forma de áudio, mediante assinatura no Termo de Consentimento para Uso de Voz (APÊNDICE 5).

Segundo Lüdke e André (2017, p. 43), “a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda sua atenção ao entrevistado”. Além disso, Brunel (2008) pontua que gravar as conversas é importante, uma vez que permite registrar o que não está documentado, que desaparece se não for anotado e servirá para captar o que não está explícito, ou mesmo indizível.

Seguindo o que preconizam as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, serão mantidos sob a responsabilidade da pesquisadora, por um período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa. Ressalta-se que todas as etapas desta pesquisa seguiram as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFFS, cujo projeto obteve aprovação (ANEXO 1) e a devida Certificação de Apresentação para apreciação Ética (CAAE) sob o número 09295619.9.0000.5564.

Com relação a etapa da análise dos dados da pesquisa, Gomes (2004) elenca três finalidades que se complementam entre si e permitem a compreensão dos dados coletados; confirmar os pressupostos da pesquisa e/ou responder aos questionamentos iniciais e ampliar o conhecimento sobre a temática pesquisada. Sendo assim, para analisar os dados empíricos obtidos na pesquisa de campo, empregaram-se as técnicas de análise de conteúdo.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas que visam por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos à obtenção de indicadores que

permitam a inferência de conhecimentos referentes a produção e/ou recepção destas mensagens, ou seja, mediante a análise de conteúdo, é possível ir além do que está sendo comunicado no conteúdo dos materiais coletados a fim de captar a essência da mensagem.

Pode-se dizer ainda que, na análise de conteúdo, o interesse não consiste apenas na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes poderão ensinar após serem tratados. Ademais, podemos através da análise de conteúdo encontrar respostas para o problema de pesquisa e confirmar, ou não, as hipóteses estabelecidas no início da pesquisa (BARDIN, 1977).

Nesta perspectiva, Gomes (2004) destaca duas funções na aplicação da técnica de análise de conteúdo, uma se refere à verificação de hipóteses e/ou questões e a outra faz alusão à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, todavia as duas funções se complementam e podem ser aplicadas tanto na pesquisa quantitativa quanto na qualitativa.

Ademais, torna-se importante ressaltar que para a análise de conteúdo identificam-se categorias e subcategorias, “as categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (GOMES, 2004, p. 70).

Para tanto, formularam-se três categorias analíticas, a saber: o perfil dos(as) jovens, em que realizou-se a análise do questionário, nesta etapa utilizou-se como suporte o *Software Excel* para tabulação dos dados e a construção dos gráficos e tabelas. A segunda categoria compreende a análise das entrevistas realizadas com os(as) jovens estudantes da EJA e na terceira categoria examinaram-se as entrevistas feitas com as professoras.

Por conseguinte, salienta-se que os Mestrados Profissionais possuem algumas especificidades, sobretudo por possibilitarem o desenvolvimento, a aplicação ou a intervenção na realidade pesquisada, corrobora a esta afirmativa Fialho e Hetkowski (2017, p. 19) ao argumentarem que “os mestrados profissionais, em face da natureza da formação e das especificidades dos trabalhos de conclusão, vêm-se constituindo como um espaço importante de aplicação, de geração e de avaliação de metodologias que vão além da compreensão dos fenômenos [...]”, ou seja, os Mestrados Profissionais estão comprometidos com a realização de investigações relacionadas as problemáticas do contexto social do(a) pesquisador(a) e ao desenvolvimento de produtos que apontem soluções, encaminhamentos e intervenções.

Sendo assim, após a conclusão desta pesquisa, como proposta de intervenção se realizará um encontro para socialização dos resultados junto à Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC. Na próxima seção esta mais bem detalhada esta proposta de intervenção.

2.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Nesta seção, discorre-se brevemente sobre a proposta de intervenção que corresponde ao produto da pesquisa, tendo em vista que uma das características do Mestrado Profissional é a apresentação de um produto, ou ainda, a implementação de uma proposta de intervenção na realidade pesquisada.

Sendo assim, neste estudo, o produto final consistirá na socialização dos resultados de pesquisa em um encontro realizado junto à Rede de Atendimento Intersetorial do Município de Ponte Serrada-SC, com o propósito de suscitar reflexões sobre essa temática. A devolutiva da pesquisa se dará após a conclusão do estudo, objetivando colaborar com a compreensão do fenômeno juvenilização, para que a instituição analisada de posse dos resultados possa promover a melhoria das condições de êxito e de permanência dos(as) estudantes que ingressam na EJA, assim como para que as instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens que estão de fato produzindo este fenômeno sejam sensibilizadas quanto à participação e estabeleçam um novo olhar sobre estes(as) jovens.

Torna-se relevante pontuar que a opção por socializar os resultados da pesquisa como uma forma de intervenção foi uma demanda levantada pela gestora da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, uma vez que ela integra a Rede de Atendimento Intersetorial do Município de Ponte Serrada-SC e manifestou interesse que os demais órgãos e entidades representadas possam se apropriar dos resultados, haja vista que a juvenilização da EJA é crescente neste município e, portanto de extrema relevância apresentar essa pesquisa.

Mediante primeiro contato com a presidente da Rede de Atendimento Intersetorial do município de Ponte Serrada-SC, agendou-se a participação para o mês de março de 2020, sendo representadas neste encontro os seguintes órgãos e entidades: Secretaria Municipal de Educação; Secretaria de Saúde; Secretaria de Assistência Social; Ministério Público; Conselho Tutelar; Polícia Militar e Civil; Corpo de Bombeiros; Associação de Pais e Alunos Excepcionais (APAE); bem como representantes de todas as Escolas Municipais e Estaduais de Ponte Serrada-SC, além dos(as) participantes da pesquisa: professoras, gestora e estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, portanto cerca de 40 pessoas.

Para tanto, a apresentação da pesquisa centralizar-se-á em alguns pontos estratégicos para o entendimento do público presente, haja vista que nem todos(as) possuem relação com a Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Nesse âmbito, para ampliar essa compreensão, torna-

se relevante contextualizar a EJA como modalidade da Educação Básica para desmistificar a concepção de supletivo e situá-los(as) quanto à temática central deste estudo, ou seja, o fenômeno juvenilização e a partir de então apresentar os resultados da pesquisa que compreendem caracterizar o perfil dos(as) jovens com idade entre 15 e 24 anos de idade, as motivações que os(as) levaram evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA e por fim as expectativas deles(as) em relação à escolarização.

Ciente da importância que a socialização da pesquisa representa, reitera-se que o estudo da realidade permite desvelar outras problemáticas, bem como suscitar novas hipóteses. Com isso, a participação e o envolvimento de todos(as) torna-se uma fonte de conhecimento, para Freire (1999, p. 37) “o povo tem que participar na investigação como investigador e estudioso e não como mero objeto”. Sendo assim, o conhecimento produzido deve ser restituído, difundido aos(às) envolvidos(as) no processo investigativo com o intuito de que os resultados promovam além de reflexões, transformações.

3 BALANÇO DAS PESQUISAS ACERCA DA JUVENILIZAÇÃO NA EJA

Este capítulo visa à ampliação de conhecimentos mediante revisão bibliográfica realizada no campo da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Para tanto, elegeu-se como base de análise a identificação das produções nacionais do GT 18 Grupo de Trabalho de Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd), o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Os critérios de análise para seleção dos trabalhos foram estabelecidos como aqueles cujos títulos, resumos ou palavras-chave explicitassem o descritor “juvenilização” e estivessem relacionados diretamente ao campo de estudo da EJA. Para tanto, foram realizadas algumas combinações de descritores na busca, a saber: “juvenilização”, “juvenilização + EJA”, “juvenilização na EJA”, “juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas”, “juvenilização + juventudes”, “juvenilização + jovens”.

Identificadas às pesquisas, inicialmente, fez-se uma leitura dos resumos dos artigos, das dissertações e das teses, para identificar o objeto de análise qual seja a juvenilização na EJA. No entanto, considerou-se que nem todo resumo dá conta de caracterizar a pesquisa, ainda que devesse, em alguns casos foi necessária uma leitura flutuante nos trabalhos completos para melhor compreender aspectos teóricos e metodológicos das pesquisas. A seguir, apresenta-se o Quadro 1, o qual se situa a quantidade de pesquisas localizadas nos bancos de dados, assim como a natureza da pesquisa: artigo, dissertação ou tese.

Quadro 01 - Produções por banco de dados e natureza das pesquisas.

Banco de Dados	Artigos	Dissertações	Teses	Total
ANPEd Nacional	3	0	0	3
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	0	19	1	20
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)	0	6	2	8

Fonte: Elaborado pela autora a partir da busca bibliográfica, 2019.

A partir da busca nos referidos bancos de dados e seguindo o processo de triagem por meio da leitura, encontrou-se 31 produções, entre teses, dissertações e artigos que se aproximam do objeto de estudo. Assim, quantificou-se as produções pelo ano da publicação a fim de se visualizar a frequência e a constância com que a juvenilização da EJA vem sendo tomada como objeto de pesquisa. Sendo assim, percebe-se que, nos últimos 10 anos, houve mais incidência de publicações, como ilustrado no quadro 02:

Quadro 02 - Quantificação das publicações por ano.

Publicações por ano	1996/1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Total	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-
Publicações por ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total	1	1	-	1	2	2	6	8	3	4	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir da busca bibliográfica, 2019.

Inicialmente, apresenta-se a síntese dos trabalhos publicados na ANPEd nacional no período de 1996 a 2018¹³, pretendeu-se utilizar este recorte temporal em função da aprovação da LDB/1996 que legalizou a redução da idade para ingresso na EJA de 21 anos para 18 anos no ensino médio e de 18 para 15 anos no ensino fundamental, pois pressupõe-se que a partir de, então, houve uma procura maior dos(as) jovens por essa modalidade da Educação Básica e consequentemente iniciaram-se as discussões e as pesquisas sobre essa temática.

No período analisado, encontrou-se 230 publicações, dentre estas identificou-se apenas três trabalhos que abordam a juvenilização, tal constatação parece indicar que ao longo do período selecionado o processo de juvenilização, apesar de crescente nesta modalidade da Educação Básica, não tem sido objeto de pesquisa na EJA. Na sequência apresenta-se o Quadro 03, com a descrição dos títulos, autores(as) e vínculo institucional de ensino superior dos artigos localizados no banco de dados da ANPEd nacional.

¹³ Embora se tenha estabelecido este recorte temporal, foi possível efetuar as buscas somente a partir das publicações de 1998, tendo em vista que neste ano constam os primeiros trabalhos registrados na ANPEd referentes à EJA, ainda sob a forma de grupos e estudos, vindo a consolidar-se como grupo de trabalho somente em 1999, na 22ª reunião da ANPEd. Fato que vem demarcar a Educação de Pessoas Jovens e Adultas como um campo específico e relevante na área da pesquisa educacional (LOSSO, 2012).

Quadro - 03 - Produções na ANPEd Nacional.

Ano	Título	Autor (a)	Instituição
2004	Políticas públicas de direito à Educação de Jovens e Adultos no RJ: estudos da região metropolitana.	Eliane Ribeiro Andrade e Jane Paiva	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
2013	A EJA frente ao enigma das idades: decifrá-lo ou ser por ele devorado.	Letícia Carneiro da Conceição e Luiza Nakayama	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
2015	A alternativa para o menino indesejável: vozes e sujeitos na biopolítica da juvenilização da EJA.	Letícia Carneiro da Conceição	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Fonte: Elaborado pela autora a partir da busca bibliográfica, 2018.

No ano de 2004, a ANPEd nacional foi realizada na cidade de Caxambu-MG e teve como tema: “Intelectuais, Conhecimento e Espaço Público”, foram aprovados 10 trabalhos, entre eles “Políticas públicas de direito à Educação de Jovens e Adultos no RJ: estudos da região metropolitana” de autoria de Eliane Ribeiro Andrade e Jane Paiva, esta pesquisa apresentou a análise de dados referente aos novos desenhos da Educação de Pessoas Jovens e Adultas na esfera local e foi realizada por pesquisadores(as) vinculados(as) a universidades públicas comunitárias e uma organização não-governamental, a pesquisa foi desenvolvida em 10 estados brasileiros visando à compreensão das concepções, das formulações e das ações nas áreas das políticas públicas de juventude e EJA.

No estado do Rio de Janeiro, a investigação abrangeu 20 municípios e teve como objetivos a construção de uma base de dados que permitisse descrever e conhecer as ações desenvolvidas pelo executivo municipal para a escolarização de pessoas jovens e adultas, bem como a verificação de como a juvenilização tem sido considerada em políticas e processos pedagógicos dessa área. Os dados foram coletados a partir de um questionário comum a todos os estados e as informações obtidas mediante trabalho de campo de bolsistas de iniciação científica que realizaram entrevistas com professores(as) responsáveis pela rede local, dirigentes e gestores(as).

Por fim, Andrade e Paiva (2004) apontaram que o modo de expansão da oferta educacional nas últimas décadas, bem como a incorporação de segmentos populares à escola pública não assegurou à maioria das crianças e adolescentes à permanência e êxito na aprendizagem, o que produziu acentuada defasagem idade/série, que segundo as autoras pode explicar a relativa juvenilização nos programas educacionais originalmente delineados para

peças adultas. Assinalam ainda que o número de jovens com baixa escolaridade marcados(as) por experiências escolares descontínuas e negativas, somou-se ao contingente de pessoas adultas que não tiveram acesso à escolarização, compondo assim uma legião de cidadãos(ãs) que requerem novas e adequadas oportunidades educacionais e por esse viés a Educação de Pessoas Jovens e Adultas precisa ser tratada como direito humano fundamental.

No ano de 2013, na 36ª edição da ANPEd nacional realizada em Goiânia-GO cujo tema foi o “Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: desafios para as políticas públicas” foram aprovados 12 trabalhos, entre eles “A EJA frente ao enigma das idades: decifrá-lo ou ser por ele devorado” de autoria de Letícia Carneiro da Conceição e Luiza Nakayama. Nesse trabalho, as autoras objetivaram, através de uma pesquisa bibliográfica, analisar o processo de juvenilização na EJA por meio de conceituação foucaultiana de *genealogia*. Segundo Conceição e Nakayama (2013, p. 4), “esta abordagem é um tipo especial de história que não busca a origem de nenhum objeto e sim a descrição de uma gênese no tempo, mas estudando a história em seu próprio funcionamento e materialidade”.

Na continuação, para Conceição e Nakayama (2013), a expansão da oferta, bem como a universalização do acesso à escolarização, trouxe a EJA um público cada vez mais jovem desencadeando a juvenilização, caracterizada pela acentuada redução da faixa etária dos sujeitos da EJA. E, por fim, reiteram que compreender este novo perfil da EJA implica transpor análises que embasaram sua constituição, bem como reconhecer as peculiaridades do momento transicional vivido na contemporaneidade. Para tanto, sugerem teorizações condizentes com esta nova empiria, assim o aporte teórico pós-crítico surge na tentativa não apenas de compreender o fenômeno juvenilização, mas suscitar, por meio de reflexões, um posicionamento a respeito da juvenilização desta modalidade da Educação Básica.

A 37ª edição da ANPEd nacional, realizada em 2015, em Florianópolis-SC, teve como tema o “Plano Nacional de Educação: tensões e perspectivas para a educação pública brasileira”. Nas produções do GT 18, foram encontrados 23 trabalhos, dentre eles: “A alternativa para o menino indesejável: vozes e sujeitos na biopolítica da juvenilização da EJA” de autoria de Letícia Carneiro da Conceição. Neste ensaio, a autora buscou, por meio de pesquisa documental e pesquisa de campo analisar o jogo de forças modelador da biopolítica da juvenilização da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, no município de Belém-PA.

Baseada nos estudos teóricos de Foucault, na legislação e na literatura específicas da EJA, procurou ouvir as vozes e ressignificar a fala dos sujeitos envolvidos no complexo emaranhado de conceitos, tradições e gerações que constituem a conjuntura contemporânea de

juvenilização desta modalidade da Educação Básica. Para Conceição (2015), a partir dos enunciados de alunos(as) e representantes das três esferas do poder público, responsáveis pela coordenação da EJA, é possível reconstituir o diagrama de forças que operam os biopoderes atuantes neste processo de juvenilização materializado no espaço escolar.

Apresenta-se, a seguir, a revisão bibliográfica em torno das pesquisas disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES no período de 2013 a 2017. Estabelece-se esse recorte temporal, tendo em vista que esse banco, apesar de conter referências dos registros de pesquisas em programas de pós-graduação no Brasil desde 1987, apenas as produções publicadas após 2013, tem seu texto completo armazenado na Plataforma Sucupira.

Para tanto, utilizou-se a ferramenta de busca do próprio portal da Capes e encontrou-se um total de 44 pesquisas, sendo que apenas 19 dissertações e 1 tese aproximam-se do objeto de estudo deste estudo. A seguir situo o Quadro 04 com a descrição dos títulos, autores(as), orientadores(as), instituições de ensino superior das pesquisas localizadas no banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Quadro 04 – Pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Ano	Título	Autor (a)	Orientador (a) Coorientador (a)	Instituição	Tipo
2017	Juvenilização na EJA: significados e implicações do processo de escolarização de jovens	Carolina Coimbra De Carvalho	Francisca das Chagas da Silva Lima	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Dissertação
2017	Despeja na EJA: Reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no município do Rio de Janeiro	Amanda Guerra De Lemos	Luiz Carlos Gil Esteves	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ)	Dissertação
2017	A formação docente e o fenômeno da juvenilização na Educação de Jovens e Adultos: desafios formativos	Núbia Sueli Silva Macedo	Graça Santos Costa; José Jackson Reis dos Santos	Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	Dissertação
2017	Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre a inclusão de adolescentes no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)	Ana Luiza Bacchereti Sodero de Toledo	Manuel Tavares Gomes	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	Dissertação
2016	Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos no ensino médio: Um estudo de caso no município de Salvador Bahia	Luana Leão Afro	Ana Maria Freitas Teixeira	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Dissertação
2016	Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Abaetetuba:	Marivane Silva de	Ivanilde Apoluceno de	Universidade do Estado do Pará	Dissertação

	representações sociais e projeto de vida escolar	Alcantara	Oliveira	(UFPA)	
2015	Juvenilização na EJA: reflexões sobre juventude(s) e escola no Município de Angra dos Reis	Marcelo Laranjeira Duarte	Mônica Dias Peregrino Ferreira	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Dissertação
2015	Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos de Ouro Preto/MG: trajetórias e perspectivas dos estudantes mais jovens	Lorene Dutra Moreira e Ferreira	Rosa Maria da Exaltação Coutrim; Regina Magna Bonifácio de Araújo	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Dissertação
2015	Interfaces entre o ensino médio regular e a juvenilização na EJA: diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre <i>Quefazeres</i> docentes	Larissa Martins Freitas	Celso Ilgo Henz	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Dissertação
2015	Pisando em campo minado: a escolarização de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos	Luci Vieira Catellane Lima	Marli Lúcia Tonatto Zibetti	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Dissertação
2015	Entre Nós e Encruzilhadas: as trajetórias dos jovens de 15 a 17 anos na EJA em Angra dos Reis	Leila Mattos Haddad De Monteiro Marinho	Elionaldo Fernandes Julião	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Dissertação
2015	Juventude, educação e trabalho: um estudo sobre a juvenilização no CEJA de Brusque-SC	Olavo Larangeira Telles Da Silva	Tânia Regina Raitz	Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)	Dissertação
2015	Educação de Jovens e Adultos: como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola?	Vanessa Petró	Clarissa Eckert Baeta Neves	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Tese
2014	Um estudo de caso sobre uma possibilidade para o ensino de matemática na EJA juvenilizada	Rosalina Vieira dos Anjos	Denise Nascimento Silveira	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	Dissertação
2014	Me Jogaram aqui porque eu fiz 15 anos: biopolítica da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Belém-PA (2010-2013)	Letícia Carneiro da Conceição	Luiza Nakayama	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Dissertação
2014	Professores iniciantes na Educação de Jovens e Adultos: Por que ingressam? O que os faz permanecer?	Angelita Aparecida Azevedo Freitas	Célia Maria Fernandes Nunes; Regina Bonifácio Araújo	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Dissertação
2014	Desigualdade e educação: a ação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Vila Velha – ES	Edna e Assis Ferreira Reis	Maria da Penha Smarzaro Siqueira	Universidade Vila Velha (UVV)	Dissertação
2014	Formação permanente de professores(as) da EJA: círculo	Eliziane Tainá	Celso Ingo Henz	Universidade Federal de Santa	Dissertação

	de diálogos como práxis pedagógica humanizadora	Lunardi Ribeiro		Maria (UFSM)	
2014	Estudantes negros em Angra dos Reis: descortinando as desigualdades do Ensino Fundamental Regular à Educação de Jovens e Adultos	Eliana de Oliveira Teixeira	Hustana Maria Vargas	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Dissertação
2013	Da macropolítica às contradições e desafios em nível local: descortinando o PROEJA FIC em Passo Fundo/RS	Ângela Xavier	Telmo Marcon	Universidade de Passo Fundo (UPF)	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos da busca bibliográfica, 2019.

No ano de 2017, foi publicada a dissertação “Juvenilização na EJA: significados e implicações do processo de escolarização de jovens” de Carolina Coimbra de Carvalho, pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. A ênfase da pesquisa centra-se nos(as) jovens, seus modos de vida e trajetórias escolares, buscando apreender os significados e suas percepções sobre a trajetória escolar.

Para tanto, o objetivo geral que orientou o desenvolvimento da pesquisa buscou analisar as implicações do processo de juvenilização na EJA. No percurso metodológico, realizou-se pesquisa bibliográfica, documental e empírica de cunho crítico analítico, no que se refere à opção metodológica, recorreu-se à pesquisa qualitativa, tendo como foco o caráter subjetivo do fenômeno analisado.

Segundo Carvalho (2017), ao longo da pesquisa foi possível constatar a real existência da juvenilização desta modalidade em todo o país, ficando evidente que, em São Luís-MA, esse quadro tem-se intensificado. Além disso, os resultados obtidos nesta pesquisa indicaram que as matrículas de EJA, do ensino fundamental, em São Luís, vêm sendo compostas por um grande número de jovens entre 15 e 17 anos, com trajetórias escolares acidentadas, marcadas pela repetência, pela evasão, enfim relacionadas ao processo de fracasso do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, que os(as) tem “empurrado” para a EJA.

Ainda no ano de 2017 foi publicada a pesquisa “Despeja na EJA: Reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no município do Rio de Janeiro” autoria de Amanda Guerra de Lemos vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O presente trabalho discute o processo de juvenilização da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), no município do Rio de Janeiro, e objetiva investigar a migração para a EJA de estudantes com faixa etária de 15 e 16 anos.

Metodologicamente a pesquisa possui natureza qualitativa, realizada mediante um estudo de caso no ano de 2016 que analisou o processo de “migração perversa” de jovens de uma escola pública municipal, transferidos(as) do ensino fundamental sequencial para o Programa de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (PEJA), oferecido no horário noturno. Segundo Lemos (2017), os resultados encontrados na pesquisa denunciam a utilização do PEJA predominantemente como política de correção do fluxo escolar, prática que concorre para tornar o Programa um mecanismo de legitimação dessa migração perversa.

Outra pesquisa de 2017 identificada foi “A formação docente e o fenômeno juvenilização na Educação de Jovens e Adultos: desafios formativos” de autoria de Núbia Sueli Silva Macedo vinculada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia. A pesquisa buscou responder aos desafios formativos dos(as) professores(as) de Educação de Pessoas Jovens e Adultas frente ao fenômeno juvenilização. E, com base na referida questão, elencou-se como objetivos: analisar os desafios formativos dos(as) professores(as) para o trabalho junto aos(as) jovens que frequentam a Educação de Pessoas Jovens e Adultas; bem como construir uma proposta formativa que considere as especificidades da juventude na EJA.

De natureza qualitativa, a pesquisa foi desenvolvida na cidade de Vitória da Conquista-BA, em uma escola da rede municipal de ensino, por meio de um estudo exploratório, de enfoque colaborativo. Utilizou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo que se materializou no estudo do contexto da escola e escuta de docentes da EJA. A organização e a análise dos dados foram sistematizadas tomando como referência o significado de tema e subtema em Paulo Freire.

Segundo Macedo (2017), os resultados revelaram a necessidade de pensar uma formação colaborativa que atendesse aos desafios atuais da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, o que significa criar oportunidades de reflexão sobre a prática pedagógica com o intuito de favorecer a compreensão do fenômeno juvenilização na EJA.

O trabalho “Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre a inclusão de adolescentes no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA)” publicado em 2017 de autoria de Ana Luiza Bacchereti Soderro de Toledo vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho teve como objetivos conhecer as razões que levam estudantes saírem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, principalmente no oitavo e nono ano do ensino fundamental, bem como identificar que perspectivas e expectativas levantam ao procurarem matricular-se no CIEJA.

O referencial teórico que guiou a pesquisa de Toledo (2017) foi o materialismo histórico dialético, a autora utilizou a abordagem quali-quantitativa, e na pesquisa de campo mediante aplicação de questionário e entrevista semiestruturada aos(as) adolescentes matriculados(as) no CIEJA Sé – Cambuci do município de São Paulo-SP triangulou os dados obtidos por meio da técnica da análise de discurso e de análise estatística.

Com relação aos resultados, Toledo (2017) conclui que a dificuldade de aprendizagem não é o estopim do fenômeno juvenilização da EJA, mas é a consequência das condições encontradas pelos(as) adolescentes no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Ademais, pontua que a procura pelo CIEJA vem da necessidade de uma formação mínima para ingressar no mercado de trabalho. Além disso, a pesquisa evidenciou a necessidade de formação de professores(as) voltada para o processo de aprendizagem dos(as) adolescentes, bem como sugere a revisão do currículo da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, visto que o público da EJA modificou-se, tendo em vista o fenômeno juvenilização que perpassa esta modalidade Educação Básica.

No ano de 2016, foi publicada a pesquisa “Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos no ensino médio: Um estudo de caso no município de Salvador Bahia” de autoria de Luana Leão Afro, atrelada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Segundo a autora, progressivamente tem-se observado a multiplicação da presença de jovens entre 15 e 24 anos matriculados(as) na Educação de Pessoas Jovens e Adultas, e este crescimento contínuo tem caracterizado o fenômeno juvenilização da EJA.

Diante desta constatação, a pesquisa de Afro (2016) teve como objetivo analisar o processo de juvenilização no ensino médio nas classes de Educação de Pessoas Jovens e Adultas em uma escola da rede pública estadual do município de Salvador-BA. Ademais, o estudo buscou entender o que tem interferido para que os(as) jovens evadam do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens para ingressarem na EJA, também teve o intuito de identificar junto aos(as) docentes quais as principais dificuldades enfrentadas devido à juvenilização experienciada na EJA.

Com relação ao percurso teórico-metodológico adotado, Afro (2016) empregou a abordagem quali-quantitativa e optou pelo estudo de caso, na pesquisa de campo aplicou questionário e entrevista semiestruturada aos(as) alunos(as), professores(as) e gestor(a). Para Afro (2016), a juvenilização tem sido um desafio para os(as) docentes, tendo em vista a diversidade não apenas etária, mas, sobretudo, por conta dos diversos níveis de letramento e realidades do público. Dessa forma, constatou-se que, ao final da pesquisa, a necessidade de

capacitação dos(as) docentes como ferramenta de redução da evasão inclusive diante do fenômeno juvenilização dessa modalidade da Educação Básica.

Em 2016, foi publicada a dissertação “Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Abaetetuba: representações sociais e projeto de vida escolar” de autoria de Marivane Silva de Alcantara vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. A autora debate a juvenilização da Educação de Pessoas Jovens e Adultas em interface com a Teoria das Representações Sociais, objetivando analisar as representações sociais que estudantes jovens expressam em relação à Educação de Pessoas Jovens e Adultas e as implicações com o projeto de vida escolar.

Metodologicamente a pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, com utilização de pesquisa de campo, os sujeitos da pesquisa foram estudantes da EJA, bem como uma das coordenadoras da escola Centenária do município de Abaetetuba-PA. Os procedimentos metodológicos adotados foram levantamentos bibliográficos e documental, além de observação *in loco* e entrevista semiestruturada. Para sistematização dos dados empregou-se a categorização da análise de conteúdo e os processos formadores das representações sociais: ancoragem e objetivação.

Segundo Alcantara (2016), os resultados apontaram que a EJA representa para os(as) estudantes jovens tanto uma qualificação como um afeto, qualificação no que diz respeito a concluir os estudos e obter uma certificação de forma rápida. Afeto no sentido de sentirem-se bem por estarem ali e interagirem ao conversar com outras pessoas.

Além disso, a autora pontua que a questão da juvenilização da EJA deve ser problematizada nas escolas, pois esse fenômeno está sendo interpretado de maneira distorcida, uma vez que professores(as), coordenadores(as) e gestores(as) consideram a presença dos(as) jovens na EJA de forma negativa, haja vista que são alunos(as) considerados(as) bagunceiros(as) e desinteressados(as) e que atrapalham as aulas. Esta concepção errônea dificulta a identificação dos motivos que levam tantos(as) jovens a ingressarem na EJA. Para a autora, é preciso considerá-los(as) na sua complexidade e especificidade, tomando-os(as) como sujeitos pertencentes a contextos diversos.

No ano de 2015, foi publicada a dissertação “Juvenilização na EJA: reflexões sobre juventude(s) e escola no Município de Angra dos Reis” de autoria de Marcelo Laranjeira Duarte vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O presente trabalho traz uma discussão referente a presença de jovens nas turmas de EJA de

ensino fundamental, problematizando a posição da juventude neste sistema escolar, que tem sido fortemente marcado por desigualdades e por processos de exclusão, em especial com os(as) jovens das camadas populares.

Logo, este estudo objetivou investigar o que tem sido chamado de juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas no município de Angra dos Reis-RJ, a partir do estudo de caso da escola municipal Coronel João Pedro de Almeida. No processo de investigação, foi realizada pesquisa bibliográfica e também coleta de dados estatísticos e empíricos das matrículas dos(as) alunos(as) da EJA, no período entre 2005 e 2014. Além da análise das matrículas, realizaram-se entrevistas com os(as) jovens da EJA tendo por finalidade encontrar respostas ou indícios sobre os motivos que levam os(as) jovens a estudarem nesta modalidade da Educação Básica, especificamente no ensino fundamental.

Segundo Duarte (2015), os resultados obtidos na pesquisa quanto à juvenilização da EJA pode ser entendida por diferentes enfoques, sobretudo pelo aumento quantitativo do número de estudantes jovens, principalmente com faixa etária entre 15 e 17 anos nas turmas da EJA. Essa juvenilização ocorre por motivos diversos e estão relacionados basicamente com a situação de fracasso escolar, altos índices de evasão e repetência, tentativa de superar a distorção idade/série, questões de indisciplina e, ainda, pela possibilidade de conciliar os estudos e o trabalho, pelo fato de a oferta de EJA ser geralmente no período noturno.

Sendo assim, Duarte (2015) pontua que é possível perceber que as demandas recebidas pela EJA são produzidas no próprio sistema escolar, neste caso, no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Ademais, constatou-se que à medida que a presença de alunos(as) jovens aumenta, tornando-se maioria quantitativa na composição da EJA, há a redução do quantitativo de sujeitos com idade mais avançada nestas turmas.

Em 2015 foi publicada a pesquisa “Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos de Ouro Preto/MG: trajetórias e perspectivas dos estudantes mais jovens” de autoria de Lorene Dutra Moreira e Ferreira, pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Percebe-se conforme Ferreira (2015) o aumento de matrículas de jovens com 18 anos ou menos nos cursos de EJA, tal crescimento tem intrigado estudiosos(as), professores(as) e gestores(as). Sendo assim, nesta pesquisa pretendeu-se conhecer melhor quem são esses sujeitos que se inserem na EJA e apreender as sutilezas dos processos de hierarquização, segregação e reprodução de desigualdades.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa e o campo de estudo foi uma escola pública na cidade de Ouro Preto-MG. Inicialmente, analisou-se o

histórico escolar dos(as) alunos(as) com menos de 18 anos matriculados(as) na EJA e, posteriormente, foram entrevistados(as) seis alunos(as), bem como suas mães. Além disso, observou-se o cotidiano sociocultural dos sujeitos, assim como o ambiente familiar, com enfoque nas práticas educativas e nas suas expectativas.

Ferreira (2015) constatou que vem aumentando o número de adolescentes matriculados(as) na EJA, em Ouro Preto-MG, e os motivos são diversos, entre eles, o fato de a legislação (LDB/1996) fixar a idade para certificação em 15 anos, no ensino fundamental, o que contribuiu para que adolescentes, acima dessa idade, não tenham suas matrículas aceitas no *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens*.

Além disso, trajetórias escolares marcadas por reprovações facilitaram o encaminhamento de jovens cada vez mais jovens para a EJA. Outro aspecto levantado na pesquisa de Ferreira (2015) é que o baixo nível de escolaridade dos pais (pais/mães) tem dificultado a implementação de práticas de escolarização permanente nos(as) filhos(as). Esses e outros fatores apontam para uma exclusão cada vez mais cedo destes(as) estudantes e, conseqüentemente, seu encaminhamento para EJA.

Em 2015, Larissa Martins Freitas publicou a pesquisa: “Interfaces entre o ensino médio regular e a juvenilização na EJA: diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre *Quefazeres* docentes”, dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo foi compreender como os(as) educadores(as) professores(as) expressam os dizeres sobre seu *quefazer* docente por meio dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, considerando as interfaces entre o ensino médio e a juvenilização na EJA, em vista de uma práxis educativa humanizadora.

Metodologicamente, este estudo fundamentou-se em uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, com características de pesquisa-formação, uma vez que os sujeitos coautores participaram ativamente em todas as etapas da pesquisa. Para dinâmica dos encontros formativos com os(as) educadores(as), aplicou-se a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos. Para análise e para interpretação dos resultados, utilizou o enfoque hermenêutico, tendo em vista a possibilidade de compreender a realidade que se apresenta a partir do modo pelo qual cada um(a) está no mundo.

A partir das vozes de estudantes e educadores(as), Freitas (2015) verificou que os(as) estudantes que buscam a EJA são, principalmente, jovens com idade entre 18 e 21 anos que migraram em razão de terem vivenciado experiências malsucedidas no *Ensino de Crianças,*

Adolescentes e Jovens e/ou devido à falta de sentido atribuída por eles(as) à referida etapa e, ainda, por buscarem uma educação mais humana, significativa e afetuosa.

Freitas (2015) constatou também que, na EJA, os(as) docentes possuem um olhar diferenciado para os(as) jovens estudantes e tem-se comprometido a refletir sobre seus *quefazeres* com vistas a melhor acolher esses(as) estudantes tornando o ensino, efetivamente significativo e mobilizador de aprendizagens. Concluiu ainda que são muitos os desafios que se colocam à auto (trans)formação permanente de educadores(as), com o intuito de propiciar uma educação conscientizadora e libertadora que possibilite o *ser mais* tanto dos(as) docentes quanto dos(as) estudantes da EJA.

A escolarização de adolescentes na Educação de Pessoas Jovens e Adultas na rede pública de ensino em Ji-Paraná-RO foi tema de dissertação publicada no ano 2015, “Pisando em campo minado: a escolarização de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos” de Luci Vieira Catellane Lima vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. A investigação partiu do pressuposto que a adolescência é uma categoria social e historicamente construída. O trabalho objetivou investigar o processo de escolarização de adolescentes com idade entre 15 e 17 anos da Educação de Pessoas Jovens e Adultas nos anos finais do ensino fundamental, no município de Ji-Paraná.

O arcabouço teórico que sustentou a pesquisa fundamentou-se na Psicologia Histórico-Cultural, mas também no aparato legal produzido em função de garantir os direitos da infância e da adolescência a partir da Constituição Federal de 1988. Adotando os referenciais da abordagem qualitativa, analisaram-se documentos de matrícula, regimentos escolares e projetos pedagógicos de oito escolas que ofertam essa modalidade da Educação Básica, além disso, foram entrevistados(as) representantes das secretarias estadual e municipal, bem como coordenadores(as) e professores(as) de escolas de EJA.

De acordo com Lima (2015), os resultados desta pesquisa evidenciaram que a juvenilização da EJA é uma realidade em Ji-Paraná-RO, uma vez que 29% dos(as) estudantes matriculados(as), no segundo segmento do ensino fundamental, entre 2010 e 2012 estavam na faixa etária de 15 a 17 anos. Apesar dos discursos de alguns(as) profissionais, indicarem a EJA como opção de aceleração de estudos aos(as) adolescentes, ela não se tem configurado como tal, visto que o índice de abandono entre os(as) estudantes gira em torno dos 27.5%.

Ademais, as análises empreendidas por Lima (2015) lhe permitiram afirmar que o aumento das matrículas de adolescentes na EJA coincidiu com as cobranças por melhoria dos resultados no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, quando aferidos pelo Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica, uma vez que os(as) estudantes têm sido sistematicamente encaminhados para a EJA como uma prática de higienização do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Dessa forma, a presença dos(as) adolescentes na EJA tem acirrado os tensionamentos nas complexas e frágeis relações professores(as)/estudantes e ampliado os conflitos geracionais.

Em 2015, Leila Mattos Haddad de Monteiro Marinho vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense publicou a dissertação “Entre Nós e Encruzilhadas: as trajetórias dos jovens de 15 a 17 anos na EJA em Angra dos Reis”. Segundo Marinho (2015), o processo de juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas, ao contrário do que se imagina, não é recente, já vem sendo estudado desde a década de 1970, entretanto, vem-se acentuando. A presença de jovens nessa modalidade da Educação Básica provoca incômodos e preocupações, principalmente para professores(as) e gestores(as). Sendo assim, para a autora torna-se cada vez mais necessário compreender essa realidade para identificar possíveis respostas.

De acordo com Marinho (2015), no município de Angra dos Reis-RJ o processo de juvenilização foi sentido com maior intensidade a partir de 2010, quando a faixa etária na EJA caiu acentuadamente, levando em consideração esse fato, o objetivo da pesquisa foi compreender os sentidos e os significados da EJA e da escolarização para esses(as) jovens. A metodologia utilizada na pesquisa foi a abordagem biográfica que procurou recuperar as trajetórias dos sujeitos a fim de compreender as experiências vividas em determinadas situações sociais, também foram aplicados questionários e realizado entrevistas com jovens de 15 a 17 anos matriculados(as) na EJA de uma escola da rede municipal de Angra dos Reis-RJ.

Para Marinho (2015), ao longo da pesquisa foi possível constatar a real juvenilização desta modalidade em todo o território nacional, sobretudo em Angra dos Reis onde houve um aceleramento, principalmente, com o processo de fracasso do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens que os(as) empurra para a EJA, principalmente, devido a sua inadequação à realidade de vida desse público analisado, que são, na maioria jovens pobres, com dificuldades para acompanhar os conteúdos trabalhados na escola, pois muitas vezes esses conteúdos não têm significação para eles(as) por se tratar de uma abordagem distante de suas realidades. Ainda, segundo Marinho (2015), a educação tem que fazer sentido para os sujeitos e estar conectada com a realidade, só assim ela se torna instrumento de transformação e superação das desigualdades sociais.

No ano de 2015, Olavo Larangeira Telles da Silva, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí, publicou sua dissertação intitulada: “Juventude, educação e trabalho: um estudo sobre a juvenilização no CEJA de Brusque-SC”. Segundo o autor essa pesquisa surgiu da necessidade de analisar o que está provocando o ingresso de muitos(as) jovens, no CEJA de Brusque-SC, sendo assim objetivou investigar os fatores da “juvenilização” dessa modalidade da Educação Básica a partir das relações que estabelecidas entre juventude, educação, trabalho e futuro profissional.

Na intenção de compreender esse processo de juvenilização realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa e utilizaram-se dois instrumentos de investigação: questionário aplicado a 130 estudantes, de 15 a 29 anos com o propósito inicial de caracterizar o perfil desses(as) estudantes e, posteriormente, realizaram-se entrevistas individuais com 06 estudantes em que se discutiram os motivos da migração de jovens para a EJA, contextualizando, principalmente, essa modalidade da Educação Básica associada à juventude, à educação e ao trabalho.

Segundo Silva (2015), os resultados da pesquisa revelaram que 66,6% dos(as) estudantes voltam a estudar no CEJA a fim de concluir o ensino médio para cursar o ensino superior ou técnico. Em relação aos motivos de abandono escolar, o trabalho aparece como principal para 52,4%, dos(as) estudantes e observou-se que 83,8% deles(as) estão trabalhando. Para o autor, os dados obtidos nesta pesquisa possibilitaram identificar que a educação é um indicativo de melhor emprego, mais oportunidades de trabalho e ampliação do conhecimento.

E, por fim, Silva (2015) pontua que há uma aproximação dos(as) jovens com a EJA, pois além da motivação para o trabalho, os relacionamentos com os(as) amigos(as) e professores(as) influenciaram positivamente no fato de estarem estudando. Ainda para o autor, esse movimento atual de juvenilização mostra que os(as) jovens vivem um processo de ir e vir no mundo do trabalho, em que novas exigências estão sendo postas e que a educação passa a ser fundamental para se inserir ou se manter no mercado de trabalho, enfatizando a relevância da aprendizagem ao longo da vida para esses(as) jovens.

Em 2015, e a tese de Vanessa Petró intitulada “Educação de Jovens e Adultos: como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola?”. Esta pesquisa foi apresentada no ano de 2015 ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Petró (2015) retoma a problemática do acesso e da permanência na escola a partir da perspectiva da EJA, modalidade que, segundo a autora, se coloca como uma alternativa para aquelas pessoas

jovens e adultas que não obtiveram sucesso em seu percurso escolar no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, seja por reprovações ou devido à evasão. Em decorrência da identificação da presença significativa de jovens na EJA, o recorte do público foi composto pelos(as) jovens, visando assim ampliar o entendimento do processo de juvenilização da EJA.

Sendo assim, Petró (2015) objetivou compreender como as redes sociais operam sobre as trajetórias de vida dos(as) jovens, influenciando a continuidade dos estudos na EJA. Para tanto, desenvolveu a pesquisa de campo em duas etapas, primeiro identificando o perfil dos(as) estudantes da EJA do ensino médio em Porto Alegre-RS, a qual apontou para a maioria jovem nessa modalidade da Educação Básica. A segunda etapa consistiu na realização de entrevistas que retomaram as trajetórias de vida dos(as) jovens estudantes da EJA, visando à identificação das redes de relações sociais que influenciam a continuidade ou a retomada dos estudos.

A análise dos dados sobre o público participante da EJA revelou crescente juvenilização, e apesar de eles(as) terem tido a possibilidade de estudar, fatores ligados à realidade escolar e aos contextos de vida os(as) levaram a trajetórias marcadas pela descontinuidade escolar. Ademais, Petró (2015) afirma que as relações sociais influenciam o processo de escolarização dos(as) jovens de maneira a fazer com que retomem os estudos ou permaneçam na escola. A partir da análise realizada, identificaram-se tipos de vínculos distintos que atuam sobre as trajetórias de vida, orientando a escolarização. Esses laços permitem novas formas de socialização por meio das relações sociais.

No ano de 2014, Rosalina Vieira dos Anjos apresentou sua pesquisa, “Um estudo de caso sobre uma possibilidade para o ensino de matemática na EJA juvenilizada” ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática Mestrado Profissional da Universidade Federal de Pelotas. Segundo Anjos (2014), a EJA nos últimos anos vem passando por uma sensível alteração de seus sujeitos, devido ao ingresso de adolescentes a partir de 15 anos, fenômeno que tem sido chamado juvenilização. Esse fenômeno modificou o cotidiano da sala de aula e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam esse espaço historicamente dirigido ao público adulto. Assim, sua pesquisa objetivou investigar alternativas de abordagem do ensino de Matemática da EJA na contemporaneidade.

Para realizar a pesquisa, Anjos (2014) desenvolveu uma sequência didática com uma turma de EJA de uma escola pública da cidade de Pelotas-RS, por meio da Modelagem Matemática. Para realizar a investigação, fez uso da abordagem qualitativa e o método estudo de caso e como instrumentos de coleta dos dados empregaram-se a observação, entrevista e

pesquisa documental. O *corpus* da pesquisa, captado por esses instrumentos, foi analisado e interpretado por meio da Análise Textual Discursiva.

Os resultados indicaram que a Modelagem Matemática pode ser um caminho para se trabalhar os conhecimentos matemáticos numa turma de EJA juvenilizada, pois essa técnica envolve elementos do cotidiano, permitindo ao(a) estudante perceber o significado desses conhecimentos e o sentido no contexto de suas vidas. No entanto, por ser uma maneira diferenciada de ensino, faz-se necessário uma adequada adaptação dos(as) alunos(as) a essa metodologia, de forma que eles(as) tornem-se artesãos(ãs) de sua própria formação, podendo contar com a orientação e o auxílio do(a) educador(a) sempre que necessário.

Em 2014, foi publicada a pesquisa “Me Jogaram aqui porque eu fiz 15 anos: biopolítica da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Belém-PA (2010-2013)” dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará de autoria de Letícia Carneiro da Conceição. A pesquisa teve por finalidade: a) empreender uma análise da constituição da Educação de Pessoas Jovens e Adultas como política pública no Brasil, no estado do Pará e no município de Belém; b) compreender como se configura o jogo de forças modelador do atual quadro de juvenilização e presença de grupos intergeracionais na EJA, c) analisar a maneira pela qual os biopoderes e dispositivos disciplinares se apresentam nos espaços da EJA em uma escola municipal da cidade de Belém-PA.

Conforme Conceição (2014), trata-se de um estudo de caráter bibliográfico, empírico e documental. Fez parte da análise, a fala de representantes das instâncias responsáveis pela EJA nas três esferas do poder público, bem como a fala de alunos(as) das turmas de EJA de uma escola municipal de Belém-PA. O trabalho focalizou o tempo histórico de 1940 concentrando as análises no período de 1996 ao atual, em que se observa o fenômeno juvenilização e, mais especificamente, na amostragem dos anos de 2010 a 2013, em que a pesquisa se concentrou. A fundamentação teórica embasou-se nos estudos de Michel Foucault, em que foram empregadas as ferramentas analíticas e os conceitos de biopolítica e da genealogia do poder.

A partir das análises, Conceição (2014) percebeu uma descontinuidade das políticas públicas de EJA, com especial ênfase no estado do Pará e na cidade de Belém. Além disso, segundo a autora uma complexa teia de dispositivos disciplinares, processos de normalização e regulamentação configuram a juvenilização da EJA em Belém-PA.

Para Conceição (2014), na própria legislação educacional, buscaram-se soluções para o problema proporcionado pela interpretação do texto legislativo acerca das idades da EJA. Essa biopolítica se materializa no espaço escolar, evidenciando processos de subjetivação dos(as) alunos(as), conforme expressou a análise dos discursos produzidos. Para Conceição (2014), os sujeitos, não são simplesmente vítimas de ações do poder oficial e sim parte ativa de uma sofisticada rede em constante reconfiguração, dentro da qual se embaralham conceitos e tradições, ressignificando até mesmo a noção das idades.

Também no ano de 2014 foi apresentada a dissertação: “Professores iniciantes na Educação de Jovens e Adultos: Por que ingressam? O que os faz permanecer?” autoria de Angelita Aparecida Azevedo Freitas vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Segundo Freitas (2014), a inserção na carreira docente é uma fase marcada por inúmeras dificuldades, mas também por experiências significativas que permitem descobrir e sobreviver à profissão. Sendo assim, em sua pesquisa objetivou investigar o processo de inserção e de permanência do(a) professor(a) iniciante na Educação de Pessoas Jovens e Adultas na Região dos Inconfidentes-MG.

Freitas (2014) adotou como fundamentação teórico-metodológica a concepção de formação de professores(as) como um *continuum*, baseada em Garcia (1989), Huberman (1995) e Nóvoa (1995) e da abordagem biográfica proposta por Josso (2002), o que direcionou a coleta de dados por meio de narrativas de experiência e questionário de perfil biográfico. Os(as) participantes da pesquisa foram cinco professores(as) iniciantes na EJA.

O estudo revelou que nenhum dos(as) participantes escolheu lecionar na EJA, mas todos(as) encontraram nesta modalidade da Educação Básica razões para a sua permanência, as principais motivações de acordo com Freitas (2014) se relacionam aos(as) alunos(as), a aproximação afetiva, ao diálogo, à troca de experiências, à satisfação profissional diante da aprendizagem e ao desenvolvimento dos(as) estudantes, bem como o reconhecimento e a valorização de seu trabalho.

Todavia a pesquisa evidenciou que são muitos os desafios encontrados pelos(as) professores(as) da EJA, dentre eles Freitas (2014) cita a diversidade etária dos(as) estudantes e o processo crescente de juvenilização. Por fim, aponta para a necessidade de melhor formação inicial e continuada dos(as) professores(as), com o intuito de favorecer o desenvolvimento do trabalho com as especificidades da EJA, bem como sugere a criação de programas de apoio aos(as) professores(as) iniciantes e, ainda, de se endossar a luta em defesa da EJA como uma política pública de Estado.

A dissertação intitulada “Desigualdade e educação: a ação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Vila Velha-ES” de autoria de Edna e Assis Ferreira Reis foi apresentada em 2014 ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha. A pesquisa objetivou analisar a modalidade de Educação de Pessoas Jovens e Adultas, sua relação com a pobreza e o seu papel na formação educacional como proposta que ultrapassa os objetivos da educação básica, sendo uma das direções à inclusão social.

A pesquisa contou com uma base metodológica histórico-explicativa, apoiada na abordagem qualitativa realizada mediante pesquisa bibliográfica sobre a questão social, a pobreza e a questão educacional no Brasil a partir do final do século XX. Buscou ainda compreender a educação como parte da construção de uma prática social e investigando a influência da pobreza como fator relevante de exclusão educacional e, por conseguinte, social. Foi realizada também pesquisa empírica em que a coleta de dados ocorreu por meio de aplicação de três questionários aos(as) alunos(as) da EJA de quatro escolas no município de Vila Velha-ES. As informações dos questionários permitiram delinear o perfil dos(as) estudantes jovens e adultos(as) nas suas conjunturas de vida, comunidade, escola e trabalho.

Segundo Reis (2014), a análise dos resultados apontaram para o fato de que não só pessoas adultas estão procurando a EJA como uma segunda chance, mas também pontuou a presença expressiva dos(as) jovens com faixa etária de 15 a 17 anos, que estão migrando para a EJA e abandonando o *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Segundo a autora, esse fenômeno juvenilização da EJA pode se tornar uma categoria permanente nessa modalidade da Educação Básica, e, sobretudo pode estar vinculado à necessidade de aceleração de estudos tendo em vista a necessidade dos(as) jovens ingressarem no mercado de trabalho como condição de sobrevivência e satisfação de necessidades materiais básicas.

Também no ano de 2014, Eliziane Tainá Lunardi Ribeiro apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria a dissertação intitulada: “Formação permanente de professores(as) da EJA: círculo de diálogos como práxis pedagógica humanizadora”, cujo objetivo foi compreender a formação permanente de professores(as) da modalidade EJA de uma escola municipal, na perspectiva de práxis pedagógica humanizadora.

Como percurso metodológico desenvolveu uma pesquisa de abordagem qualitativa, a pesquisa ocorreu em uma escola municipal da cidade de Santa Maria-RS, com um grupo específico de professores(as) que atuam na EJA, este estudo caracterizou-se como sendo um estudo de caso. Para problematização e análise da narrativa dos(as) professores(as),

compreende-se que a pesquisa inscreveu-se no âmbito hermenêutico, que para Ribeiro (2014), tem como finalidade dialogar com os(as) professores(as), escutá-los(as), e, com eles(as), interpretar as diferentes vivências e os diferentes processos de escolarização, os encontros ocorreram na perspectiva dos Círculos de Diálogos Freireanos.

Ademais, na construção da dissertação desenvolveu-se um estudo bibliográfico em que foi abordado entre outros assuntos o diálogo a respeito da juvenilização na modalidade EJA, fenômeno que ocorre na escola estudada, e que foi uma problemática levantada pelos(as) professores(as) partícipes da pesquisa. De acordo com Ribeiro (2014), a partir da pesquisa foi possível constatar que todos(as) os(as) professores(as) tinham conhecimento da realidade de seus(as) estudantes, sobretudo das vulnerabilidades sociais que estavam sujeitos, assim ressalta-se a constante necessidade de uma formação permanente, de (re)inventar suas práxis pedagógicas tendo em vista as exigências do cotidiano escolar na contemporaneidade.

Em 2014, Eliana de Oliveira Teixeira publicou a pesquisa: “Estudantes negros em Angra dos Reis: descortinando as desigualdades do Ensino Fundamental Regular à Educação de Jovens e Adultos”, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense. A pesquisa objetivou investigar a escolarização de estudantes negros(as) no ensino fundamental na rede municipal de ensino de Angra dos Reis-RJ, no recorte histórico de 2009 a 2013.

De acordo com Teixeira (2014), mesmo que o acesso ao ensino fundamental esteja universalizado, oficialmente, sugerindo igualdade na presença de alunos(as) por cor/raça, quando observados os dados foi possível encontrar indicadores na escolarização que denunciaram certa disparidade. Assim, a análise de matrículas, reprovações, distorção idade/série e adequação ao sistema de ensino apontaram desvantagens no percurso escolar dos(as) estudantes negros(as).

Outro ponto relevante da pesquisa diz respeito à conexão entre os(as) jovens que ocupam a EJA e os desafios da permanência e do sucesso escolar no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Segundo Teixeira (2014), a juvenilização da EJA no município, causado pela inserção de grande parte de jovens de 15 a 17 anos, sinaliza para o fato de que o *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens esteja produzindo esse fenômeno, sendo os(as) estudantes negros(as) os(as) mais propícios aos bancos escolares da EJA. Dessa forma, incorporando a questão racial no contexto da juvenilização também se evidenciou desproporções. Ademais, os achados, sugerem a implementação de políticas de ação

afirmativa em toda a Educação Básica, a fim de proporcionar aos(as) estudantes, experiências de pertencimento étnico-racial, reafirmando a educação como direito de todos(as).

No ano de 2013, publicou-se a dissertação intitulada “Da macropolítica às contradições e desafios em nível local: descortinando o PROEJA FIC em Passo Fundo/RS” de autoria de Ângela Xavier vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. A pesquisa teve como objetivo investigar como ocorreu a experiência do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Pessoas Jovens e Adultas, Formação Inicial e Continuada com Ensino Fundamental (PROEJA FIC) na cidade de Passo Fundo-RS.

Metodologicamente, a pesquisa configurou-se como um estudo de caso, de abordagem qualitativa com uma interlocução quantitativa, envolvendo a aplicação de questionário junto aos(as) professores(as) que atuaram na esfera local, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com egressos(as) do programa e a análise de documentos oficiais.

Especificamente sobre a questão da juvenilização, Xavier (2013) identificou nesta pesquisa que no microcontexto do PROEJA FIC, tal fenômeno vem ocorrendo e acentuando-se cada vez mais na EJA desde 1990, em decorrência de uma série de questões educacionais, históricas, políticas e legais. Essa heterogeneidade do grupo desencadeou, conforme afirmaram os(as) egressos(as), momentos de tensão durante as aulas. Sendo assim, a autora pontua que entender a juvenilização é de suma importância e exige uma avaliação pontual das políticas destinadas tanto para a EJA quanto para o PROEJA FIC.

Além disso, Xavier (2013) afirma que o fato de os(as) jovens, a partir de 15 anos, poderem migrar para EJA, pode gerar muitas vezes, uma inclusão excludente, conforme se percebeu no PROEJA FIC em Passo Fundo-RS, a autora aponta a necessidade de revisão dos projetos políticos pedagógicos como uma alternativa para permitir, de fato incluir estes(as) jovens à margem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, ou ainda, sugere como estratégia ideal pensar quais processos estão provocando as situações de fracasso escolar destes(as) jovens a fim de diminuir os índices de defasagem idade/série e evitar a saída inconclusa dos(as) jovens das escolas de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens.

Por conseguinte, apresenta-se a revisão bibliográfica realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), porém ressalta-se que esta plataforma de pesquisa contém publicações somente a partir do ano de 2002, data em que oficialmente foi lançada. Assim, mediante o instrumento de busca do próprio portal, encontrou-se um total de 31 trabalhos, destes 16 aproximam-se do objeto deste estudo, entretanto oito pesquisas já haviam sido

localizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e relatadas anteriormente, sendo assim deteve-se a explicar os trabalhos inéditos identificados, a saber: seis dissertações e duas teses. A seguir, situa-se o quadro 05 com a descrição dos títulos, autores(as), orientadores(as) e vínculo institucional das pesquisas localizadas na BDTD.

Quadro 05 – Pesquisas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Ano	Título	Autor (a)	Orientador (a) Coorientador (a)	Instituição	Tipo
2018	O abandono do ensino médio regular pelos estudantes e a juvenilização da EJA: uma teia de relações	Juliana Bicalho de Carvalho Barrios	Eliane Cleide da Silva Czernisz	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Dissertação
2016	Jovens na modalidade EJA na escola pública: autodefinição de jovem e função das TDICEs	Helga Valéria de Lima Souza	Carlos Alberto Lopes de Sousa	Universidade de Brasília (UNB)	Dissertação
2012	A política nacional de juventude: assistencialismo ou inovação?	Carla Alessandra Barreto	Maria Teresa Miceli Kerbauy	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)	Tese
2012	Escolarização de alunos com deficiência na Educação de Jovens e Adultos: uma análise dos indicadores educacionais brasileiros	Taísa Grasiela Gomes Liduenha Gonçalves	Sílvia Márcia Ferreira Meletti	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Dissertação
2011	A Implementação da Política de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma Escola Municipal de Vitória/ES: apostas e tensionamentos	Marcel Bittencourt Romano	Ana Lúcia Coelho Heckert	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Dissertação
2009	Juventude, EJA e relações raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA	Natalino Neves da Silva	Nilma Lino Gomes; Juarez Tarcísio Dayrell	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Dissertação
2008	Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural	Sandra dos Santos Andrade	Dagmar Estermann Meyer	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Tese
2003	Educação de Jovens e Adultos: a experiência do PEJ no município do Rio de Janeiro	Marcos Antonio Macedo das Chagas	Alicia Maria de Catalano Bonamino	Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ)	Dissertação

Fonte: Elaborado pela autora a partir da busca bibliográfica, 2019.

No ano de 2018, foi publicada a dissertação “O abandono do ensino médio regular pelos estudantes e a juvenilização da EJA: uma teia de relações” de autoria de Juliana Bicalho de Carvalho Barrios, pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Esta pesquisa empreendeu uma análise do fenômeno juvenilização da EJA sob o viés das políticas. Para tanto, apresentou como objetivo geral compreender a juvenilização da EJA a partir da análise política do Ensino Médio. Quanto à opção metodológica, recorreu-se à abordagem qualitativa e para análise utilizou-se de dados bibliográficos, documentais e estatísticos.

Segundo Barrios (2018), os resultados obtidos na pesquisa evidenciam que embora a juvenilização da EJA seja decorrente de problemas psicopedagógicos e sociais dos(as) estudantes, a raiz do seu desenvolvimento está calcada em atuações políticas e sociais. Enfatiza que o capitalismo e a estruturação da sociedade em classes são o viés central para a compreensão da problemática, pois exercem influência na entrada de jovens nesta modalidade da Educação Básica. Considera ainda, que a juvenilização da EJA retrata uma nova forma de exclusão educacional. Por fim, aponta a necessidade de debater em diversos espaços sociais sobre o direito à educação e às formas veladas de exclusão educacional.

Em 2016, Helga Valéria de Lima Souza apresentou a dissertação “Jovens na modalidade EJA na Escola Pública: autodefinição de jovem e função das TDICES” ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Objetivou analisar a partir das manifestações dos discursos apresentados pelos(as) estudantes matriculados(as) na Educação de Pessoas Jovens e Adultas, elementos da sua autodefinição de jovens ou adultos e as funções atribuídas por eles(as) às Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão.

A pesquisa de caráter qualitativo realizou-se em uma escola pública de Taguatinga Sul-DF, com um grupo de nove estudantes inseridos(as) no sistema educacional para pessoas jovens e adultas do turno vespertino, onde Souza (2016) realizou entrevistas em grupo e individuais que posteriormente foram analisadas seguindo o método da análise do discurso, também fez uma análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP), observação *in loco* do Laboratório de Informática da escola, além disso, aplicou um questionário a alguns(as) de professores(as) a fim de complementar a triangulação dos dados coletados.

De acordo com Souza (2016) os resultados mostraram que os(as) estudantes pesquisados(as) se autoclassificam como jovens e atribuem às TDICES função de comunicação, inserção social e veículo para pesquisa. Além do mais confirmou a existência

do fenômeno juvenilização na EJA com a presença de jovens otimistas em relação ao futuro, possuidores(as) de projetos profissionais e que têm o hábito de navegar em *sites* para pesquisa. Souza (2016) averiguou ainda, a ausência de ações educativas direcionadas para o uso das TDICEs como instrumento de pesquisa e a existência de um desalinhamento da equipe de professores(as) com a proposta educacional da EJA.

Na sequência, a tese “A política nacional de juventude: assistencialismo ou inovação?” de autoria de Carla Alessandra Barreto apresentado no ano de 2012 ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” teve por objetivo discutir e analisar as parcerias ensejadas no ProJovem Urbano a partir do enfoque analítico das políticas públicas. Soma-se a este objetivo analisar o desenho institucional do Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – ProJovem Original/ProJovem Urbano.

A base empírica do estudo de Barreto (2012) compreende ações desenvolvidas no município de Araraquara-SP no período de 2001 a 2006, em que resultaram algumas indagações, tais como: Por que os(as) jovens ingressam na Educação de Pessoas Jovens e Adultas? Por que existe uma chamada juvenilização da Educação de Pessoas Jovens e Adultas? Além disso, a autora pontua a necessidade de perceber quem são esses(as) jovens e se existem programas específicos para atendê-los(as). Quanto à metodologia, configura-se como uma pesquisa de caráter qualitativo e realizou-se pesquisa documental e bibliográfica, além de duas entrevistas com agentes estratégicos(as) do Programa, a saber: a coordenadora geral e uma das avaliadoras da implementação.

No decorrer da pesquisa, Barreto (2012) aponta que os(as) jovens passaram a frequentar as salas de EJA por uma questão institucionalizada e legalizada junto à LDB 9394/96. A autora sugere que a exclusão realizada dentro dos muros escolares é responsável pelo aumento de jovens nas salas de aula da EJA e, por fim, enfatiza que perceber o(a) jovem como parte integrante da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (as) é revelador da desigualdade social, uma vez que os(as) jovens são “expulsos” do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, o que acarreta a juvenilização na EJA.

Quanto ao Projovem, Barreto (2012) considera o desenho do programa inovador, embora com aplicação dificultosa dada nossa cultura política e assistencial por conceber a escolarização dentro de uma perspectiva estreita de reposição da escolaridade, apesar de tentar se apoiar em um novo paradigma de ensino: a interdisciplinaridade.

Em 2012, Taísa Grasiela Gomes Liduenha Gonçalves apresentou, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), a dissertação intitulada “Escolarização de alunos com deficiência na Educação de Jovens e Adultos: uma análise dos indicadores educacionais brasileiros”, cujo objetivo foi analisar as alterações quantitativas no período de 2007-2010 referentes ao acesso de alunos(as) com deficiência na EJA no Brasil. Os procedimentos metodológicos adotados compreendem a análise dos microdados do Censo da Educação Básica disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que possibilitou analisar as matrículas dos(as) alunos(as) com deficiências na EJA.

Ao findar deste estudo, Gonçalves (2012) verificou elevado índice de matrículas de alunos(as) com deficiência nas séries iniciais da EJA e considera esse acesso decorrente das políticas de educação inclusiva e, também, do não acesso desta população à escola na idade regular. Com relação à idade dos(as) alunos(as) com deficiência da EJA destacou a concentração de matrículas em faixas etárias mais baixas o que evidencia a juvenilização presente entre os(as) alunos(as) com deficiência.

No ano de 2011, Marcel Bittencourt Romanió apresentou, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, a dissertação intitulada: “A implementação da política de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal de Vitória/ES: apostas e tensionamentos”. O presente estudo visou acompanhar os efeitos do processo de implementação da política municipal de Educação de Pessoas Jovens e Adultas em uma escola pública do município de Vitória-ES. Metodologicamente, o autor desenvolveu um estudo qualitativo e na pesquisa de campo realizou entrevistas com docentes que atuam na EJA e com a equipe de coordenação de políticas de EJA, além de participar das reuniões de formação docente.

Romanió (2011) destacou em sua pesquisa alguns movimentos experimentados pelos(as) docentes durante o processo de implementação da política municipal de EJA na escola em que a pesquisa foi realizada, tais como: a chegada da proposta à escola; as tensões, os impasses e as conquistas; a formação e os processos de gestão do trabalho docente assim como o processo de juvenilização da EJA. Por fim, o autor concluiu que o processo de implementação experimentado provocou desestabilização nas práticas institucionalizadas na escola e ainda, os debates efetuados com os(as) profissionais da escola provocaram desvios na proposta apresentada pela equipe de coordenação da EJA.

Com relação à juvenilização da EJA, Romano (2011) percebeu que os(as) profissionais vivenciaram um estranhamento, pois afirmaram que a diferença entre as idades causa certo descontentamento com os(as) estudantes adultos(as), podendo, em alguns casos, levá-los(as) à evasão escolar. Para o autor, esses tensionamentos vividos entre os(as) profissionais por conta do processo de juvenilização da EJA provocaram desassossegos que exigem novos modos de lidar com esta realidade e, por vezes, estes novos modos expressam novas separações e discriminações.

A dissertação intitulada: “Juventude, EJA e Relações Raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA” foi apresentada em 2009 ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais por Natalino Neves da Silva. A pesquisa objetivou compreender os significados e os sentidos atribuídos pelos(as) jovens negros(as) aos processos de escolarização vivenciados na EJA, para tanto partiu da seguinte indagação: Como os(as) jovens negros(as) significam o seu processo de escolarização e vivência na EJA?

Com o intuito de responder a esta questão, Silva (2009) realizou uma pesquisa qualitativa de tipo etnográfica, tendo como procedimento metodológico a observação participante. O campo de investigação foi uma escola municipal de Belo Horizonte-MG que oferece a modalidade de Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Como instrumento de coleta de dados utilizou um questionário a fim de levantar o perfil dos sujeitos da pesquisa, que compreendeu jovens com idade entre 15 e 24 anos, realizou também entrevistas individuais semiestruturadas com seis jovens autotclassificados(as) como pretos(as) e pardos(as).

Ao término da pesquisa, Silva (2009) concluiu que além dos sentidos visíveis atribuídos à escolarização da EJA outros significados e sentidos encontram-se “invisíveis” nas práticas educativas em esta modalidade da Educação Básica, estes outros significados e sentidos referem-se às implicações de ser jovem negro(a) na sociedade brasileira e ao sentimento de se encontrar “fora do lugar” na EJA, na sociedade e na escola. O trabalho aponta, ainda, que por se tratar de um fenômeno recente a juvenilização da EJA necessita ser mais compreendida pelos(as) profissionais que atuam nela, sobretudo no que se refere às questões da diversidade.

No ano de 2008, Sandra dos Santos Andrade apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a tese de doutorado: “Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem

cultural”. O presente estudo objetivou investigar alguns dos modos por meio dos quais jovens narram (falam sobre ou explicam) seus processos de escolarização e sobre suas trajetórias de exclusão escolar, somado a este objetivo Andrade (2008) buscou analisar os processos de ex/inclusão que levam um contingente expressivo de jovens a serem excluídos(as) do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* e retornarem ou migrarem para a EJA.

O referencial teórico metodológico que orientou essa pesquisa ancorou-se nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais que recorrem a uma aproximação com a perspectiva pós-estruturalista de análise de discurso de inspiração foucaultiana. A pesquisa empírica compreendeu a observação do espaço e da vida escolar, bem como a realização de entrevistas com os(as) estudantes, a professora da turma e a diretora da escola. Além disso, utilizou um tipo de texto particular em que os(as) jovens faziam narrativas sobre suas trajetórias vividas. Andrade (2008) também organizou grupos de discussões com os(as) estudantes do ensino fundamental noturno de EJA com idade entre 15 e 27 anos, todos(as) de uma escola da rede estadual de Porto Alegre-RS.

Por fim, Andrade (2008) aponta que o processo de juvenilização da EJA ocorre em função do intenso movimento de migração dos(as) jovens do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* para a EJA, também pela diminuição da idade legal de acesso para jovens a EJA, e pontua ainda que a juvenilização exige uma reconfiguração desta modalidade da Educação Básica que, inicialmente, atendia pessoas adultas e idosas que estavam fora da escola há certo tempo e, portanto tais implicações produzem tanto a exclusão quanto inclusão, já que a possibilidade de reinserção de jovens pobres com defasagem idade/série ou com histórico de fracasso escolar não representa a garantia de permanência, pois estar inserido na EJA não significa estar incluído. Ademais é preciso considerar as dimensões de gênero, classe e raça uma vez que processos de inclusão ocorrem distintamente para mulheres/homens, brancos(as)/negros(as), pessoas jovens/adultas.

A dissertação intitulada “Educação de Jovens e Adultos: a experiência do PEJ no município do Rio de Janeiro” foi apresentada no ano de 2003 ao Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por Marcos Antonio Macedo das Chagas. Este estudo objetivou, a partir de uma reflexão histórica da educação de pessoas adultas, compreender as sucessivas políticas educacionais destinadas àqueles sujeitos com idade a partir de 15 anos ou mais que não puderam continuar estudando.

Metodologicamente a pesquisa parte de uma abordagem qualitativa cujo campo de investigação compreendeu o Programa de Educação Juvenil (PEJ) e envolveu as turmas

correspondentes às 7^a e 8^a séries do ensino fundamental de uma escola localizada no centro do Rio de Janeiro-RJ. Inicialmente, realizou-se revisão de bibliografia pertinente ao tema e entrevistas com as coordenadoras municipais do PEJ; análise de registros de matrículas na escola pesquisada; aplicação de questionário a 138 estudantes e entrevistas semiestruturadas com as professoras que estiveram à frente da coordenação do PEJ, para com isso trazer à tona qual a intensidade de juvenilização na EJA, já que o PEJ apesar de abrir espaços para estudantes adultos(as) surgiu comprometido com alunos(as) na faixa etária entre 14 e 25 anos.

A partir das análises, Chagas (2003) concluiu que é possível estar ocorrendo o afastamento dos sujeitos de idades mais avançadas da EJA em consequência da progressiva presença dos(as) jovens, assim a juvenilização gera a exclusão de sujeitos não escolarizados e que se encontram acima da idade entendida como modal.

Além disso, o autor constatou um quadro de juvenilização também no abandono dos(as) estudantes da EJA, já que há menor desistência dos(as) estudantes com idade acima de 25 anos. Finalmente, sugere que o embate geracional poderia ser mais bem equacionado com a elaboração de capacitações para que os(as) professores(as) pudessem no espaço escolar integrar ações partindo da experiência vivida pelos dois grupos, envolvendo as distintas realidades que permeiam o projeto de vida, tanto das pessoas jovens quanto adultas.

Por fim, buscou-se, por meio da análise das pesquisas que constituem o Estado do Conhecimento tecer brevemente algumas considerações acerca das contribuições, bem como possíveis aproximações com o objeto deste estudo. Sendo assim, ponderou-se que a identificação das produções e a respectiva leitura de diversos trabalhos relativos à juvenilização da EJA que foram realizados em distintas regiões do país permitiram a ampliação do conhecimento a respeito desta temática.

Embasando-se no levantamento bibliográfico realizado, percebe-se que a temática da juvenilização na EJA apresenta-se timidamente entre as produções da ANPED nacional. Entretanto, constatou-se que as pesquisas sobre juvenilização ganharam espaço na última década dentre as publicações encontradas na CAPES e na BDTD. Supõe-se que tal configuração possa decorrer da história relativamente recente do fenômeno juvenilização na EJA, bem como a não problematização da inclusão desses(as) jovens e a sua invisibilidade no processo educativo.

Ademais, mediante a análise das pesquisas publicadas neste período de 1996 a 2018, percebe-se que muitos trabalhos trazem apenas a visão instituída quanto ao fenômeno juvenilização pela perspectiva dos(as) jovens estudantes, poucas são as pesquisas que primam

por apresentar também o olhar dos(as) profissionais envolvidos(as) no processo educativo, este é um dos diferenciais desta pesquisa, na qual se procurou compreender este fenômeno também mediante a voz das professoras e gestora que atuam na EJA do NAES do município de Ponte Serrada-SC.

Sendo assim, a partir da constituição deste capítulo foi possível perceber que a juvenilização da EJA é um fenômeno que se tem intensificado ao longo da última década e que ainda existem lacunas incompreendidas que evidenciam a necessidade de ampliar as investigações sobre o fenômeno a fim de compreender os desafios e visualizar alternativas para de fato incluir estes(as) jovens, com o intuito de que a EJA não seja mais um espaço caracterizado pela inclusão excludente, mas um espaço de legitimação de identidades.

4 JUVENILIZAÇÃO NA EJA: UM OLHAR SOBRE AS JUVENTUDES

4.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE JUVENTUDE

A juventude tem sido concebida como um momento de transformação, mas afinal o que determina esse período da juventude? Existe um limite entre seu início e seu término? A partir dessas indagações, busca-se apresentar nessa seção conceituações sobre a juventude, para tanto se embasam nos estudos de Abramo (2011), Pais (2011, 2006), Novaes (2006, 2011), Dayrell (2018, 2003), Leão (2018) entre outros(as) autores(as).

Inicialmente, sublinha-se que, com relação à classificação etária dos(as) jovens, não há um consenso estabelecido na literatura, alguns estudos relativos à juventude classificam os(as) jovens pela faixa etária de 15 a 24 anos de idade baseados em critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Já de acordo com o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852 de 2013 (BRASIL, 2013), é considerado jovem o indivíduo que tem entre 15 e 29 anos e, ainda, de acordo com a Política Nacional de Juventude (PNJ) é possível dividir esse período que compreende a juventude em três grupos etários de 15 a 17 anos denominados(as) jovens-adolescentes, de 18 a 24 anos como jovens-jovens e de 25 a 29 anos como jovens-adultos(as).

Para Abramo (2011, p. 45), “o grupo de idade de 15 a 24 anos, é o que se vem tornando convenção, no Brasil, para abordagem demográfica sobre juventude, pois corresponde ao arco de tempo em que, de modo geral, ocorre o processo relacionado à transição para a vida adulta”, porém a autora alerta sobre a necessidade de relativizar tais marcos, uma vez que as histórias pessoais produzem trajetórias diversas.

Corroborando com esta premissa Novaes (2006) ao observar que devido ao aumento de expectativas de vida e às mudanças no mercado de trabalho, uma parte dos(as) jovens acaba por alargar o chamado tempo de juventude, enquanto para outros(as) devido às responsabilidades, a vida adulta começa mais cedo, portanto independente de qual seja a faixa etária determinada, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais.

Por conseguinte, parte-se do pressuposto de que mergulhar na etimologia leva além da compreensão das palavras e a interpretação da própria realidade. Assim, busca-se conceituar a

juventude a partir de sua origem vocabular que vem do latim *Juventus* e tem como significado “juventude”. Na mitologia romana, *Juventus* era a deusa protetora dos(as) jovens e jovem, também no latim tem sua origem ligada ao deus *Jovis* que significa “jovem, jovial”. Embora na mitologia a vida real esteja entrelaçada com a ficção, percebe-se que homens e mulheres projetavam seus desejos nos deuses e; portanto, pode-se dizer que a juventude era no passado e ainda é no presente uma fase da vida bastante almejada.

Cada etapa da vida tem uma relação diferente com o senso de finitude, e a partir do momento que se tem a percepção da passagem do tempo, acaba-se dando significados diferentes à infância, à juventude, à fase adulta e idosa. As fases da vida são além de momentos definidos biologicamente construções históricas e sociais, ou seja, as definições não são determinadas apenas pelas mudanças corporais e psicológicas, mas, sobretudo são determinadas pelas experiências vivenciadas em determinado tempo e espaço. Por este mesmo viés, Dayrell assevera que,

a juventude pode ser entendida, ao mesmo tempo, como uma condição social e uma representação. De um lado, há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Mas a forma como cada sociedade e, no seu interior, cada grupo social vão lidar e representar esse momento é muito variada no tempo e espaço. Essa diversidade se concretiza no período histórico, nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores etc.), de gênero e também das regiões, entre outros aspectos (DAYRELL, 2018, p. 55).

Observa-se que o próprio conceito de juventude modifica-se de acordo com a sociedade na qual o(a) jovem está inserido(a). Por esta perspectiva, a juventude não é somente uma condição biológica, mas sim um conceito cultural. Para Melucci (1997, p. 13), “a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade”.

Não obstante, Leão salienta que “a juventude é uma construção histórica, fruto tanto das transformações sociais e econômicas da modernidade [...] quanto das representações sociais construídas em épocas e contextos específicos” (LEÃO, 2018, p. 73). Dessa forma, evidencia-se que as transformações ocorridas na sociedade ao longo da história suscitam mudanças no modo de viver a juventude.

Assim, reitera-se que a juventude é um conceito em transformação, haja vista as constantes mudanças que perpassam a sociedade e, nesse sentido, a sua definição se renova a

cada novo período vivenciado pela humanidade; Novaes (2006, p.105) corrobora com este entendimento e pondera que “lembrar que ‘juventude’ é um conceito construído histórica e culturalmente já é lugar-comum. As definições sobre ‘o que é ser jovem?’ quem e até quando pode ser considerado jovem? Tem mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços sociais”.

Por este mesmo entendimento Furini; Durand e Santos (2011) consideraram que histórica e socialmente a juventude vem sendo compreendida como uma fase de vida que se modifica conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural. Dessa forma, Esteves e Abramovay (2007) asseveram que “a realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 21).

A partir desta concepção de juventude não se pode compreendê-la como uma fase da vida delimitada por um recorte etário, já que ser jovem envolve também a compreensão de subjetividades. Assim, refletir sobre o conceito de juventude e mais amplamente sobre as juventudes requer reconhecer as especificidades dos sujeitos jovens, pois são seres singulares, é no relacionar-se com seus pares que corporificam a pluralidade das juventudes.

Deste modo, para situar quem são estes(as) jovens é preciso ter uma compreensão mais ampla da própria juventude, pois em torno da ideia de juventude perpassam muitas interpretações. Para Dayrell, “podemos afirmar que não existe uma juventude, mas sim juventudes, no plural, enfatizando, assim a diversidade de modos de ser jovem na nossa sociedade” (DAYRELL, 2018, p. 55). Nessa mesma direção, Velho (2006) pontua que colocar juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea, a fim de evitar simplificações.

A questão mais pertinente não seria o que é ser jovem? Ou, qual a melhor definição de juventude? Mas, como a sociedade compreende os(as) jovens? Verifica-se, nesse âmbito, que o trabalho de Peralva (1997) colabora com a afirmação que as fases da vida, apesar de estarem embasadas no desenvolvimento biopsíquico, são fenômenos sociais e históricos ligados ao surgimento da modernidade, logo, a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Nessa lógica, Peralva afirma, “[...] com respeito à infância e à juventude, revela-se também a particularidade do vínculo social através do qual a juventude aparece como configuração própria da experiência moderna.” (PERALVA, 1997, p. 15).

Ademais, ao analisar a juventude na modernidade entende-se mais amplamente como parte da constituição dos sujeitos, conforme Dayrell (2003, p. 42) “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma”, portanto a constituição da juventude é um processo influenciado pelo meio social. Neste mesmo viés, Leão (2018) aponta que as transformações vivenciadas em determinado contexto social conferem mudanças no modo de viver a juventude,

a juventude pode ser compreendida como um período da vida determinado pelo modo como historicamente as sociedades organizam seus ciclos de vida. Ela compreende demandas específicas cuja centralidade está na inserção social das novas gerações. É o tempo da aquisição e experimentação da autonomia. Se em outros tempos havia um percurso nítido da juventude à vida adulta, hoje predomina entre os jovens, a incerteza quanto ao futuro (LEÃO, 2018, p. 74).

Em outras palavras, a juventude é uma construção social, produzida a partir das múltiplas formas como a sociedade concebe os(as) jovens, na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia e grupo (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007).

Estudos realizados por Dayrell (2003) evidenciam que uma série de pesquisas acerca da juventude apresentam lacunas e que podem interferir na maneira de se compreender os(as) jovens, uma delas é a juventude concebida como um período transitório, esta concepção é marcada pela expectativa futura, ou seja na vida adulta, havendo uma negação do presente como espaço de formação.

Outra visão romântica cristalizada a partir da década de 60 compreende a juventude como um tempo de liberdade, de prazer, atrelada ao conceito de moratória e à possibilidade de desfrutar de um tempo de ociosidade. Já recentemente, a juventude vem sendo reduzida apenas ao campo da cultura, como se os(as) jovens expressassem sua condição juvenil somente nas atividades culturais. E por fim a juventude é mencionada como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos, em que ocorre um distanciamento da família e nesta lógica ela é responsabilizada por uma suposta ausência de valores referida aos(as) jovens (DAYRELL, 2003).

Portanto, parte-se do pressuposto que compreender a juventude com base nestas concepções citadas por Dayrell (2003) pode nos levar a reconhecer os(as) jovens de forma negativa e secundarizar suas experiências, assim se defende que a juventude precisa ser concebida a partir de critérios histórico e sociais. À vista disso, na próxima seção busca-se compreender a intrínseca relação entre os sujeitos jovens e o fenômeno juvenilização na EJA.

4.2 O FENÔMENO JUVENILIZAÇÃO NA EJA

Estudos sobre os(as) jovens e juventudes são relativamente novos no cenário educacional, pesquisas acerca desta temática começaram ganhar visibilidade por volta de 1990, período pós-ditatorial, de redemocratização da educação, o que possibilitou a ampliação de estudos nessa área. Spósito (1996) pondera que temas relacionados à juventude praticamente desapareceram das pesquisas no Brasil no final dos anos 60, os(as) jovens tornaram-se invisíveis nas reflexões teóricas e reapareceram como sujeitos de investigação apenas no final da década de 80, após um longo período de silenciamento.

Reitera-se assim, a importância deste momento histórico assinalado por muitas conquistas, sobretudo aos(as) jovens, as juventudes que passaram a ser reconhecidos(as) como sujeitos de direito. Nesse sentido, Brunel (2008) considera fundamental a realização de estudos que busquem compreender o rejuvenescimento dos(as) estudantes da EJA, fenômeno que surge no panorama brasileiro a partir dos anos 90.

Por conseguinte, infere-se que esse rejuvenescimento ou, de outra forma, o surgimento do fenômeno juvenilização na EJA conjecturou-se a partir da aprovação de LDB em 1996, pois houve a redução da idade para ingresso nesta modalidade da Educação Básica. Entretanto, apesar da alteração na idade estabelecida na LDB ser considerada determinante para a ocorrência do fenômeno juvenilização na EJA, Conceição (2014, p. 66) argumenta que é “impossível precisar se o chamado ‘rebaixamento’ da idade mínima de ingresso na EJA, ocorrida a partir da LDB de 1996 foi causa ou efeito da demanda de adolescentes pela modalidade”, todavia é consenso que foi a partir desta legislação que se iniciaram as discussões sobre a juvenilização da EJA.

Considerando que a juvenilização corresponde ao rejuvenescimento do público que frequenta a EJA, Brunel (2008) pontua ainda que esse é um fato que desperta a atenção de educadores(as) e pesquisadores(as) na área da educação, principalmente, porque tem modificado o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos da EJA.

Nessa mesma perspectiva, Paulo Carrano (2007, p. 1) aduz que “a preocupação com os jovens na EJA está, em grande medida, relacionada com a evidência empírica que eles e elas já constituem fenômeno estatístico significativo nas diversas classes de EJA e, em muitas circunstâncias, representam a maioria ou quase totalidade dos alunos em sala de aula”. Portanto, para além da dimensão quantitativa, parece haver certa perplexidade e incômodo

expressos pela presença dos(as) jovens na EJA, sobretudo entre alguns(as) professores(as) e estudantes mais idosos(as) que parecem convencidos(as) que eles(as) vieram para perturbar e desestabilizar a ordem escolar (CARRANO, 2007).

No tocante, a concepção negativa a respeito dos(as) jovens que adentram os espaços educacionais da EJA, Arroyo (2013, p. 224) elucida que “quando nos defrontamos com a pergunta ‘Quem são esses adolescentes e jovens?’ e constatamos que são Outros, podemos perceber que são os mesmos vistos como um incômodo nas cidades, nas ruas, nas manifestações culturais, até nas famílias [...] São outros porque sem futuro e sem lugar”, diante desta constatação é impreterível rejeitar concepções que enfatizem o protagonismo negativo dos(as) jovens, a fim de permitir o reconhecimento de suas vivências nos currículos e nas práticas pedagógicas.

Para Rodrigues e Sanceverino (2016), a juvenilização na EJA é um desafio deste tempo, e caracterizar estes(as) estudantes na atualidade não é tarefa fácil, pois é perceptível o grande número de estudantes com idade entre 15 e 17 anos nas turmas de EJA, em sua maioria oriundos(as) do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Reforça esta concepção Arroyo (2013) ao ponderar que na EJA os(as) professores(as) encontram dificuldades para incluir tantos(as) jovens com idade entre 14 e 17 anos que são rejeitados(as), reprovados(as) nas escolas de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e que carregam percursos escolares e humanos truncados.

Sendo assim, valho-me dos questionamentos de Dayrell (2001, p. 139), pois é preciso considerar “quem são estes jovens? O que vão buscar na escola? O que significa para eles a instituição escolar? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço?”. Para obtenção destas respostas evidencia-se a importância do diálogo nas práticas pedagógicas estabelecidas na EJA, pois em consonância com Freire (2015) acredita-se que o diálogo é uma exigência existencial. Ademais, esses questionamentos servem como possibilidade de inspirar uma reflexão sobre a presença dos(as) jovens na EJA.

A EJA mais que uma modalidade da Educação Básica, tem um compromisso político com a formação de pessoas jovens, adultas e idosas especialmente das camadas populares historicamente excluídas e discriminadas em nossa sociedade, inclusive de processos educativos, muitas vezes permeados por uma exclusão velada. Destarte, é imperioso reconhecer que, além de estudantes jovens evadidos(as) ou excluídos(as) da escola, estes(as) carregam trajetórias desumanas, permeadas por processos de exclusão social, de negação dos direitos mais básicos, negação até do direito a ser jovem (ARROYO, 2018).

Dessa forma, considera-se que a juvenilização da EJA é um processo perverso de exclusão configurado dentro das próprias instituições de ensino. Reafirma-se assim, a concepção de Bourdieu e Champagne (2015, p. 243) sobre “os excluídos do interior”, uma nova forma de desigualdade social caracterizada por uma segregação efetuada no interior do próprio sistema escolar e naturalizada a tal ponto que os(as) excluídos(as) sentem-se responsáveis pelo seu fracasso, nas palavras dos autores: “[...] aqueles que a escola rejeitava ficavam convencidos (especialmente pela escola) de que eram eles que não queriam a escola” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015, p. 245).

Assim, as trajetórias escolares de jovens excluídos(as) nos mais diversos estágios, a maioria, antes de completar o ensino fundamental no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, estão marcadas por repetências, evasões e retornos que culminam na exclusão definitiva. Essas experiências negativas levam ao sentimento de indiferença, a escola lhes parece uma instituição distante e pouco significativa, fato que acaba contribuindo para reproduzir a condição de subalternos(as) (DAYRELL, 2018).

Estudos acerca da juvenilização da EJA revelam que as seguidas reprovações vivenciadas pelos(as) jovens no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens são responsáveis pela consequente evasão e/ou migração de estudantes para EJA (CARVALHO, 2017; DUARTE, 2015; FERREIRA, 2015). Dessa forma, observa-se que numa sociedade que exclui as pessoas do acesso aos direitos mais básicos, como trabalho, saúde, alimentação, a educação não teria um tratamento diferenciado. Assim, Possani (2007, p. 35) “chama de excluídos da escola aqueles que a ela não tiveram e não têm acesso ou, se o tiveram, nela não conseguiram permanecer”.

Isso implica dizer que “além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens” (CARRANO, 2007, p. 6). Assim, muitos(as) jovens que evadiram do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migraram para EJA carregam consigo o sentimento de desmotivação e, geralmente, sentem-se alheios no contexto escolar, e muitas vezes relacionam a importância dos estudos apenas com a inserção no mercado de trabalho.

Estudos neste sentido apontam que muitos(as) jovens movidos(as) pela necessidade de trabalhar para terem melhores condições de vida buscam os cursos noturnos da EJA para prosseguirem a escolarização (ALCANTARA, 2016; TOLEDO, 2017; CARVALHO, 2017, PETRÓ, 2015). Dessa forma, a luta pela sobrevivência é responsável pelo trabalho de amplo

contingente infantojuvenil que, por esse motivo, migram para EJA, pois sabem que melhores oportunidades de emprego dependem também da elevação nível de escolaridade.

Evidencia-se ainda que a escola vive um momento de crise, conforme Dayrell (2018, p.65) “a crise da escola é reflexo da crise da sociedade: os velhos modelos nos quais as instituições tinham um lugar socialmente definido já não correspondem à realidade”. Sobre essa questão Carrano (2007, p. 3) esclarece que “este jovem aluno cada vez mais jovem que chega às classes de EJA carrega para a instituição referências de sociabilidade e interações que se distanciam das referências institucionais que se encontram em crise de legitimação”.

Desta forma, a mudança que almejam está diretamente associada ao direito à educação, segundo Carrano (2007, p.6) “é preciso considerar que o acesso aos mais altos níveis da educação escolar é elemento chave para ampliar possibilidades de participação no mundo social e também para propiciar situações de engajamento e de aprendizado ligados às próprias instituições de ensino”.

Nesse contexto, Leão (2018, p. 74) também reconhece que “estudar é, um dos poucos caminhos ainda vislumbrados pelos jovens pobres como possibilidade, ainda que remota de realizar seus projetos de vida”, assim a EJA representa uma alternativa capaz de suscitar experiências significativas a eles(elas).

Para Laffin (2013), pensar o(a) jovem no processo de escolarização é pensar um sujeito incorporado ao mundo urbano, que geralmente ingressa na EJA em fases mais adiantadas, pois é muitas vezes um(a) recém-excluído(a) do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, ademais está inserido numa diversidade de atividades socioculturais que ampliam a compreensão da juventude, situando-a para além do âmbito biopsicológico da adolescência e diferenciando-a da idade adulta.

Conforme Carrano (2007, p. 7) “a passagem entre os tempos da infância, da adolescência, da juventude e da vida adulta podem ser entendidas como acordos societários”, pois em determinadas sociedades estes ritos de passagem são bem delimitados. Entretanto, no na sociedade contemporânea, estão cada vez mais indefinidas estas etapas, já que algumas dimensões que marcavam o fim da juventude tais como terminar os estudos, conseguir trabalho e construir família não caracterizam mais a transição da juventude para a idade adulta, uma vez que nem todos os(as) jovens logram de um tempo de preparação para as responsabilidades da vida adulta.

Além disso, para os(as) jovens das classes populares, principalmente os(as) estudantes da EJA, as responsabilidades da vida adulta são impostas ainda na juventude, estes(as) são

desprovidos(as) de moratória social, ou seja, poder dedicar-se aos estudos, ao lazer e a sua formação (MARGULIS; URRESTI, 1996).

Ademais, para Furini; Durand e Santos (2011), a juventude depende de recursos financeiros e de tempo, ou seja, de uma moratória social para viver este período da vida sem preocupação e isenção de responsabilidades, esse tempo legítimo proporcionado pela família permite dedicar-se aos estudos e a se capacitar, mas quando as famílias encontram-se em situações de vulnerabilidade social ou dificuldades financeiras essas circunstâncias impedem os(as) jovens de desfrutarem de um período de moratória social.

Por este mesmo viés, infere-se que dependendo da origem social dos(as) jovens estes(as) podem vivenciar a condição juvenil de distintas formas. Assim, a juvenilização é também efeito da injusta ordem social, na qual os(as) jovens, especialmente das classes populares são empurrados(as) ao mercado de trabalho a fim de contribuir com a subsistência familiar. Reafirma este entendimento Carrano (2007, p. 5) ao avaliar que “os baixos níveis de renda e capacidade de consumo redundam na busca do trabalho como condição de sobrevivência e satisfação de necessidades materiais e simbólicas para a maioria dos jovens”, aqui está um dos motivos que levam os(as) jovens ingressarem na EJA.

Portanto, reafirma-se, a relevância de investigar quais os motivos que levam os(as) jovens ingressarem na EJA; eis uma questão crucial para ampliar o entendimento sobre a juvenilização, bem como promover a articulação de processos educativos significativos no contexto escolar frente a este novo panorama que se estabelece.

Segundo Brunel (2008, p. 19), “fatores pedagógicos, políticos, legais e estruturais fazem com que muitos jovens procurem cada vez mais esta modalidade e a cada ano mais precocemente”. Portanto, perceber esses(as) jovens da EJA e na EJA pressupõe o reconhecimento de uma parcela de sujeitos que o sistema educacional tem deixado de lado, os(as) quais são vítimas de uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Segundo Andrade (2009, p. 36), “percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade a esse expressivo grupo que tem direito à educação e contribuir para a busca de resposta a uma realidade cada vez mais aguda e representativa de problemas que habitam o sistema educacional como um todo”.

Para enfrentar o desafio da juvenilização na EJA, é preciso produzir espaços escolares culturalmente significativos que atendam a multiplicidade de sujeitos jovens, bem como, romper com a elaboração de conteúdos padronizados e currículos rígidos, a fim de possibilitar

que o processo educativo dos(as) jovens de EJA deixe de ser visto apenas como um processo de escolarização (CARRANO, 2007).

Além disso, é de extrema relevância conhecer a trajetória de vida desses(as) jovens, para assim estabelecer uma relação dialógica, fazer do gesto educativo uma relação compreensiva. Nas palavras de Sanceverino (2016, p. 466), “o diálogo na relação pedagógica ajuda os educandos a organizarem reflexivamente o pensamento, inserindo-os no processo histórico para que renunciem seu papel de simples objetos e exijam a sua atuação enquanto sujeitos. Para que aconteça a real educação, a principal forma de comunicação é o diálogo”.

No que tange à concepção dos tempos e espaços escolares, algumas escolas têm-se configurado como instituições limitadas, ou seja, não promovem uma aproximação com a comunidade, desconsideram as experiências que acontecem no território entorno da escola e a riqueza de saberes produzidos em espaços de educação não-formal. Segundo Silva e Zanin (2017) a crise que atinge a escola evidencia a divergência existente entre a realidade escolar e as atuais significações que as categorias espaço e tempo lograram na contemporaneidade.

Colabora com este entendimento Arroyo (2012) ao ponderar que “o tempo na escola não é o único espaço de formação, de aprendizado e de cultura, o fenômeno educativo acontece em outros espaços e tempos sociais em outras instituições [...]” (2012, p. 147). Logo, estabelecer aproximações com o contexto em que os(as) estudantes estão inseridos(as) torna-se uma necessidade, pois quando a escola dialoga com a realidade e considera válidas as aprendizagens que ocorrem no entorno da escola está expandindo o campo educativo.

Assim, reitera-se a importância de ouvir a voz dos(as) jovens educandos(as) que frequentam a EJA, visto que a escuta assume significativa relevância no ato pedagógico. Além da escuta é preciso se indagar como educadores(as), gestores(as), enfim todos(as) os(as) envolvidos(as) no processo educativo, como são percebidos estes(as) jovens cada vez mais jovens que adentram os espaços educacionais de EJA? Estes espaços configuram-se como lugar de negação ou de protagonismo das juventudes?

Entretanto, o grande desafio que se apresenta no contexto educacional é o de tornar a própria escola um lugar inclusivo para os(as) jovens, um espaço de reconhecimento de seus saberes, de suas identidades. Quando se fala em inclusão, busca-se um sentido mais amplo, ou seja, um lugar de pertencimento para os(as) jovens, pois o que está em andamento com a juvenilização configura uma nova forma de exclusão incluyente, uma vez que os(as) jovens e suas experiências não são reconhecidos(as).

Sobre esta questão Kuenzer (2006) pontua que tanto no âmbito do mundo do trabalho como na educação está em curso um processo caracterizado pela “exclusão includente”, um conjunto de estratégias que supostamente melhoram as condições de empregabilidade; no entanto, não conferem rigor e seriedade à formação de jovens. Colabora com este entendimento Arroyo (2013) ao ponderar que as tentativas de incluí-los(as) na escola para incluí-los(as) na ordem social e no mercado de trabalho estão em baixa, assim o termo inclusão perdeu parte das esperanças nele depositadas.

Para Dayrell (2018, p. 65), “esses jovens demandam mais do que a escolarização [...] Eles demandam redes sociais de apoio mais amplas, com políticas públicas que os contemplem em todas as dimensões, desde a sobrevivência até o acesso aos bens culturais”. Assim, como educadores(as), é preciso ampliar a reflexão a fim de se reconhecer a realidade que nos situa e buscar saídas no jogo das forças sociais.

Portanto, é desafiador tornar a escola e os currículos mais inclusivos para os(as) jovens tendo em vista as estruturas que estão postas, mudá-las parece impossível, todavia juntos(as), jovens e profissionais da educação precisam encontrar brechas para inclusão. Além disso, o fenômeno juvenilização da EJA precisa ser encarado não mais como um problema, pois se configura como a nova identidade da EJA.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise do material empírico adquirido na pesquisa de campo, bem como buscando respaldo no embasamento teórico, este capítulo teve a proposição de apresentar os resultados e a discussão. Para tanto, dividiu-se em três categorias analíticas, sendo que inicialmente identificou-se o perfil dos(as) jovens com idade entre 15 e 24 anos regularmente matriculados(as) no ensino fundamental e médio da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, cujas informações foram obtidas por meio da aplicação de questionário a 55 estudantes.

Na segunda categoria, importa dar voz aos(as) jovens. Assim, apresenta-se a análise das entrevistas realizadas individualmente com 12 jovens que se dispuseram a participar voluntariamente, e com o intuito de manter a representatividade quanto ao gênero elegeu-se intencionalmente o mesmo número de participantes do gênero masculino e feminino. A partir das falas dos(as) estudantes foi possível reunir os aspectos abordados nas entrevistas em duas subcategorias, a saber: Juvenilização da EJA: da evasão à migração e Juvenilização da EJA: retomada dos estudos renunciando sonhos e direitos negados.

Na terceira categoria, busca-se compreender o fenômeno juvenilização mediante a voz das professoras da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC. Em vista disso, expõe-se a análise das entrevistas realizadas com quatro professoras¹⁴ que participaram voluntariamente. Desta forma, com base nos relatos das professoras, elegeram-se duas subcategorias analíticas, conforme segue: Juvenilização na EJA: Os percalços dos(as) jovens e as trajetórias escolares acidentadas e Juvenilização na EJA: formação de professores(as) para uma prática incluyente.

5.1 PERFIL DOS(AS) JOVENS

Acredita-se que o ponto de partida de pesquisas em EJA deve ser a compreensão de quem são os sujeitos, assim conhecer este público que possui especificidades culturais e sociais caminha no sentido de revelar suas trajetórias, identificar o perfil, as expectativas e as

¹⁴ Considerando que a gestora é professora e no momento está na gestão do NAES de Ponte Serrada-SC, optamos por incluí-la nesta categoria “Voz das professoras”, dessa forma sua identidade será preservada, bem como orienta o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

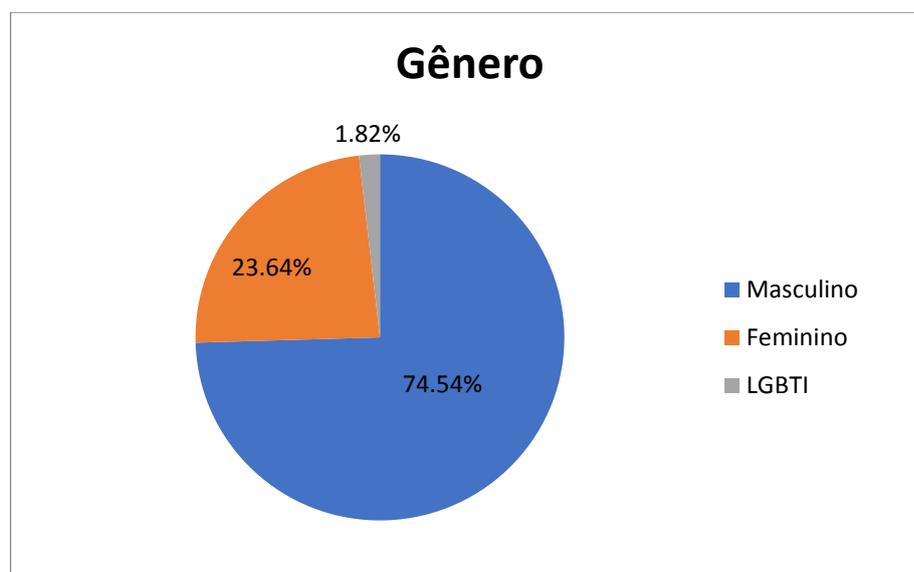
vivências (JARDILINO; ARAÚJO, 2014). Assim, nesta seção, apresentar-se o perfil dos(as) jovens com idade entre 15 e 24 anos, estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC.

Inicialmente, os(as) estudantes foram inqueridos(as) acerca da definição do gênero, os dados revelaram que a maioria dos(as) jovens estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC matriculados(as) no primeiro semestre de 2019, é do gênero masculino, já que correspondem a 74.54% (n=41), enquanto do gênero feminino e LGBTI representam 23.64% (n=13) e 1.82% (n=1) respectivamente.

Verificou-se, então, que a juvenilização da EJA no município de Ponte Serrada-SC é, predominante, composta por sujeitos do gênero masculino, contrariamente a esse achado Vigano e Laffin (2016, p. 7) evidenciam a maior presença feminina entre os(as) estudantes da EJA, e pontuam que “mesmo vivendo perante um conjunto de discriminações historicamente construídas, as mulheres, por meio dos movimentos sociais, fortaleceram-se e começaram a buscar a igualdade de direitos, ocupando cada vez mais os espaços educativos”.

Nesta mesma perspectiva, Poggio (2012) considera que a participação feminina em turmas da EJA configura-se como uma possibilidade de superação da exclusão das mulheres no espaço escolar. Ademais representa a conquista de autonomia e de emancipação política e social; todavia, com relação especificamente à juvenilização da EJA, estudos similares sugerem que a presença masculina torna-se mais evidente entre os(as) jovens da EJA (ALCANTARA, 2016; DUARTE, 2015). O gráfico 01 revela essa configuração quanto ao gênero dos sujeitos desta pesquisa:

Gráfico 01- Gênero dos(as) jovens pequiados(as)

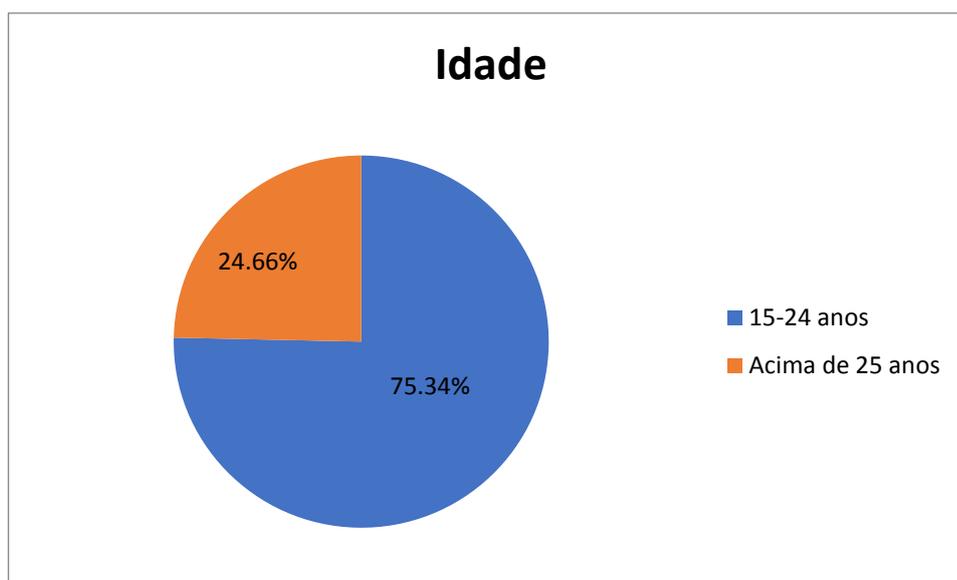


Fonte: elaborado pela autora (2019)

Por meio dos dados coletados junto à secretaria da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, constatou-se que 75.34% (n=55) dos(as) estudantes matriculados(as) no primeiro semestre de 2019 possuem idade entre 15 e 24 anos, o que evidencia a ocorrência do fenômeno juvenilização nesta instituição de ensino. No que diz respeito especificamente à idade dos sujeitos pesquisados, percebe-se que 60% (n=33) deles(as) são menores de idade, ou seja, possuem entre 15 e 17 anos, enquanto 40% (n=22) possuem idade entre 18 e 24 anos.

Assim, corrobora-se com Brunel (2008, p.17) que houve uma mudança na faixa etária dos(as) estudantes da EJA, pois “atualmente, percebe-se uma procura cada vez maior, principalmente por jovens, por esta modalidade da Educação Básica, e é possível notar que o perfil do aluno mudou com o decorrer do tempo”. Abaixo o gráfico 02 que representa o público da EJA de Ponte Serrada-SC em relação à idade caracterizada, neste estudo, pela juvenilização.

Gráfico 02 - Idade dos (as) estudantes da EJA de Ponte Serrada-SC



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Com relação à cor/raça ¹⁵ 38.18% (n=21) dos(as) jovens pesquisados(as), autodeclararam-se brancos(as); mais da metade se autodeclara pardos(as), ou seja, 52.72% (n=29), enquanto apenas 9.10% (n=5) afirmaram serem pretos(as), ninguém se autodeclarou

¹⁵ Buscou-se trabalhar de acordo com as categorias cor/raça adotadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2019). Assim, ao se referir a negros no decorrer desta pesquisa indica-se tanto os sujeitos pretos quanto os pardos.

da cor vermelha e amarela. Esses dados a nível municipal são detalhados na Datapédia¹⁶ (2010) da seguinte maneira: com relação às etnias 0.05% se autodeclararam da cor vermelha, ou seja, indígena, 1.75% amarelo(a) de etnia oriental, 32.26% de pardos(as) e 6.57% pretos(as).

O resultado demonstra que essa é uma categoria complexa de analisar, afinal a possibilidade de se autodeclarar em relação à cor e à raça torna-se questionável à medida que os sujeitos tendem a negarem sua negritude ainda que inconscientemente. Foi o que se percebeu neste estudo, em que muitos(as) jovens pardos(as) se autodeclararam brancos(as), e os(as) pretos(as) se autodeclararam pardos(as).

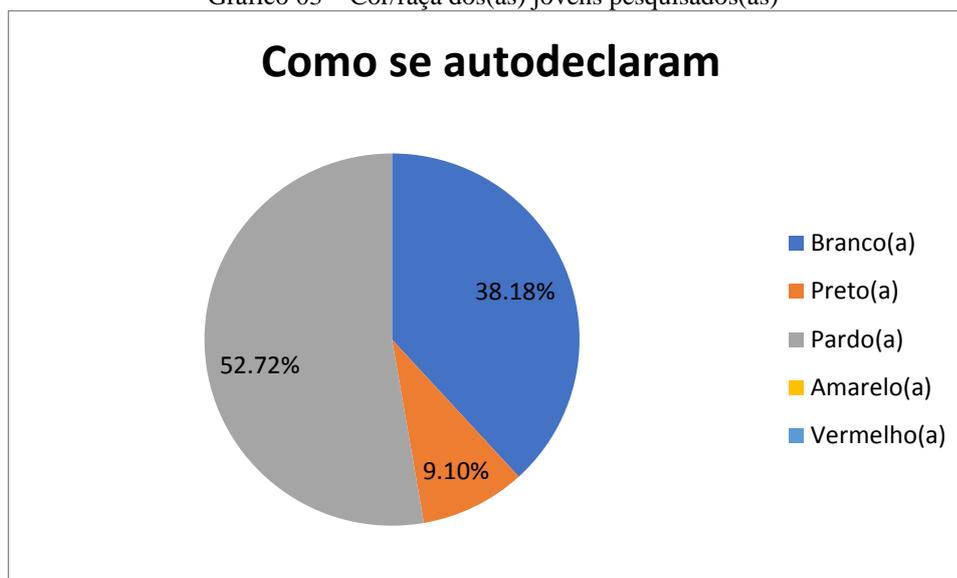
Nesta perspectiva, Silva (2005) reitera que a invisibilidade dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos, pode induzir os sujeitos a desenvolverem comportamentos de autorejeição e negação, resultando em preferência pelos valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. Por este mesmo viés, Munanga (2005, p. 15) pontua que “sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade”.

Por conseguinte, Passos (2014) assevera que nos últimos anos indicadores educacionais mostram as disparidades entre brancos(as) e negros(as) no acesso, na permanência e na conclusão dos percursos escolares e enfatiza que a educação não é suficiente para reparar as desigualdades. Entretanto, as desvantagens educacionais fazem com que jovens e adultos(as) negros(as) procurem a EJA para concluir a escolarização; para a autora “a Educação de Jovens e Adultos identifica-se como um canal propício para o enfrentamento dos históricos índices de desigualdade, exclusão, discriminação racial e injustiça presentes nas trajetórias de escolarização e de vida de significativa parcela da população negra” (PASSOS, 2014, p. 152).

Assim, os dados nesta pesquisa revelaram que muitos(as) jovens por desconhecimento sobre sua identidade étnica ou possível incerteza quanto a sua cor sentem-se mais confortáveis em se intitularem pardos(as) e não pretos(as), assim como brancos(as) e não pardos(as), esse fato pode evidenciar o racismo que perpassa o sistema educacional, em que a romantização da cultura branca historicamente retratada na literatura dificulta a afirmação das identidades étnico-raciais. No gráfico 03, a representação de como os(as) jovens se autodeclararam.

¹⁶ A Datapédia foi fundada em 2015 com a missão de unificar, traduzir e disseminar informações de bases públicas e oficiais. Com expertise acumulada em trabalhos envolvendo bases de dados de diversos governos municipais, estaduais e ministérios federais, foi criada em abril de 2017 o portal www.datapedia.info com dados de 5.570 territórios do país (Brasília, Fernando de Noronha e 5.568 municípios).

Gráfico 03 – Cor/raça dos(as) jovens pesquisados(as)



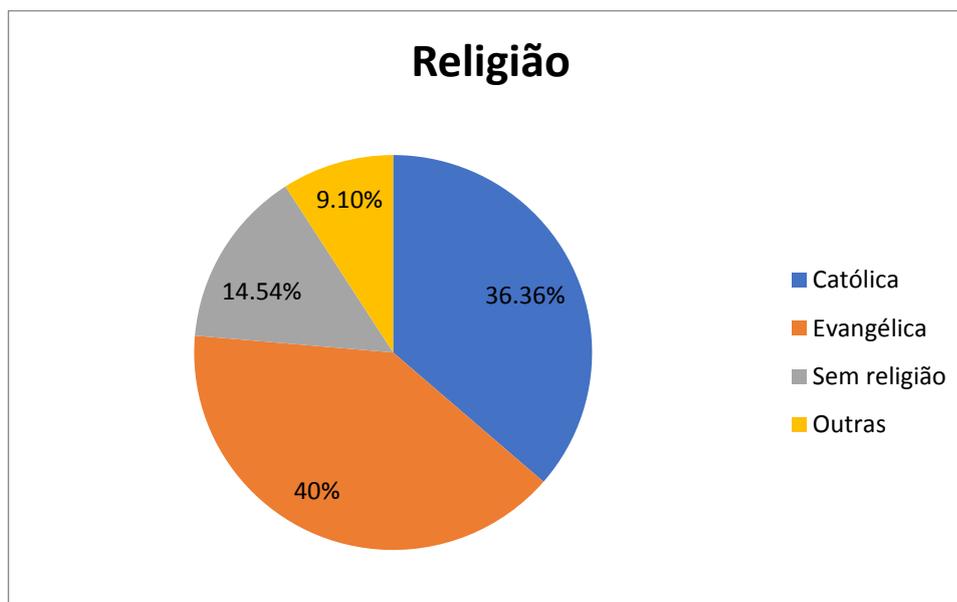
Fonte: elaborado pela autora (2019)

Ao lado de outros recortes, a religião também pode ser vista como um aspecto da diversidade da juventude brasileira. Novaes (2011) pontua que nos resultados da pesquisa “perfil da juventude brasileira”, surpreendentemente, a religião ocupou o lugar entre os assuntos que os(as) jovens gostariam de discutir não apenas no âmbito familiar, mas com seus(as) amigos(as) e mais amplamente com a sociedade, além disso, um número expressivo declarou participar de grupos e associações relacionadas a entidades religiosas.

Ainda para Novaes (2006, p. 117) “a fé e a linguagem religiosa também são expressões culturais” e estão presentes na vida da juventude brasileira, muitos(as) jovens falam em Deus, em fé e na Bíblia sem necessariamente pregar uma religião, sobretudo Deus é lembrado como referência a superação da absurda injustiça social presente na sociedade.

Nessa pesquisa, verificou-se que 40% (n=22) dos(as) jovens são evangélicos(as); 36.36% (n=20) católicos(as); 14.54% (n=8) não possuem religião e 9.10% (n=5) são de outras denominações religiosas. Portanto, 85,46% (n=33) dos(as) jovens que participaram da pesquisa pertencem a determinados grupos religiosos, esse achado chama a atenção quanto à diversidade religiosa presente nos espaços educacionais e a necessidade de se fazer uma educação pública e laica que de fato respeite as crenças e o pertencimento religioso dos(as) jovens. O gráfico 04 expressa as religiões nomeadas pelos(as) jovens partícipes da pesquisa:

Gráfico 04 – Religião dos(as) jovens pesquisados(as)



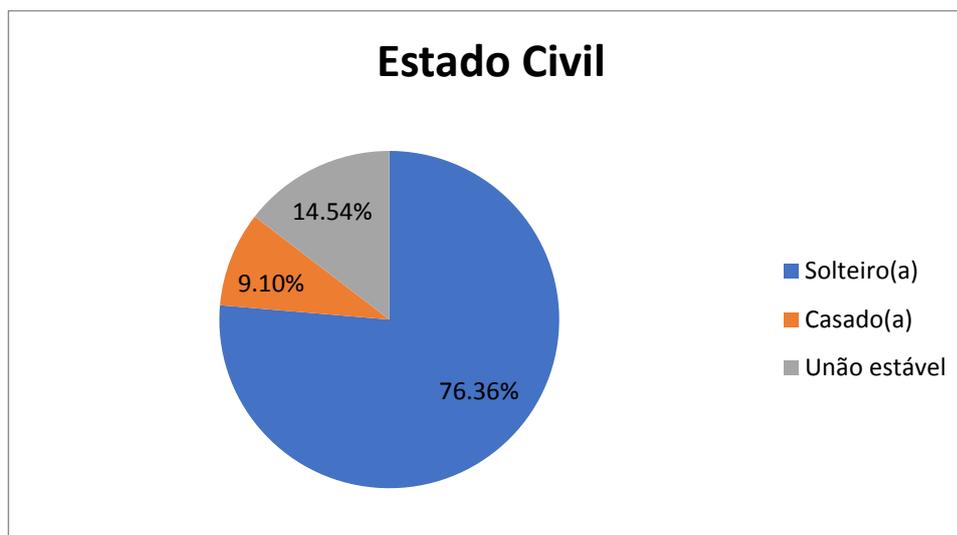
Fonte: elaborado pela autora (2019)

Em relação ao estado civil dos(as) jovens pesquisados(as), os dados apontaram que 76.36% (n=42) são solteiros(as), 14.54% (n=8) vivem em união estável e 9.10% (n=5) são casados(as). Ademais, quando questionados(as) com quem moram 65.45% (n=36) disseram que com os pais (pai/mãe), enquanto 14.55% (n=8) declararam viver com os cônjuges, 5.45% (n=3) moram sozinhos(as), ao passo que 14.55% (n=8) residem com outras pessoas, quer sejam avós, tios(as), e amigos(as).

Segundo Brunel (2008) é frequente entre os(as) jovens da EJA que muitos(as) deles(as) residam junto com os(as) avós, tios(as), ou outros familiares. Entretanto, neste estudo a maioria declarou que mora com os pais (pai/mãe) e segundo esta mesma autora a convivência familiar pode repercutir de forma positiva no desempenho escolar dos(as) estudantes, pois a família continua sendo uma referência importante.

Além disso, o fato de parcela expressiva de jovens estudantes residirem com seus pais (pai/mãe) pode também estar relacionado à questão da emancipação financeira. Peralva (2007, p. 24) comenta sobre essa questão “o desemprego do jovem e a carência de autonomia financeira obrigam muitos a permanecerem durante muito tempo sob o mesmo teto que os pais”. O gráfico 05 representa o estado civil dos(as) jovens pesquisados(as):

Gráfico 05 – Estado civil dos(as) jovens pesquisados(as)



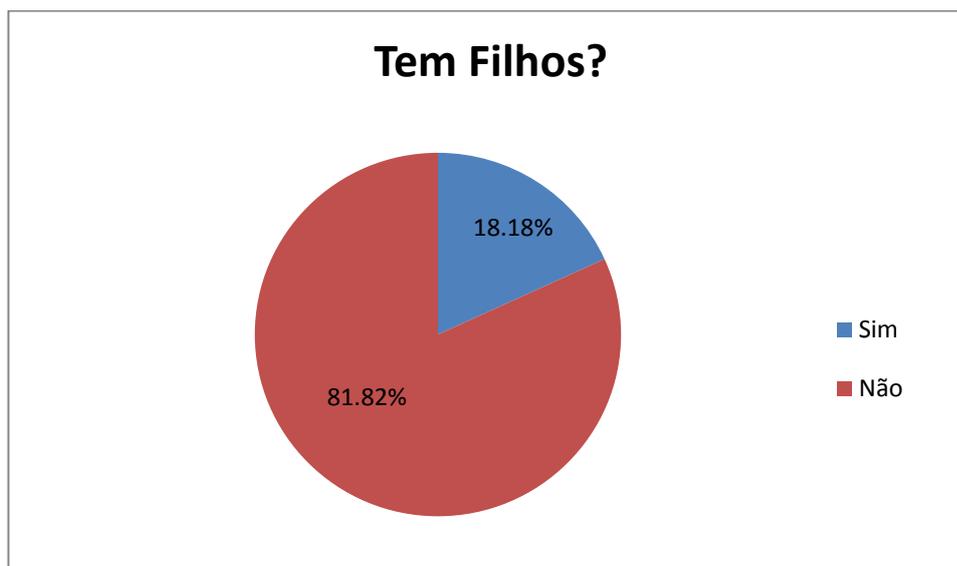
Fonte: elaborado pela autora (2019)

Ao se perguntar aos(as) jovens se eles(as) tinham filhos(as) um total de 81.82% (n=45) afirmaram não possuí-los(as). Uma explicação plausível para esse resultado é a idade predominante jovem dos sujeitos pesquisados, pois apenas 18.18% (n=10) mencionaram que tem filhos(as). Questão relevante que merece ser mencionada é o fato de a gravidez não planejada ser um dos motivos que leva as jovens a deixarem de estudar no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e, posteriormente, ingressarem na EJA, fato mencionado nas entrevistas e evidenciado na continuidade da pesquisa.

Sobre essa questão Brandão (2006, p. 79) enfatiza que “a gravidez na adolescência é sempre apresentada como uma perturbação à trajetória juvenil e é inserida em um discurso alarmista, moralizante e negativo”. Entretanto, para esta autora, o assunto em questão precisa ser considerado por um novo ponto de vista dada as mudanças que ocorreram nas relações intergeracionais, na conjuntura familiar e no campo da sexualidade, pois este evento da gravidez suscita um equilíbrio entre a aquisição de autonomia juvenil e a heteronomia.

Além disso, segundo Brandão (2006, p. 91), “[...] cabe chamar a atenção para a diversidade social encoberta no fenômeno da gravidez na adolescência, tomado em sentido lato”, ou seja, buscar interpretar o universo juvenil com base em uma experiência singular como a gravidez, permitirá compreender o desenvolvimento de construção social dos(as) jovens na atualidade. Expressamos no gráfico 06 o quantitativo que representa a filiação desses(as) jovens.

Gráfico 06 – Paternidade/Maternidade dos(as) jovens da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2019)

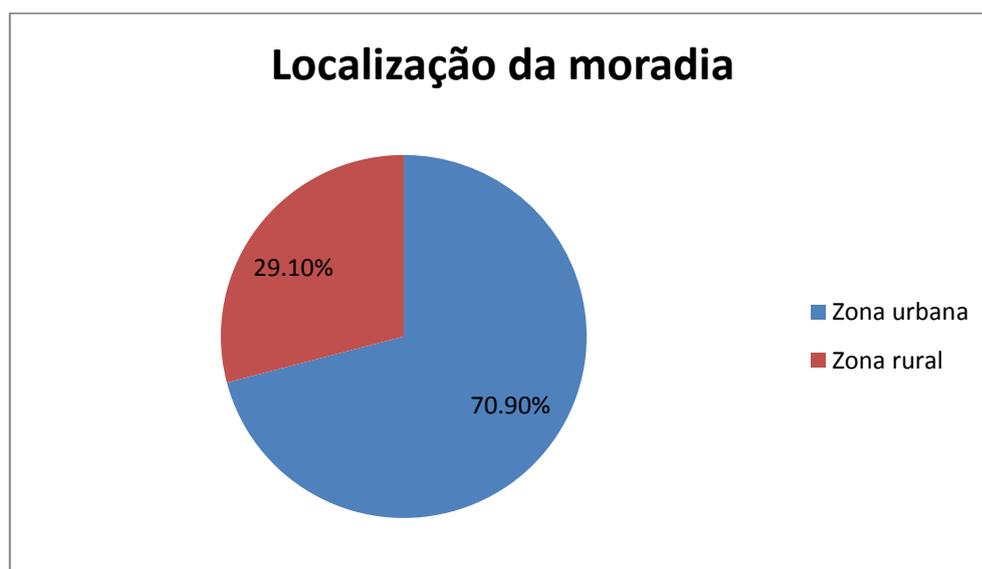
Com relação à localização da moradia, 70.90% (n=39) dos(as) jovens residem na zona urbana do município de Ponte Serrada-SC, enquanto 29.10% (n=16) residem na zona rural. Estes(as) jovens que residem na zona rural sobrevivem da agricultura e da agropecuária, principais atividades econômicas do município, mas não se pode fazer referência aos(as) jovens do campo apenas como membros da equipe de trabalho familiar, pois para Carneiro (2011) concebidos(as) a partir da ótica do trabalho, a juventude rural permanece na invisibilidade quanto à participação nas demais esferas da vida social.

Ainda para Carneiro (2011), há que se considerar que existem muitas semelhanças nas expressões entre os(as) jovens do campo e da cidade, é preciso buscar entender essas semelhanças, bem como o que os(as) diferencia. Para tanto primeiramente é preciso superar a visão polarizada entre o rural e o urbano, o campo e a cidade, pois a juventude rural e urbana está sendo afetada pela mesma ordem de problemas de uma sociedade que vivência a égide da globalização e do subdesenvolvimento.

Ademais este recorte, local de moradia suscita uma reflexão, quanto aos estigmas que certos endereços carregam, tais como as marcas das áreas urbanas cercadas pela violência, tais como subúrbios, conjuntos habitacionais, vilas e comunidades. Portanto, é preciso considerar as disparidades regionais e as relações entre campo e cidade, pois há diferenças entre ser jovem no campo ou na cidade e mesmo as diferenças entre as grandes cidades e as pequenas. (NOVAES, 2006, p. 107). Todavia, é revelador neste estudo que a juvenilização da EJA no

município de Ponte Serrada-SC é endossada tanto pelos(as) jovens da cidade quanto do campo mesmo que em menor proporção. Vê-se a representatividade de moradia da população jovem da EJA de Ponte Serrada-SC no gráfico a seguir:

Gráfico 07 – Localização da moradia dos(as) jovens pesquisados(as)



Fonte: elaborado pela autora (2019)

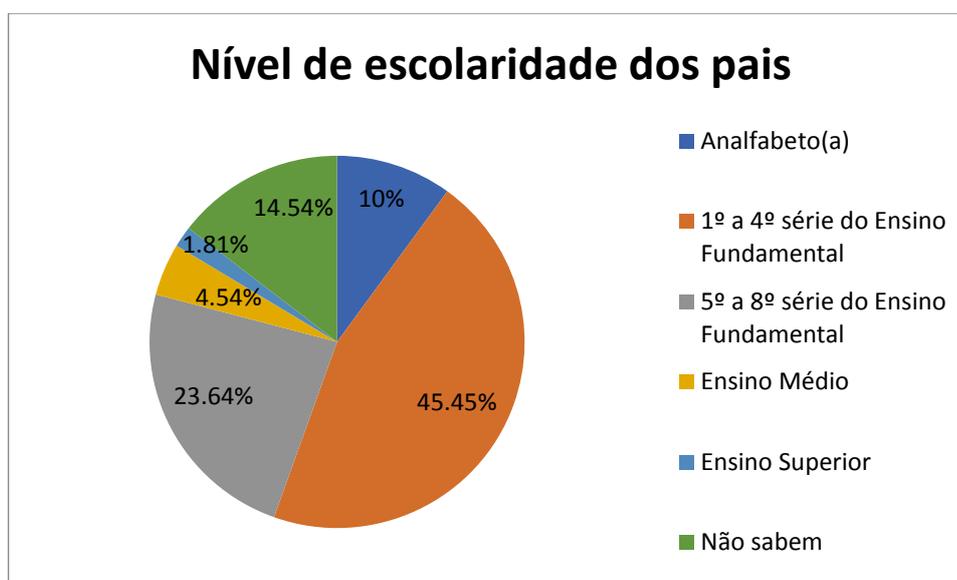
Com o intuito de conhecer melhor o processo de escolarização dos familiares dos(as) jovens pesquisados(as), perguntou-se qual o nível de escolaridade dos pais (pai/mãe) e obteve-se em média os seguintes dados: 10% são analfabetos(as); 45.45% estudaram até o 4ª ano/série do ensino fundamental; 23.63% até o 8ª ano/série do ensino fundamental; 4.54% possuem ensino médio; 1.81% possuem ensino superior. Entretanto, 14.54% dos (as) jovens alegaram não saber o nível de escolarização dos pais (pais/mães).

Observa-se assim um elevado índice de analfabetismo seguido de baixa escolaridade dos pais (pais/mães) dos(as) jovens pesquisados(as), esses dados condizem com o índice de analfabetismo de Ponte Serrada-SC apresentado na Datapédia (2010) que corresponde a 9.66% da população. Acerca dessa questão Carrano, Marinho e Oliveira (2015) ponderam que os níveis de escolaridade dos pais (pai/mãe) estabelecem fortes correlações com a escolaridade dos(as) filhos(as).

Entretanto, mesmo que esta pesquisa tenha identificado a baixa escolaridade dos pais (pai/mãe), evidencia-se que muitos deles(as) preocupam-se com a escolarização dos(as)

filhos(as) e os(as) incentivam a prosseguir estudando, segundo Brunel (2008, p. 57) “observa-se no cotidiano escolar que os pais demonstram muito interesse em manter os filhos na vida escolar, se preocupam com o futuro deles e que estão dispostos mesmo, com algum ou muito sacrifício, pagar os seus estudos”. Na sequência, o gráfico 08 expressa em média o nível de escolaridade dos pais (pai/mãe) dos(as) jovens da pesquisa.

Gráfico 08– Nível de escolaridade dos pais (pai/mãe) dos(as) jovens pesquisados(as)



Fonte: elaborado pela autora (2019)

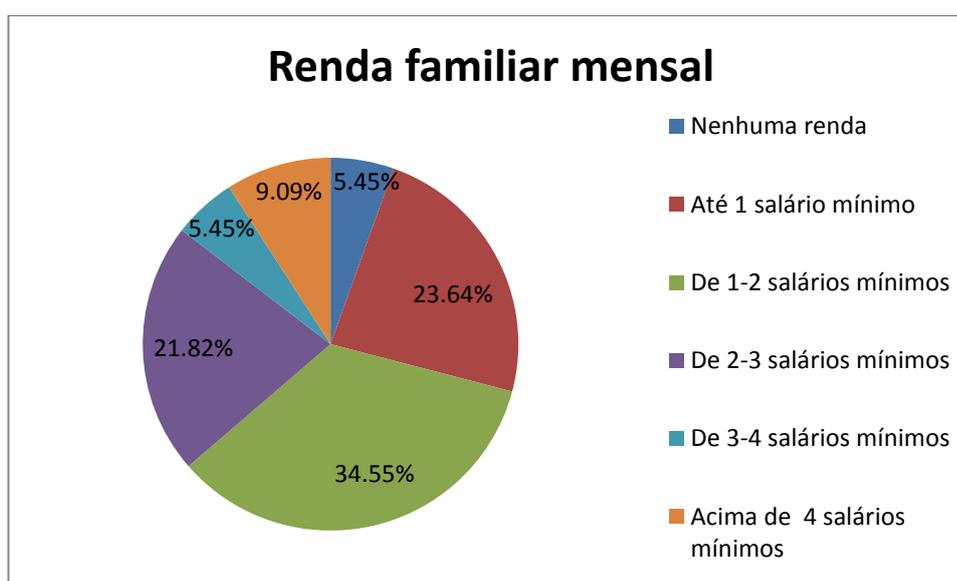
Os(as) jovens também foram questionados(as) quanto à renda familiar mensal, 5.45% (n=3) informaram que a família não possui nenhuma renda mensal e que vivem com o auxílio de programas sociais. Já 23.64% (n=13) recebem até um salário mínimo; 34.55% (n=19) recebem entre 1 e 2 salários mínimos; 21.82% (n=12) entre 2 e 3 salários mínimos; 5.45% (n=3) de 3 a 4 salários mínimos e 9.09% (n=5) têm renda mensal acima de 4 salários mínimos. Com relação a situação de pobreza do município de Ponte Serrada-SC, dados da Datapédia (2010) apontam que 25.82% da população é vulnerável a pobreza, enquanto 1,24% vivem em situação de pobreza extrema.

Com base nos resultados quanto à renda familiar mensal dos(as) estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, percebe-se que a maioria de suas famílias pertence às classes populares, condição favorável para que em busca de trabalho a fim de aumentar a renda familiar, estes(as) jovens estudantes evadam do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens

e/ou migrem para EJA. Estudos, neste sentido, consideram esta relação, para Reis (2014) a desigualdade de renda também é responsável pela desigualdade educacional.

Carrano; Marinho e Oliveira (2015, p. 1446) também enfatizam que a posição social dos pais (pai/mãe) esta relacionada com a escolaridade dos(as) filhos(as), portanto é possível que a condição social familiar pode impactar no desempenho escolar dos(as) jovens estudantes. O gráfico 09 expõe a renda familiar mensal dos(as) jovens estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC.

Gráfico 09 – Renda familiar mensal dos(as) jovens pesquisados(as)



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Quanto à inserção no mercado de trabalho 54,55% (n=30) dos(as) jovens declararam que exercem algum trabalho remunerado, seja no mercado de trabalho formal ou informal. Diante dos resultados, percebe-se que mais da metade dos(as) jovens são estudantes trabalhadores(as) e, portanto, trabalham durante o dia. Esse indicativo pode sugerir que os(as) jovens estão deixando de estudar no *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* movidos(as) pela necessidade de trabalhar, assim, optam pela EJA, pelo fato de ser no período noturno.

Ademais, quando inqueridos(as) com que idade começaram a trabalhar 35,90% (n=14) declararam que antes dos 14 anos e 58,98% (n=23) entre os 14 e 17 anos de idade. Para Novaes (2006, p. 106) “esse recorte se explicita claramente na vivência da relação escola/trabalho. A indagação sobre quando e como um jovem começa ou termina de estudar ou trabalhar expõe as fissuras de classe presentes na sociedade brasileira”.

Além disso, os(as) jovens mencionaram trabalhar em serrarias, lavação de carros, setor agrícola, servente de pedreiro, mecânico, manicure, diarista, babá entre outras atividades. Para Branco (2011), as ocupações preenchidas por eles(as) situam-se em posições precárias, de baixa qualidade e de menor remuneração e, “com frequência, uma parcela significativa desses jovens que aceitam trabalhar sujeitando-se a tais condições, o faz comprometendo sua escolarização ou mesmo já estando fora da escola, sem que nesse caso tivesse sequer completado os ciclos educacionais compatíveis com sua idade” (BRANCO, 2011, p. 131).

De acordo com dados da Datapedia (2010) o percentual de jovens vulneráveis em Ponte Serrada-SC com idade entre 15 e 24 anos que não estudam nem trabalham chega a 9.53%, sendo assim, há que se considerar ainda que uma parcela significativa dos(as) jovens pesquisados(as) não exercem trabalho remunerado no momento, ou seja, 45.45% (n=25). Entretanto, muitos(as) ajudam seus familiares nos afazeres domésticos ou mesmo na agricultura, e há aqueles(as) que estão em busca de trabalho e, justamente, visualizam a escolarização como um requisito necessário para ingressarem no mercado de trabalho.

Nesta perspectiva Brunel (2008, p. 40) argumenta que “os alunos veem na escola a possibilidade de um futuro melhor. A escolarização é vista pelos trabalhadores como necessidade para a sua organização e inserção no mercado de trabalho”, assim a juventude busca conquistar um espaço na sociedade, e o trabalho é parte desse processo. No gráfico 10, segue a relação dos(as) jovens quanto ao trabalho remunerado:

Gráfico 10 – Quantitativo dos(as) jovens que exercem trabalho remunerado



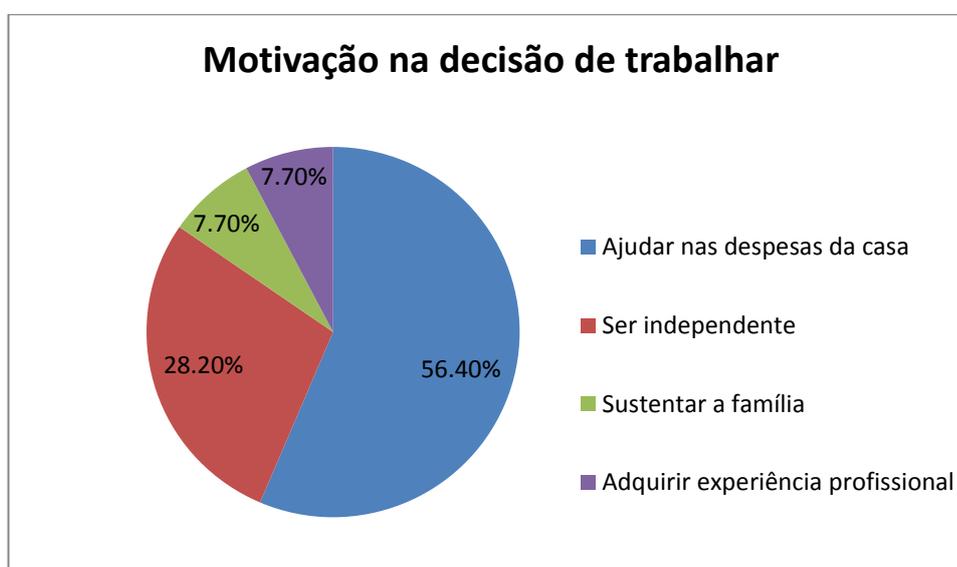
Fonte: elaborado pela autora (2019)

Em relação à motivação na decisão de trabalhar, 56.40% (n=22) dos(as) jovens enunciarão a necessidade de ajudar nas despesas da casa, 28.20% (n=11) expressaram o desejo de ser independente; 7.70% (n=3) são motivados(as) pela precisão de sustentar a família e 7.70% (n=3) mencionaram a importância de adquirir experiência profissional.

Diante dos resultados, pode-se inferir que, no contexto empobrecido do município de Ponte Serrada-SC, essa é uma das realidades presentes na vida da maioria dos(as) jovens. Sobre essa mesma questão, Branco (2011) sinaliza que estamos diante de um ambiente econômico hostil em que muitos(as) jovens são empurrados(as) pelas estratégias de sobrevivência pessoal e familiar a procurar por uma ocupação profissional. Neste sentido, a centralidade do trabalho para os(as) jovens resulta de sua urgência como necessidade, ou seja, o sentido do trabalho está vinculado a uma demanda a satisfazer.

No tocante a motivação para o trabalho, majoritariamente, a necessidade de obtenção de renda para subsistência familiar foi referida, porém outro aspecto relevante mencionado pelos(as) jovens na decisão de trabalhar é o desejo de ser independente e ter seu próprio dinheiro o que envolve a afirmação de sua própria identidade e a conquista de espaço no mercado de trabalho. Segundo Brunel (2008, p. 86), “o trabalho para os jovens não significa apenas garantir um espaço econômico na sociedade, mas também adquirir bens de consumo que os identifiquem como jovens e certa sensação de liberdade”. Evidencia-se no gráfico 11 a motivação que leva os(as) jovens pesquisados(as) trabalharem.

Gráfico 11 – Motivação dos(as) jovens na decisão de trabalhar



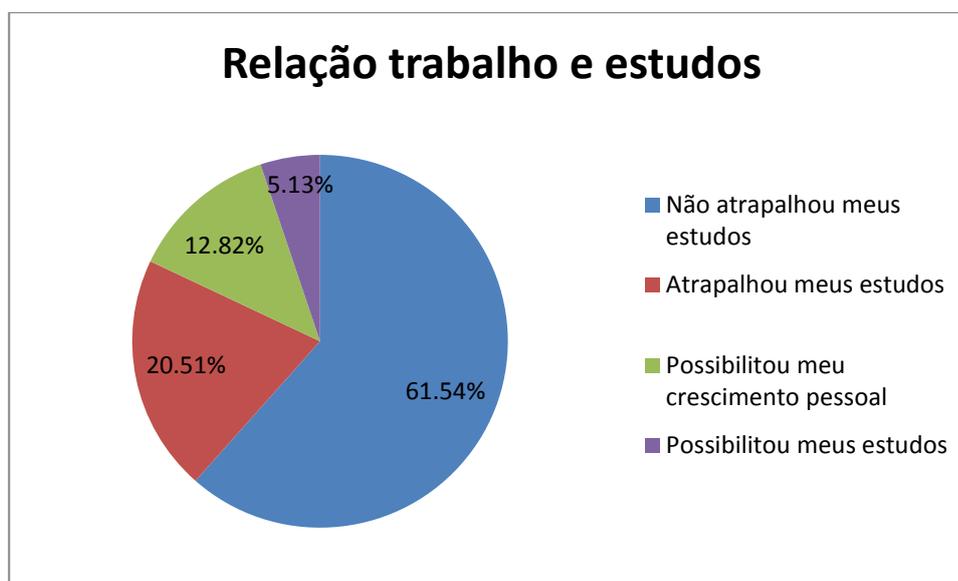
Fonte: elaborado pela autora (2019)

Considerando especificamente os(as) jovens que já exerceram ou estão exercendo trabalho remunerado, estes(as) foram questionados(as) acerca da relação estudo e trabalho, ou seja, como avaliam essa experiência de trabalhar enquanto estudam, e 61.54% (n=24) relataram que o fato de estarem trabalhando não atrapalhou os estudos, contrariamente 20.51% (n=8) consideram que atrapalhou seus estudos, enquanto 12.82% (n=5) mencionaram a possibilidade de crescimento pessoal por meio do trabalho e 5.13% (n=2) disseram que ter trabalhado possibilitou os seus estudos.

Um indicador que chamou a atenção foi que 20.51% (n=8) dos(as) jovens considerou que o fato de estarem trabalhando atrapalhou seus estudos, em relatos nas entrevistas e que serão apresentadas na sequência alguns(as) jovens contaram que não conseguiam conciliar os horários escolares com o trabalho, além disso, que se tornou muito cansativo essa dupla jornada trabalho-estudo, fato que atrapalhou o desempenho escolar.

No livro “Passageiros da noite: do trabalho para a EJA”, Arroyo (2017) traz algumas reflexões em relação aos(as), trabalhadores(as)-estudantes da EJA que adentram as noites num terceiro turno de trabalho-estudo. Para o autor “quando o ponto de partida é reconhecer os trabalhadores, a proposta de garantir seu direito à educação é obrigada a ter como referência os trabalhos de que sobrevivem, se trabalham em trabalhos precarizados, se tem dificuldades de articular tempos de trabalho-sobrevivência e tempos de escola” (ARROYO, 2017, p. 45). A seguir, ilustrou-se, no gráfico 12, a opinião dos(as) jovens quanto à relação do trabalho com os estudos:

Gráfico 12 – Motivação dos(as) jovens pesquisados(as) na decisão de trabalhar



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Visando conhecer melhor a trajetória escolar dos(as) jovens pesquisados(as), pergunta-se se eles(as) já haviam reprovado durante o percurso escolar, os resultados apontaram que 89.10% (n=49) já foram reprovados(as) em algum ano/série. Em alguns casos, essa retenção ocorreu mais de uma vez o que ocasionou uma defasagem idade/série, indicativo apontado na literatura (ALCANTARA, 2016; CARVALHO, 2017; MACEDO, 2017; BARRIOS, 2018) como um dos motivos de os(as) jovens se evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA endossando o fenômeno juvenilização nesta modalidade da Educação Básica. Com relação à defasagem idade série Brunel assevera que,

os jovens, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais [...] muitos pararam há pouco tempo de estudar são recém-egressos do ensino regular, e a maioria possui um histórico de várias repetências. Este fato, em alguns casos, faz com que o aluno perca o desejo de continuar na escola. A repetência de no mínimo dois anos, faz com que este aluno ‘destoe’ um pouco dos outros colegas (BRUNEL, 2008, p. 9-10).

Desta forma, infere-se que os elevados índices de repetência e de defasagem idade/série afetam consideravelmente o processo de escolarização e o aprendizado dos(as) estudantes. O gráfico 13 expressa o índice de reprovação entre os(as) jovens:

Gráfico 13 – Reprovação escolar dos(as) jovens pesquisados(as)



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Com relação à interrupção dos estudos, questionam-se os(as) jovens por qual motivo evadiram do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens ou porque migraram para a EJA. Vários motivos foram apontados, entre os mais citados a necessidade de trabalhar; as seguidas reprovações; o fato de não gostarem de estudar ou ir a escola, além de desentendimentos com professores(as) e colegas que culminaram na expulsão, entre outras motivações.

Entretanto, todos(as) os(as) jovens consideram a importância de estudar, apesar de todos os percalços experienciados, assim enfatizamos que Arroyo (2017) faz uma importante reflexão quanto ao percurso escolar de jovens brasileiros(as) e a urgência de uma escola acolhedora que valorize a experiência desses(as) jovens que retomam seus estudos na EJA, “que ao menos a volta à escola, seja como crianças, adolescentes ou como jovens-adultos e não reproduza os medos de serem reprovados, humilhados, segregados, expulsos das escolas. Que a experiência escolar não reproduza os medos da opressão, segregação que padecem da sociedade” (ARROYO, 2017, p. 243).

Ou seja, que o ingresso na EJA não reproduza a exclusão que vivenciaram no interior do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e que enfim possam gozar do direito a educação. Na tabela 01 as motivações na decisão dos(as) jovens evadirem-se do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA:

Tabela 01 – Motivações para evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA

Porque você parou de estudar na escola de ensino regular?	n	%
Trabalhar	15	27.26
Reprovações escolares	10	18.18
Não gostava de estudar	7	12.72
Expulso da escola	5	9.09
Gravidez	4	7.27
Dificuldade de relacionamento na escola	2	3.64
Não responderam	2	3.64
Cuidar de Familiares	2	3.64
Notas baixas	1	1.82
Mudança de cidade	1	1.82
Problemas familiares	1	1.82
Influência de amigos	1	1.82
Problemas de saúde	1	1.82
<i>Bullying</i>	1	1.82
Não me adaptava a escola	1	1.82
Mãe não deixou estudar	1	1.82
Total	55	100

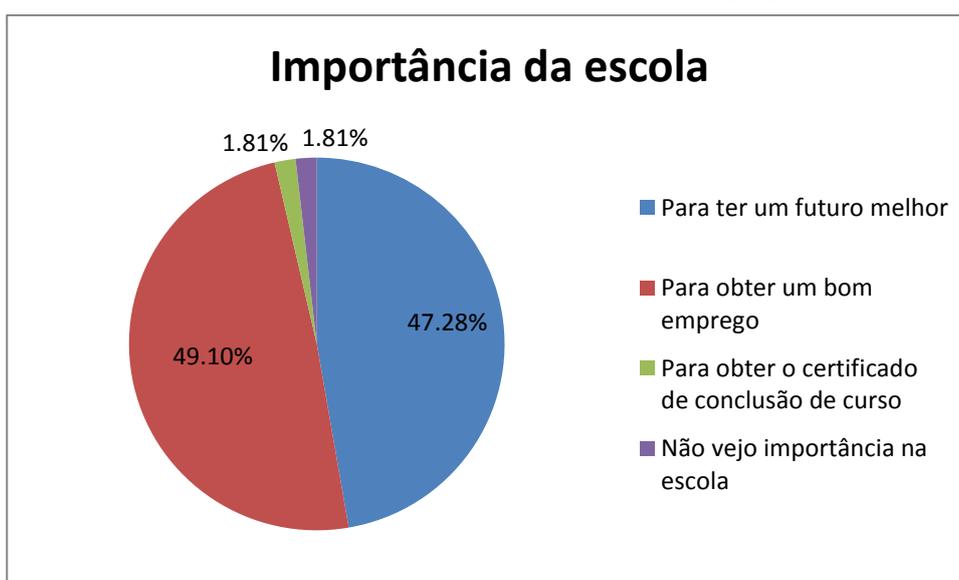
Elaborada pela autora a partir da análise do questionário (2019)

A fim de identificar a percepção e as expectativas dos(as) jovens em relação à escolarização e à EJA, inicia-se questionando-os(as) porque a escola é importante e 49.10% (n=27) dos(as) jovens mencionaram para obter um bom emprego; 47.28% (n=26) para terem um futuro melhor; 1.81% (n=1) para obter o certificado de conclusão; enquanto 1.81% (n=1) afirmou não ver importância na escola. Percebe-se por meio dos resultados que a maioria deles(as) visualiza a escola e mais amplamente o processo de escolarização como uma possibilidade de ascensão profissional e também de um futuro melhor.

Nesta mesma perspectiva, Spósito (2011) pontua que a relação entre juventude e escola no Brasil perpassa pela compreensão de que os(as) jovens depositam confiança na escola em relação ao futuro, pois “sabem que a escolarização é uma entre outras possibilidades para se situar melhor no mundo, para além de um ganho imediato com o emprego ou um futuro profissional melhor” (SPÓSITO, 2011, p. 123).

Para Arroyo (2011), a escola tem um sentido especial no conjunto de lutas por pertencimento, por presença na pluralidade de territórios e de lutas por espaços de vida, de identidade, justiça, igualdade, entretanto alerta que conceber a escolarização como um santo remédio capaz de reverter processos e padrões estruturais que perduram e se aprofundam é um grande equívoco tendo em vista as relações injustas de poder presentes na sociedade brasileira. O gráfico 14 demonstra a importância atribuída a escola pelos(as) jovens:

Gráfico 14 – Importância da escola para os(as) jovens pesquisados(as)



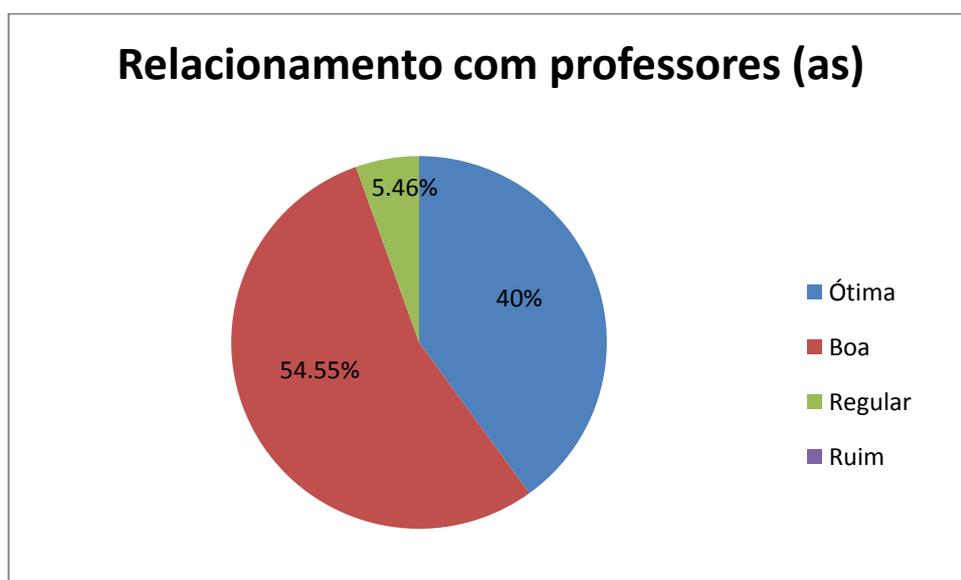
Fonte: elaborado pela autora (2019)

No que tange a avaliação do relacionamento dos(as) jovens com os(as) professores(as) que atuam na EJA, as apreciações foram positivas, pois na opinião de 40% (n=22) o relacionamento é ótimo, 54.55% (n=30) mencionaram ser bom, 5.46% (n=3) consideram regular e nenhum aluno(a) avaliou como ruim. Nas entrevistas que serão tratadas na sequência muitos(as) jovens mencionaram que na EJA os(as) professores(as) são mais atenciosos(as) e flexíveis o que permite estabelecerem uma relação dialógica, com confiança e amizade e em decorrência desse relacionamento é possível haver o favorecimento da aprendizagem.

Segundo Spósito (2011), a confiança nos(as) professores(as) é apontada com muita intensidade pelos(as) jovens na pesquisa sobre o “Perfil da juventude brasileira”, pois 88% dos(as) jovens que estudam no ensino fundamental citaram confiar em seus professores(as), assim como 92% dos(as) que estudam no ensino médio. Para a autora, a expressão confiança compõe uma apreciação afetiva, vendo no(a) professor(a) um provável amigo(a).

Neste mesmo viés Brunel (2008, p. 34) reitera que: “[...] tão importante quanto à competência do professor ao transmitir o conteúdo em sala de aula, é a sua postura afetiva e de respeito, pois só assim o ambiente escolar será um lugar de aprendizado prazeroso e que tenha algum sentido em suas vidas”. Logo a postura do(a) professor(a) em sala de aula pode influenciar positivamente a aprendizagem dos(as) alunos(as), para tanto uma pedagogia da escuta deve ser exercitada. Na sequência segue o gráfico 15 que demonstra a avaliação do relacionamento dos(as) jovens com os(as) professores(as):

Gráfico 15 – Autoavaliação quanto ao relacionamento com professores(as)



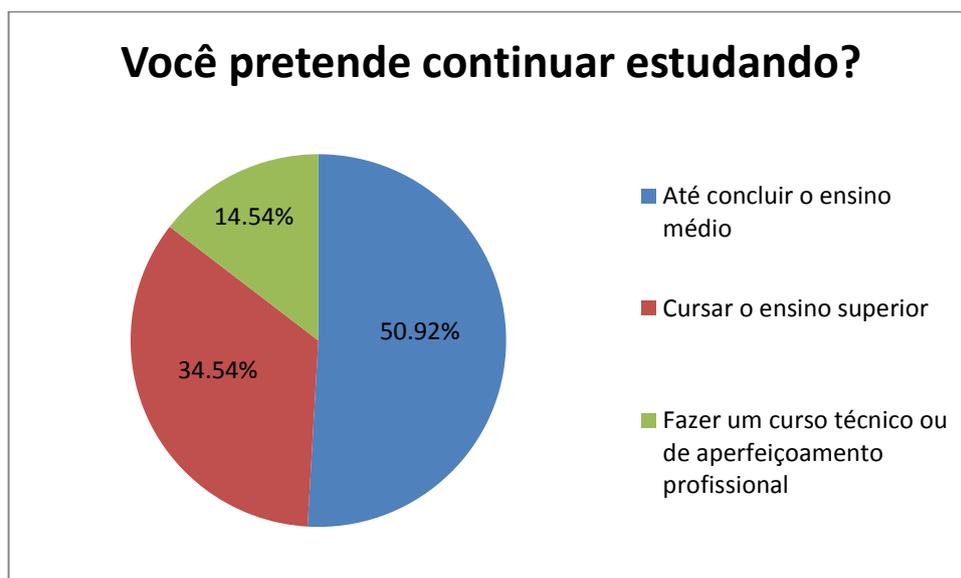
Fonte: elaborado pela autora (2019)

Com relação às expectativas, alguns(as) jovens sinalizam o desejo de continuar a estudar, entretanto 50.92% (n= 28) dos(as) jovens estudantes da EJA pretendem estudar apenas até concluir o ensino médio, 34.54% (n=19) objetivam cursar o ensino superior e 14.54% (n=8) mencionaram que têm planos de realizar um curso técnico ou de aperfeiçoamento profissional.

Em estudo similar Carrano; Marinho e Oliveira (2015) revelam o desejo dos(as) jovens pela ampliação da escolaridade “destaca-se a intenção de busca da continuidade ou de complemento dos estudos para além do ensino médio, seja por meio do ingresso na universidade (43,3%), ou pela realização de algum curso profissionalizante (26%)”.

O que de fato chamou a atenção, nesta pesquisa realizada com os(as) estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, foi o elevado percentual de estudantes que pretendem apenas terminar o ensino médio. Em pesquisas realizadas acerca dos impactos da trajetória escolar nas expectativas futuras de estudantes, Carrano; Marinho e Oliveira verificaram que a defasagem idade/série é um fator negativo no processo de escolarização, pois “quanto mais se acumulam anos de retenção, mais diminuem as expectativas de ingresso numa universidade e aumentam as perspectivas de tão somente procurar um emprego ao fim do ensino médio” (2015, p. 1452). Esta afirmativa tem sentido para este estudo ao se considerar que 89.10% (n=49) dos(as) estudantes já passaram por reprovações. O gráfico 16 demonstra a expectativa dos(as) jovens com relação à escolarização:

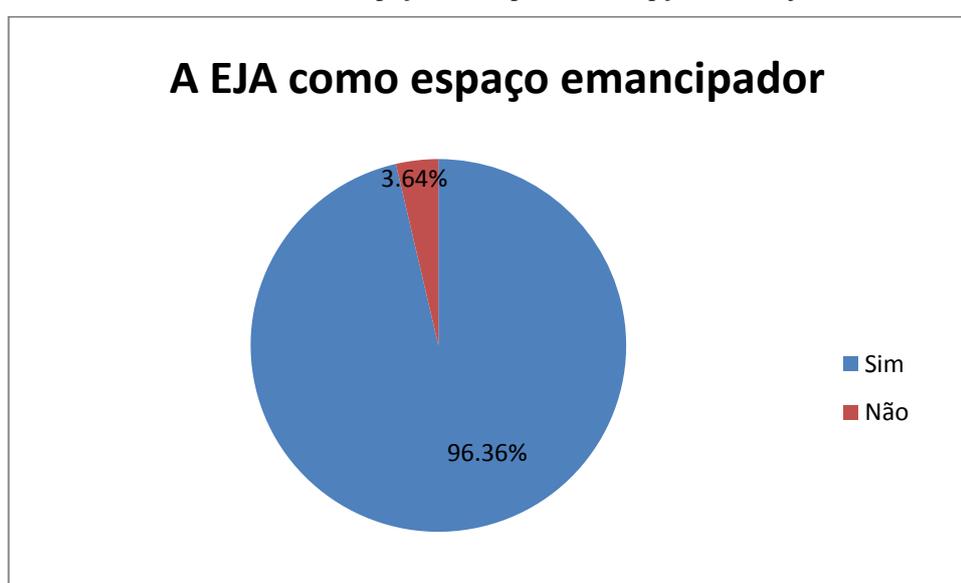
Gráfico 16 - Expectativa futura dos(as) jovens em relação à escolarização



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Por fim, os(as) jovens foram questionados(as) se consideram a EJA do NAES de Ponte Serrada-SC um espaço emancipador e 96.36% (n=53) dos(as) estudantes mencionaram de forma positiva, apenas 3.64% (n=2) não consideram um espaço emancipador. Pode-se avaliar este dado positivamente tendo em vista que a instituição escolar assume relevância na vida deles(as) à medida que torna possível uma educação emancipadora. O gráfico 17 ilustra a concepção dos(as) jovens quanto a EJA ser um espaço emancipador:

Gráfico 17 - EJA um espaço emancipador: concepção dos(as) jovens



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Por fim, pontua-se que a identificação do perfil dos(as) jovens acima apresentada possibilitou a definição de uma imagem sociológica em relação a quem são os(as) estudantes da EJA do NAES do município de Ponte Serrada-SC, a partir desta primeira constatação de quem são os sujeitos da pesquisa apresenta-se na próxima seção a voz dos(as) jovens.

5.2 A VOZ DOS(AS) JOVENS

Nesta seção, apresenta-se a análise das entrevistas realizadas com 12 estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, com idade entre 15 e 24 anos. Buscou-se dar voz aos(as)

jovens sobre seu percurso escolar no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e a experiência na EJA, a fim de se compreenderem os motivos que levam os(as) jovens cada vez mais jovens procurarem a EJA para continuar e concluir seus estudos.

A partir da fala dos(as) estudantes que participaram das entrevistas, ficou evidente que vários motivos os(as) levaram buscar esta modalidade da Educação Básica. Com base nos depoimentos, foi possível estabelecer duas subcategorias de análise, conforme segue: a Juvenilização na EJA: da evasão à migração e Juvenilização na EJA: retomada da vida escolar renunciando sonhos e direitos negados.

Na sequência, apresentam-se trechos das entrevistas que se consideram fundamentais para entender a presença dos(as) jovens na EJA. A fim de mantermos o sigilo quanto à identificação dos(as) participantes, os(as) jovens estudantes foram nomeados(as) como E1, E2, E3... E12, assim apresentamos no quadro 06 a caracterização dos(as) jovens entrevistados(as), no que diz respeito ao gênero, a idade e a etapa da Educação Básica que estão frequentando.

Quadro 06 – Caracterização dos(as) jovens entrevistados(as).

Sujeitos	Gênero	Idade	Etapa
E1	Feminino	17 anos	Ensino fundamental
E2	Feminino	15 anos	Ensino fundamental
E3	Feminino	24 anos	Ensino fundamental
E4	Masculino	20 anos	Ensino médio
E5	Feminino	18 anos	Ensino médio
E6	Feminino	17 anos	Ensino médio
E7	Masculino	16 anos	Ensino fundamental
E8	Masculino	17 anos	Ensino médio
E9	Masculino	19 anos	Ensino médio
E10	Masculino	17 anos	Ensino fundamental
E11	Masculino	16 anos	Ensino fundamental
E12	Feminino	16 anos	Ensino fundamental

Fonte: elaborado pela autora a partir da análise das entrevistas.

5.2.1 Juvenilização na EJA: da evasão à migração

Estabelecendo uma relação entre a análise dos questionários e as entrevistas, é possível asseverar que os motivos que levam os(as) jovens desistirem de estudar no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e ingressarem na EJA são múltiplos. Dessa forma, diante das motivações expressadas pelos(as) estudantes partícipes da pesquisa, afirma-se que o fenômeno juvenilização na EJA do NAES do município de Ponte Serrada-SC relaciona-se às seguintes motivações: relações com a escola, processo de escolarização, trabalho e, também, com fatos da vida. Na sequência, apresenta-se o relato dos(as) jovens quanto aos motivos que os(as) impulsionaram a evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA.

Percebe-se por meio dos relatos que alguns(as) estudantes tinham algumas relações permeada de atritos enquanto estudavam no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, pois frequentemente envolviam-se em conflitos quer seja com colegas ou professores(as), isso fica evidente na fala da estudante E3 quanto ao fato de ter migrado para a EJA “*porque eu brigava demais na escola, não me acertava com os professores nem com os colegas*”. Motivo semelhante é apresentado pela estudante E2 “*eu quase não ia à aula, como eu estudava de manhã me dava preguiça e na verdade eu também não gostava de ir na escola*”.

As dificuldades de relacionamento descritas pelas estudantes E2 e E3 podem estar associadas ainda a não adaptação às normas disciplinares impostas nas instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens. Sobre esta questão, Brunel (2008, p. 59) assevera “que alguns jovens não se ajustaram às regras disciplinares da escola regular [...] o que pode provocar problemas entre alunos e professores e, muitas vezes, entre os próprios alunos”.

Ainda em relação às situações conflituosas que se estabelecem no chão da escola, Carvalho (2017) enfatiza que os(as) jovens são sujeitos com múltiplas experiências e vivências oriundas de diversos contextos sociais e podem em determinados momentos não se comportar da forma esperada, ocasionando assim conflitos e desentendimentos não só com os(as) colegas, mas também com professores(as).

No questionário que se aplicou aos(as) jovens a fim de caracterizar o perfil dos(as) estudantes que frequentam a EJA do município de Ponte Serrada-SC, previamente se perguntou sobre os motivos que os(as) levaram a evadir do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA e 9.09% (n=5) dos(as) estudantes sinalizaram que foram

expulsos(as) das escolas. Essa motivação foi identificada no depoimento do estudante E7 que afirma “*eu fui expulso*”. A fim de entender essa situação, solicitou-se que ele(a) detalhasse esse processo de expulsão e se obteve a seguinte resposta “*porque eu botei fogo na escola, na verdade coloquei um clips na tomada e começou a sair faísca*”.

No relato do jovem E7, percebe-se certa satisfação em infringir as regras sem receio das consequências, para Pais (2006) correr risco produz no jovem uma sensação de poder, pois “a transgressão marca ainda uma vontade de escapar à conformidade, e, nesse sentido, a propensão ao risco é também efeito de comportamentos socializados que reproduzem uma resistência rebelde à adversidade” (PAIS, 2006, p. 12).

Também o estudante E10 relata o fato da expulsão “*posso ser sincero, eu fui expulso depois que aconteceu um fato lá na escola, aí eles me mandaram procurar vaga aqui*”, perguntou-se por qual motivo ocorreu a expulsão e o estudante mencionou que após uma discussão com determinado professor(a) ele fugiu da escola. Em seguida, foi acionado o Conselho Tutelar que orientou a família do estudante E10 a matriculá-lo na EJA pelo fato de ele ser menor de idade.

Entende-se que as expulsões dos estudantes ora mencionados se deram por motivações distintas, porém é preciso compreender esse processo de expulsão mais amplamente, pois de forma velada o olhar de reprovação e o preconceito que, muitas vezes é dirigido aos(as) jovens também acaba por expulsá-los(as) dos espaços educacionais.

Além disso, a expulsão dos(as) jovens estudantes do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens denota o processo de exclusão que foram submetidos(as), conforme afirma Barreto (2012, p. 184), “perceber que o jovem é agora parte integrante da educação de jovens e adultos é revelador da desigualdade social, uma vez que os jovens são ‘expulsos’ do sistema regular de ensino”. Portanto, a EJA deve-se constituir como um espaço de acolhimento para estes(as) estudantes que outrora vivenciaram experiências negativas de formação e (de)formação no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens.

Outras motivações foram enunciadas pelos(as) estudantes e estão relacionadas com o processo de escolarização, as seguidas reprovações e as dificuldades de aprendizagem acabaram por desmotivá-los(as), foi o que relatou o estudante E10 “*porque eu já tinha muitas reprovações, depois do terceiro ano que eu reprovei já perdi as esperanças*”.

Por este mesmo motivo o estudante E8 e E9, respectivamente, justificam a saída do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, “*foi por causa das reprovações, só porque eu não*

conseguia passar de ano, não aprendia” (E8), “por reprovações, eu tive muitas reprovações de três a quatro anos” (E9).

Acerca da desmotivação ocasionada pelas seguidas reprovações, estudos sobre a juvenilização da EJA realizados por Carvalho (2017); Afro (2016); Duarte (2015); Ferreira (2015) apontam que o aumento quantitativo de jovens na EJA nos últimos anos está relacionado, sobretudo as altas taxas de reprovação e de distorção idade-série que os(as) estudantes experienciam no *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens*.

Cruzando as informações levantadas inicialmente mediante aplicação do questionário aos(as) estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, constatou-se que 89.10% (n=49) dos(as) jovens já foram reprovados(as), situação semelhante identifica-se na pesquisa de Afro (2016) sobre a juvenilização da EJA no município de Salvador-BA, em que se identificou que 85% dos(as) estudantes pesquisados(as) passaram por reprovações durante a vida escolar. Para a autora, “esse percentual é realmente alarmante e leva a pensar como a escola tem sido excludente, reprovando os estudantes que ela julga serem inaptos” (AFRO, 2016, p. 79).

Além disso, a defasagem idade-série é sobremaneira maior entre os(as) estudantes das classes menos favorecidas, Charlot (2001, p. 16) relaciona que “os alunos das camadas populares têm mais dificuldade na escola; portanto há mais reprovações entre eles do que entre os alunos oriundos dos meios favorecidos”.

Outro aspecto motivador para os(as) estudantes evadirem do *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* e/ou migrarem para EJA diz respeito à necessidade de trabalhar. Nesta pesquisa, 27.26% (n=15) dos(as) jovens que responderam ao questionário se referiram ao trabalho como a principal motivação, assim como relatado na entrevista pelo estudante E9 “*a escola regular não oferecia aulas à noite para o fundamental, aí era complicado, as aulas eram só no período de manhã e de tarde, e eu precisava trabalhar*”.

Motivação semelhante aponta o estudante E4 “*porque estudando aqui na EJA fecham os horários para eu ir trabalhar*”. Além disso, este mesmo estudante avalia que o fato de ter trabalhado enquanto estudava no *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* dificultou seus estudos “[...] *eu comecei a trabalhar cedo nem tanto por necessidade, mas porque eu sempre gostei de ter o meu dinheiro. Mas, hoje, eu vejo que me atrapalhou porque dava menos vontade de ir para escola, a gente já ia cansado*”.

Ainda com relação ao trabalho e os estudos a estudante E1 aponta a necessidade de faltar às aulas enquanto estudava no *Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens* pelo fato de

estar trabalhando no período diurno “quando eu estudava de manhã na escola regular, eu faltava demais as aulas porque tinha que trabalhar”.

Estudo realizado por Carrano; Marinho e Oliveira (2015) indicaram que para significativo número de estudantes, o trabalho é responsável pelo abandono escolar, pois segundo os(as) autores(as) “aqueles que trabalham e estudam têm mais dificuldade de permanecer na escola” (2015, p. 1447).

Corroborar com este entendimento Afro (2016) ao sugerir que em virtude do ingresso no mercado de trabalho e, diante do cansaço das tarefas laborais os(as) jovens perdem o foco nos estudos, pois conforme a autora: “é válido ressaltar que o trabalho influencia na desistência do discente do ensino, pois o sobrecarrega não apenas fisicamente, como também mentalmente” (AFRO 2016, p. 98). Assim, é preciso considerar que para muitos(as) estudantes frequentar a EJA exige esforço, pois constitui um terceiro turno de trabalho.

Dessa forma, considerando o trabalho como a principal motivação apontada pelos(as) estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC para a saída do *Ensino* de Crianças, Adolescentes, é preciso levar em conta as condições de vida dos sujeitos da EJA que buscam no trabalho a garantia de sua existência, assim o grande desafio que se apresenta é construir um processo educativo pautado na ciência, cultura e no trabalho, para que haja cooperação e solidariedade, e não apenas seguindo a lógica competitiva e individualista que rege o mercado de trabalho capitalista.

Ao se pensar no trabalho como elemento de articulação dos conhecimentos científicos, é necessária a construção de um novo parâmetro de escola para os(as) jovens estudantes da EJA, cuja referência principal seja o mundo do trabalho. Assim, compactua-se com Sanceverino (2017) de que o trabalho é marca dos sujeitos da EJA, portanto deve assumir centralidade no modelo pedagógico. Ademais, a autora defende que a EJA assuma o trabalho como categoria fundante em seu princípio educativo, o que pressupõe uma escola que no horizonte dos desafios e das perspectivas que poderão ser construídas produzam práticas educativas comprometidas com a formação crítica e com a emancipação política e social dos(as) estudantes trabalhadores(as).

Além desses motivos nomeados acima, verifica-se na análise do material empírico que algumas circunstâncias inesperadas podem levar os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA, sendo relacionadas a fatos da vida, tais como gravidez, mudança de cidade ou doenças como foi o caso da estudante E5 que parou de estudar no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens pela necessidade de cuidar de

um familiar “*desde que minha mãe teve um AVC ela é cadeirante e eu tive que cuidar dela, então, não tive mais tempo para ir à escola durante o dia*”.

Como se nota, há fatos inesperados que ocorrem ao longo da vida que exigem mudanças, assim como relata a estudantes E5 que precisou alterar sua rotina devido a necessidade de cuidar da mãe. Estudos sobre a juvenilização realizados por Marinho (2015) também mencionam a necessidade de cuidar de familiares doentes como um fator motivante para jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA, situação equivalente é vivenciada também por jovens que dedicam-se ao cuidado de irmão(ãs) menores enquanto seus pais (pai/mãe) trabalham para prover o sustento familiar (MARINHO, 2015; ANJOS, 2014).

Por conseguinte, a gravidez foi apontada por 7.27% (n=4) das estudantes que responderam o questionário como motivação para evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrar para EJA, identificamos essa motivação também na entrevista, como segue o relato da estudante E6 “*na verdade eu larguei a escola porque engravidei, e agora voltar a estudar na escola regular eu tenho vergonha*”.

A ocorrência da gravidez é uma das motivações relacionadas à evasão/migração das jovens para a EJA, estudos realizados por Freitas (2015) sobre a juvenilização indicam que as jovens se afastam do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens também por questões próprias da realidade individual, entre elas a gravidez. Da mesma forma, Anjos (2015, p. 140) reitera que após a gravidez as jovens tendem a deixarem as escolas diurnas, pois “um dos motivos é que, ao se tornarem mães, passam a ver a turma como infantilizada e se sentem deslocadas. Em outras situações, a adolescente tem de ficar com o filho durante o dia e opta pela EJA noturno”.

Macedo (2017) também menciona em sua pesquisa que a juvenilização da EJA embora em menores proporções está relacionada à gravidez não planejada. Essa temática num viés moralizante geralmente é apontada como um problema quando considerado um evento precoce, capaz de desestabilizar e encurtar o período da juventude. Entretanto, convida-se a refletir se de fato existe um tempo certo ou precoce para a maternidade/paternidade.

Por este ângulo, entende-se que gravidez precoce não é o termo adequado para designar esse evento, pois tal experiência pode colaborar para a formação da identidade pessoal, ou seja, legitimar a afirmação individual em andamento nesse momento da vida, e ainda forjar a autonomia dada as novas responsabilidades que demanda. Sobre essa questão

Brandão (2006) elucida que a gravidez na adolescência é uma temática profícua para explorar as injunções sobre as responsabilidades juvenis

sempre tomada como evento restritivo da autonomia juvenil, pode ser contemplada sob perspectiva inversa, ou seja, como um dos dispositivos passíveis de estarem presentes no decurso do processo de conquista gradativa de autonomia que têm lugar nos primeiros relacionamentos afetivo-sexuais que se instalam nessa fase da vida (BRANDÃO, 2006, p. 87).

Na fala da estudante E6, ela relaciona a ocorrência da gravidez ao sentimento de vergonha em retornar ao *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, isso evidencia certo medo de ser julgada, pois há uma visão moralizante acerca da gravidez arraigada na sociedade e que, ainda, recrimina uma educação sobre sexualidade, reitera-se que é preciso debater nas escolas a fim de superar os preconceitos estigmatizados em torno do sexo, da sexualidade, da gravidez e tantos outros assuntos pertinentes.

Outro motivo bastante particular que chamou a atenção foi o relato da estudante E3 que foi forçada a parar de estudar pela própria mãe, “*minha mãe não deixou mais eu estudar porque eu contava tudo que acontecia em casa na escola. Quando eu tinha 12 anos eu sofria muito, era abusada sexualmente pelo meu padrasto*”. Percebe-se neste relato que E3 via na escola a possibilidade de obter ajuda pelas violências que era vítima, entretanto foi silenciada e impedida de continuar estudando assim como outros(as) tantos(as) estudantes são silenciados(as) e por diversos motivos param de estudar, sendo vítimas do descaso.

Na tese de Andrade (2008), ele objetivou compreender os processos de ex/inclusão de estudantes do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e a migração para a EJA, a pesquisadora também se defrontou com relatos de uma jovem sobre os abusos sexuais que fora submetida na infância, para a autora esse é um caso emblemático de vulnerabilidade social que outros(as) jovens estudantes também podem estar expostos(as).

Essa questão suscita a reflexão sobre a importância de políticas públicas no combate às violências contra crianças e adolescentes e assinala-se a relevância que a escola junto a uma rede mais ampla de atendimento intersetorial representa, seja na identificação e na denúncia de abusos e violações que os(as) estudantes possam estar submetidos(as), ou ainda promovendo uma efetiva educação sexual mediante um diálogo formativo com professores(as), alunos(as) e toda comunidade escolar .

Na sequência, apresenta-se o relato dos(as) estudantes sobre experiências vivenciadas enquanto estudavam no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, foram descritas pelos(as) jovens algumas experiências negativas que certamente os(as) desmotivaram e que podem ter

contribuído para a consequente evasão/migração. Algumas narrativas nos chamaram a atenção, entre elas casos de preconceito e racismo referidos pelos(as) jovens, como a estudante E1 “*eu sofria racismo por parte de colegas*”.

Também o estudante E7 menciona que era vítima de preconceito “*eu não me dava bem com uma professora, porque ela tinha muito preconceito*” perguntei a ele que forma de preconceito, este se referiu ao preconceito racial e de classe social: “*preconceito de raça e de classe social, essa professora me tratava mal, falava até que eu andava mal vestido*”.

Verifica-se na fala dos(as) estudantes E1 e E7 que o preconceito infelizmente ainda está presente nos espaços educacionais em que muitas coletividades são discriminadas e oprimidas. Acerca desta assunto, Barrios (2018) enfatiza que o preconceito influencia a saída dos(as) jovens de espaço educacionais, sobretudo os(as) de classe sociais desfavorecidas.

Nesta mesma perspectiva, Teixeira (2014) em sua pesquisa sobre a escolarização de estudantes negros(as) na rede municipal de ensino de Angra dos Reis-RJ sinaliza que jovens negros(as) além de sofrerem desvantagens no percurso escolar são os(as) mais propícios(as) aos bancos escolares da EJA, pois para a autora “no processo de socialização, crianças e adolescentes negros experimentam em nosso país, processos de erosão de sua identidade racial e a escola tende a reproduzi-los ou a reforçá-los” (TEIXEIRA, 2014, p. 94).

Outra experiência negativa que se constata nos depoimentos dos(as) jovens é a ocorrência de *bullying* nos espaços educacionais como expressa a estudante E2 “*eu quase não ia na aula, porque quando faziam a chamada o meu nome era motivo de risada, de deboche, eu sofria bullying por causa do meu nome*”. Da mesma forma o estudante E10 afirma ter sofrido bullying “*eu sofria bastante bullying, os colegas me zoavam porque eu sou diferente, eles debochavam de mim por causa das minhas características físicas*”.

As narrativas dos(as) estudantes expressam a violência psicológica que foram expostos(as) em suas trajetórias escolares, pois o *bullying* é uma realidade nos ambientes educacionais. Afro (2016) em seus estudos sobre a juvenilização da EJA enfatiza que situações de *bullying* vivenciadas por estudantes de escolas públicas de Salvador-BA trouxeram prejuízos à vida social e, conseqüentemente, dificuldades de aprendizagem.

Do mesmo modo, Gonçalves (2015) aponta em sua pesquisa que “o comportamento de *bullying* é causa comum de evasão escolar ou de trocas frequentes de escola” (2015, p. 12). Partindo desse pressuposto, acredita-se que os espaços educacionais são lugares estratégicos para impedir situações de *bullying* haja vista a possibilidade de desenvolver a conscientização dos(as) alunos(as) quanto aos danos que tal violência pode acarretar na vida das vítimas.

Por fim, solicita-se que os estudantes expressassem com apenas uma palavra como visualizam o *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, a maioria falou boa, mas também foram mencionadas as palavras difícil, rígida, péssima e houve aqueles(as) que não conseguiram sintetizar com apenas uma palavra, é o caso do estudante E4 “*eu queria ter aproveitado, me arrependo de não ter aproveitado porque é uma escola boa*”.

Por fim, baseando-se neste último relato, acredita-se que essa juventude, apesar de todos os percalços experienciados em sua trajetória escolar, valoriza o ambiente educativo, pois sabem da importância da escolarização, corrobora com este entendimento Brunel (2008) ao asseverar que a escola ainda possui lugar de destaque e é valorizada socialmente. Ademais, os(as) jovens frequentemente vinculam a escolarização à possibilidade de terem um futuro melhor como se verá na próxima seção.

5.2.2 Juvenilização na EJA: Retomada da vida escolar renunciando sonhos e direitos negados

Entende-se que a retomada e/ou continuação da vida escolar na EJA institui-se como direito para sujeitos jovens e adultos, não como oportunidade, ou segunda chance, mas como uma afirmação do direito subjetivo à educação. Desse modo, nesta subcategoria, reúnem-se os relatos dos(as) jovens quanto à sua trajetória na Educação de Pessoas Jovens e Adultas, bem como suas expectativas em relação à escolarização.

Para tanto, inicialmente, questiona-se sobre a importância que se atribuir aos estudos, bem como os fatores que os(as) levaram procurar a EJA para continuar estudando. Assim, para a estudante E3 retomar seus estudos na EJA está atrelado à possibilidade de ter uma vida melhor “*eu voltei a estudar, porque quero melhorar de vida*”. Neste mesmo sentido, o jovem E8 também vislumbra ter um futuro melhor “*eu penso em ter um futuro melhor, por que sem estudo, a gente não vai para frente*”.

Boa parte dos(as) jovens estudantes atrelou ainda a importância dos estudos com a aquisição de conhecimento e melhores oportunidades, para estudante E2 “*estudar é tudo, com mais estudo eu vou ter mais oportunidades*”. Assim, como o estudante E10 e E9 respectivamente “*para aprender coisas novas e ter oportunidades melhores*”, “*porque eu quero ser alguém na vida, ter mais conhecimento*”.

Percebe-se nos relatos uma antecipação futurista, os(as) jovens retomam ou continuam seus estudos, pois almejam mediante a escolarização ter uma vida melhor, nesta mesma perspectiva Carrano; Marinho e Oliveira (2015, p. 1450) ponderam que “o retorno à escolarização parece representar para os jovens da EJA e, em especial, para os jovens adultos, um momento singular de retomada dos sentidos da escola, os quais se alimentam de sonhos e projeções futuras”. Neste mesmo sentido, Brunel (2008, p. 40) salienta que “os alunos veem na escola a possibilidade de um futuro melhor”.

Os resultados desse estudo corroboram com os achados de Alcantara (2016) em pesquisa realizada sobre a juvenilização da EJA no município de Abaetetuba-PA, em que confirma que a possibilidade dos(as) jovens prosseguirem seus estudos na EJA representa a oportunidade de darem continuidade aos seus projetos de vida, haja vista que vinculam a expectativa de alcançarem um futuro melhor por meio da elevação da escolaridade.

A reflexão acerca dessas colocações evidenciam ainda que os(as) jovens têm consciência quanto à importância dos estudos, entretanto Carvalho (2017) reitera que estes(as) jovens, muitas vezes, assumem uma perspectiva de que a construção desse futuro depende exclusivamente deles(as), acabam não conseguindo perceber que essa é uma relação que está além da dimensão individual, logo imergem na crença meritocrática de que mediante esforço e dedicação por meio da educação terão garantia de uma vida melhor.

Sobre isso Arroyo (2013) é enfático ao afirmar que a ida à escola em busca de passagem de lugar social é permeado por uma mistura de temor e fascinação e as escolas, os currículos não dão conta de cumprir essa fascinação de acender a outros lugares e tempos sociais, assim, “a crise da escola passa pela decepção de seu receituário de promessas de um lugar novo, de passagem para uma vida nova” (ARROYO, 2013, p. 340).

Neste mesmo viés, Spósito (2011) postula que a instituição escolar surge como caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos(as) jovens que culminaria na inserção no mercado de trabalho, entretanto alerta que a escolaridade já não mais se afigura como elemento garantidor de estabilidade profissional, especialmente ao se considerar que os extratos menos privilegiados são aqueles(as) que têm o acesso tardio aos degraus mais elevados do sistema de ensino.

Não se quer com isso ser pessimista, nem desmerecer a importância atribuída pelos(as) jovens aos estudos; entretanto, salienta-se a necessidade de se fazer uma educação capaz de politizá-los(as), para que reconheçam que as relações injustas de poder que perpassam a

sociedade capitalista sejam extremamente desiguais e, assim, com criticidade sigam lutando por uma sociedade mais equitativa.

Contudo, alguns jovens expressaram não ver importância em estudar, pois para eles se tornou uma obrigação, para o jovem E7 a decisão de continuar seus estudos na EJA foi compulsória, pois o desejo era parar de estudar *“a promotora do fórum disse que eu não podia parar de estudar, se eu parasse minha mãe teria complicações e eu ia ter que realizar serviço comunitário, aí eu tive que vir para EJA”*. Situação semelhante aconteceu com o jovem E10 que foi encaminhado pelo Conselho Tutelar *“eu era menor de idade, eu tinha 16 anos, fui obrigado. Eu queria parar de estudar só que o Conselho Tutelar ficou em cima e falou que eu não podia porque era menor, então me encaminharam para EJA”*.

Todavia, reitera-se que entre os(as) jovens, poucos(as) mencionaram estar ali obrigados(as), quer seja por responsáveis ou para cumprir a determinação legal pelo fato de serem menores de idade, no caso dos(as) jovens entrevistados(as) apenas dois estudantes relataram que foram encaminhados por representantes do Ministério Público e Conselho Tutelar em decorrência de situações conflituosas que se envolveram enquanto estudavam no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens.

Em estudos realizados em Santa Maria-RS por Freitas (2015), com o intuito de compreender como os(as) educadores(as) realizam as práticas pedagógicas, considerando a juvenilização na EJA, visto que a autora também problematiza essa questão, da obrigação imposta por familiares ou pela própria legislação e convida a refletir acerca do seguinte questionamento *“se a escola percebe que muitos jovens afastam-se dela em razão de que a vida os oprime e ou a própria escola os oprime e silencia, por que esta continua a serviço de uma educação desumanizante ou sem sentido para os jovens?”* (FREITAS, 2015, p. 119).

Nesta perspectiva, acredita-se que muitos(as) jovens sentem-se obrigados(as) a estudar pelo fato de não encontrarem sentido ou ainda por não terem uma perspectiva de futuro em relação à escolarização. Sobre esse aspecto, Gadotti (2011, p. 17) elucida que *“sentido, quer dizer ‘caminho não percorrido’, mas que se deseja percorrer, portanto significa projeto, sonho, utopia”*, daí a importância de se promover uma educação não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados, mas sobre a vida, que valorize o conhecimento prévio dos(as) jovens estudantes, a sua realidade para que enfim encontrem sentido em estar estudando.

Na sequência, ao se buscar identificar o que motiva os(as) jovens a estudar, novamente as respostas estão direcionadas para uma projeção futura. Entretanto surge um novo elemento: o trabalho, os(as) jovens estudantes associam a escolarização com uma boa colocação no

mercado de trabalho, vê-se o que discorre o estudante E11 “*ter um futuro melhor, por que hoje em dia sem estudo a gente não consegue trabalho, eu penso por esse lado, eu quero ter uma família um dia, então eu tenho que estudar*”.

A estudante E2 menciona que precisa estudar para conseguir um bom trabalho “*eu preciso estudar para ser alguém na vida, porque se a gente quiser ir trabalhar numa empresa pelo menos tem que ter o ensino médio*”. A possibilidade de ocupar melhores colocações de trabalho que seus pais (pai/mãe) é um incentivo para a estudante E6 estudar “*bom, eu penso em estudar para ter um futuro, ter um trabalho que não sofra, porque eu vejo pelos meus pais o quanto eles sofrem porque não estudaram*”.

Perante o relato dos(as) jovens estudantes, infere-se que eles(as) visualizam a educação como um importante meio para conseguirem, além de trabalho, reconhecimento social. Nesse mesmo viés, Silva (2015, p. 86) reconhece que “[...] apesar das dificuldades passadas e presentes, os alunos ainda veem a escola com olhar de esperança. Esperança de conseguir um ‘emprego melhor’, ou até mesmo de conseguir o ‘primeiro emprego’ e, assim, poderem ter melhores condições de vida”.

Dessa forma, percebe-se que os(as) jovens estudantes vislumbram acessar o mundo do trabalho para ter uma vida mais digna, assim apostam na escolarização como um caminho possível para além da aquisição de conhecimentos, o direito a acessar bens culturais e inserir-se no mundo político, social e econômico, visando exercer o direito à cidadania. Para Miguel Arroyo (2013), a escolarização carrega a força simbólica de direito a outros lugares em disputa por cidadania, justiça e dignidade.

Ainda sobre a intrínseca relação entre escolarização e trabalho, ressalta-se que os(as) estudantes chegam a EJA com um saber próprio, fruto de suas relações sociais e de luta por sobrevivência, portanto como se mencionou anteriormente o trabalho como princípio educativo é preponderante para que haja sentido entre os saberes da escola e os saberes acumulados pelas pessoas jovens e adultas ao longo de suas vidas, coaduna com esta afirmativa Gadotti e Romão “o contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando, assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão” (2011, p. 143).

No prosseguimento das entrevistas os(as) estudantes foram questionados(as) sobre as possíveis mudanças que ocorreram em suas vidas após ingressarem na EJA, alguns(as) citaram a possibilidade que tiveram de trabalhar durante o dia e estudar à noite, como disse a

estudante E1 “*mudou bastante, antes a gente não conseguia trabalhar e se conseguisse era só meio período e agora a gente consegue o dia inteiro, porque pode estudar de noite*”.

Nesta mesma perspectiva, o estudante E7 declara que aumentou seus rendimentos financeiros porque consegue trabalhar o dia todo “*surgiu essa oportunidade de trabalhar na lavagem de carros onde eu ganho mais porque vou o dia inteiro, se eu estudasse na escola regular eu ia ter que trabalhar só meio período*”. O estudante E4 aponta o fato de ter obtido reconhecimento profissional “*eu tive mais oportunidades na empresa*”.

Outros(as) estudantes que foram entrevistados(as) indicaram que após ingressarem na EJA tiveram a oportunidade de aumentar os conhecimentos, é o caso do estudante E9 que declarou “*acrescentou um pouco mais de conhecimento*”, assim como a estudante E2 afirmou que “*aumentei meus conhecimentos*”.

Diante dos relatos, percebe-se que distintas mudanças ocorreram na vida dos(as) jovens estudantes, sobretudo que o ingresso na EJA é apontado de forma positiva vinculado à possibilidade de emancipação financeira e política. Novamente a centralidade atribuída ao trabalho pelos(as) jovens emerge nos relatos, o que evidencia a necessidade de reconhecê-los(as) como trabalhadores(as)-estudantes e promover uma educação para pessoas jovens e adultas pautada no princípio educativo do trabalho, atividade por meio da qual o ser humano transforma a natureza e produz a sua existência.

Portanto, ao pensar a EJA, não se pode fazê-la de forma abstrata, ignorando sua história que é permeada por uma perspectiva negativa, associada ao compensar, consertar ou curar, tal perspectiva desqualifica os(as) estudantes jovens e adultos(as) da classe trabalhadora que trazem ao espaço escolar tanto a marca da destituição de direitos quanto à riqueza de suas experiências de luta pela vida (CIAVATTA; RUMMERT, 2010).

Em seguida, dialogou-se sobre a qualidade do ensino na EJA e por unanimidade os(as) jovens entrevistados(as) avaliaram de forma positiva. As respostas variaram entre bom, muito bom, ótimo e excelente. Segundo o comentário do estudante E11 quanto ao envolvimento dos(as) professores “*acho muito bom o ensino na EJA, aqui os professores escutam mais a gente, dão mais atenção*”, o estudante E9 também avaliou a postura dos(as) professores “*[...] tem professores da escola regular que dão aula aqui também, lá eles tem uma postura e aqui tem outra, aqui são flexíveis, conversam mais com os alunos, lá são mais fechados e rígidos*”.

Tendo em vista a relação estabelecida entre a qualidade de ensino e a postura dos(as) professores(as) mencionada pelo estudante E11 e E9, reitera-se que uma relação educativa respeitosa instituída entre ambos é fundamental no processo de aprendizagem. Em estudos

realizados por Marinho (2015), os(as) jovens entrevistados(as) evidenciaram qualidades a respeito da postura dos(as) professores(as) que atuam na EJA. Para a autora, as relações entre os(as) professores e estudantes da EJA são diferentes, pois, “muitos desses jovens foram alunos dos mesmos professores no regular, no entanto, a relação não é a mesma. Na EJA, ela se torna mais horizontal, onde o professor o vê não mais apenas como aluno, mas como sujeito de confiança e respeito (MARINHO, 2015, p. 116).

Nesse mesmo sentido, Toledo (2017) ao discutir as principais diferenças percebidas pelos(as) jovens entre a EJA e o *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, ressalta que os(as) estudantes da EJA Sé-Cambuci-SP mencionaram que seus(as) professores(as) são mais atenciosos(as) e comprometidos(as), o que torna o ambiente favorável à aprendizagem.

Estas reflexões levam a crer que a qualidade do ensino na perspectiva dos(as) estudantes está diretamente relacionada com o ser professor(a), assim importa que os(as) profissionais atuantes na EJA tenham um olhar diferenciado, pois estes(as) não podem ser ensinados(as) da mesma forma que as crianças. Sobre essa questão Jardimino e Araújo (2014, p. 174) enfatizam que: “[...] é preciso não considerá-los como crianças em relação ao processo de aprendizagem, infantilizando materiais e textos e desconsiderando que são sujeitos de aprendizagem e protagonistas em seu processo de desenvolvimento”.

Por fim, pergunta-se aos(as) jovens estudantes quais são as expectativas com relação à escolarização, se pretendem continuar estudando assim que concluírem a EJA. Estabelecendo uma relação com os dados levantados no perfil deles(as) em que 50.92% (n=28) deles(as) mencionaram que desejam estudar até concluir o ensino médio, nas entrevistas obtiveram-se as seguintes respostas dos estudantes E7 e E10 respectivamente “*eu quero terminar o ensino médio*”, “*por enquanto eu só quero concluir o ensino médio [...]*”.

Diante dos relatos dos estudantes E7 e E10, entende-se que estes jovens não manifestam pretensão de continuar estudando para além do ensino médio, seja por incerteza ou por descrença no futuro, não conseguem ver além da realidade que está posta, assim compactuamos com Pais (2006) que para muitos(as) jovens, o futuro encontra-se desfuturizado, (des)governado pelo princípio da incerteza. Nesse mesmo sentido, Brunel pondera que “atualmente, a juventude convive com a incerteza, com medos e com uma certa descrença no futuro” (BRUNEL, 2008, p. 36).

Infere-se que com essa incerteza, a desmotivação demonstrada pelos estudantes pode ser consequência dos recorrentes processos de exclusões que experienciaram ao longo de suas vidas. De acordo com Giovanetti “os alunos da EJA, ao vivenciarem, pelo viés da exclusão

social, o agravamento das formas de segregação cultural, espacial, étnica, bem como das desigualdades econômicas, experimentam a cada dia, o abalo de seu sentimento de pertencimento social, o bloqueio de perspectiva de futuro social” (2018, p. 245).

Logo, entre alguns(as) jovens, emerge uma forte relação com o presente, haja vista que o futuro representa ser algo distante, regido pela ausência de sonhos e projetos, então lhes parece impossível concretizar suas aspirações, para Pais (2006, p.10) “neste caso os projetos de futuro encontram-se relativamente ausentes. Ou, existindo, são de curto prazo”.

Além disso, há dúvidas quanto à futura formação, como foi relatado pela estudante E5 que embora pretenda continuar estudando ainda não decidiu o que irá cursar “*eu pretendo fazer uma faculdade, mas ainda tô pensando no que*”. Resultado semelhante, encontra-se na pesquisa de Carvalho (2017) acerca da juvenilização na EJA em São Luís-MA, a autora aponta que alguns(as) jovens não tem clareza sobre o que pretendem fazer, se vão continuar os estudos, muito menos que cursos desejam fazer, ou que carreira pretendem seguir.

Outros(as) estudantes demonstraram a vontade de concluírem os estudos e obterem a certificação rapidamente como é o caso do estudante E8 que objetiva “*terminar os estudos um pouco mais rápido*”, assim como a estudante E1 “*ter um certificado, porque no trabalho exigem*”. Neste contexto, estudos sobre a juvenilização da EJA enfatizam que os(as) jovens retomam e/ou migrarem para EJA em busca de uma certificação rápida (CARVALHO, 2017; AFRO, 2016). Entretanto, Lemos (2017) sustenta a necessidade de avançar na discussão da EJA como modalidade, para além de propostas e práticas de correção do fluxo escolar e de certificações rápidas e vazias.

Dessa forma, percebe-se por meio dos depoimentos que a EJA ainda carrega uma concepção de aceleração dos estudos vinculada ao extinto ensino supletivo que fora revogado com a aprovação da LDB/1996. Sobre essa questão, Losso (2012) elucida que o fato de a EJA tornar-se uma modalidade da Educação Básica supera a ideia de EJA como supletivo, além de que se transforma em uma “ferramenta de inserção político-social de uma clientela excluída e expropriada de todas as formas de inclusão social” (LOSSO, 2012, p. 47).

Colabora com este entendimento Leôncio Soares (2011) ao considerar que a mudança de ensino supletivo para Educação de Pessoas Jovens e Adultas não foi apenas uma atualização vocabular, houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Ademais, para Jardimino e Araújo é impreterível a superação do conceito de suplência que por anos marcou a Educação de Pessoas Jovens e Adultas na sociedade

brasileira, “um conceito que carrega em seu interior a ideia de continuísmo e de que esses sujeitos precisam de uma segunda oportunidade” (JARDILINO; ARAÚJO, 2014, p. 174).

Assim, é preciso romper com estratégias de perpetuação da dualidade educacional, uma vez que a elevação da escolaridade de pessoas jovens e adultas sob a ótica neoliberal corresponde a um simulacro de ações educativas, que oferecem certificação, mas não conhecimentos suficientes para promover uma educação emancipatória.

Também, obtiveram-se algumas respostas positivas de estudantes que desejam seguir se escolarizando é o caso da estudante E1 “*eu pretendo fazer um curso técnico ou uma faculdade*”, assim como a estudante E2 “*eu pretendo continuar, fazer um curso técnico em enfermagem*”. Estudos semelhantes confirmam essa mesma intenção (CARVALHO, 2017; ANDRADE, 2008).

Carrano; Marinho e Oliveira (2015), em pesquisa realizada com estudantes na cidade do Rio de Janeiro-RJ, também evidenciam essa configuração, o desejo de muitos(as) jovens ingressarem no ensino superior ou realizarem um curso técnico profissionalizante. Os(as) pesquisadores(as) constataram que quanto maior o abandono entre os(as) estudantes do ensino fundamental, menores são as expectativas de ingressarem na universidade e crescem as perspectivas de buscarem cursos profissionalizantes, curiosamente, quando os abandonos são no ensino médio, os resultados são inversos, pois os(as) jovens tendem a elevar sua escolarização e ingressarem na universidade (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015).

Diante de tal paradoxo, reitera-se que os(as) mesmos(as) jovens que evadem do *Ensino de Crianças Adolescentes e Jovens* e/ou migram para EJA são os(as) que alimentam expectativas em relação à escolarização, é fato que para alguns(as) o prosseguimento da escolarização não se constitui como um projeto de vida, contudo para maioria o retorno está positivamente atrelado aos planos de futuro.

Portanto, reverbera-se a importância de um ensino de qualidade na Educação de Pessoas Jovens e Adultas e, além disso, a importância de reacender o sonhos desses(as) jovens estudantes para que encontrem sentido em prosseguir se escolarizando. Acredita-se que o compromisso não é tanto sobre ensinar quanto sobre reencantar (GADOTTI, 2011), em vista disso presume-se ser o(a) professor(a) ator(atriz) decisivo(a) nesse processo de motivar, de reencantar. Desse modo, na próxima seção será apresentada a voz das professoras, objetivando compreender melhor alguns aspectos do fenômeno juvenilização na EJA.

5.3 A VOZ DAS PROFESSORAS

Arroyo (2017) em seus estudos sobre a juventude, postula a necessidade de reconhecimento das culturas juvenis, bem como destaca os(as) jovens como protagonistas e produtores(as) de cultura, o que instiga a formação dos(as) docente-educadores(as), “cuja função social e pedagógica é reforçar identidades, valores, saberes e culturas dos educandos” (ARROYO, 2017, p. 230-231).

Sendo assim, na sequência apresenta-se a análise das entrevistas realizadas com 04 professoras da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, com o intuito de compreender a partir de seus olhares, de suas vozes alguns aspectos do fenômeno juvenilização da EJA do NAES do município de Ponte Serrada-SC.

A fim de manter o sigilo quanto à identidade das professoras, essas foram nomeadas como: P1, P2, P3 e P4. Quanto aos resultados, foi possível agrupá-los em duas subcategorias analíticas, como se apresenta a seguir: Juvenilização na EJA: Os percalços dos(as) jovens e as trajetórias escolares acidentadas e Juvenilização na EJA: formação de professores(as) para uma prática includente. na EJA: Formação de Professores(as) para uma prática includente.

5.3.1 Juvenilização da EJA: Os percalços dos(as) jovens e as trajetórias escolares acidentadas

Na sequência, apresenta-se a concepção das professoras acerca das juventudes, o que é ser jovem e como caracterizam os(as) jovens estudantes da EJA do município de Ponte Serrada-SC. Sendo assim, a professora P1 considera que “*a juventude tem certo desinteresse pelo conhecimento, há uma falta de vontade de grande parte dos alunos [...] Os jovens dessa geração estão desinteressados, principalmente os menores de idade, eles vem para a escola por uma questão de obrigação*”.

Nessa mesma perspectiva a professora P2 enfatiza a falta de interesse da juventude, “*a maioria da juventude está desmotivada, desinteressada, sem perspectiva, eles não têm mais interesse nas coisas da escola*”. A desmotivação da juventude também é evidenciada na fala

da professora P3 “*eu percebo a juventude um tanto sem rumo, acomodada [...] Há muita indecisão, uma imaturidade, também uma desmotivação [...]*”.

A professora P4 comenta a respeito da ausência de limites e reconhece a importância da família nesta fase da vida, “*percebe-se uma juventude sem limites, eu acho que falta uma direção para eles, uma orientação mais detalhada em casa, acho que falta o diálogo na família para ajudar orientar estes jovens*”.

Diante dos relatos das professoras, recorremos a análise de Dayrell (2018) que em seus estudos também observa que a juventude é frequentemente debatida entre os(as) professores(as) sob perspectiva negativa, a figura do(a) jovem tende a aparecer como problema, com ênfase na sua indisciplina, desinteresse e irresponsabilidade perante os compromissos escolares, segundo o autor “o que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisá-lo de forma negativa, o que impede de conhecer o jovem real que ali frequenta” (DAYRELL, 2018, p. 54).

Nesse mesmo sentido, para Leão (2018) seguidamente os(as) jovens são abordados(as) a partir da ideia de indeterminação, por esse ângulo, “a juventude assume um caráter negativo – fase de confusões, de conflitos, de rebeldia – em contraposição à positividade da vida adulta, à qual está subordinada” (LEÃO, 2018, p. 73).

Portanto, diante de tal visão acerca dos(as) jovens e mais amplamente das juventudes perde-se a oportunidade de valorizar a riqueza das experiências acumuladas por esses sujeitos ao longo de suas vidas. Desse modo, reitera-se a urgência de romper com esta concepção que culpabiliza os sujeitos, para que enfim se efetive uma educação como direito subjetivo de pessoas jovens e adultas.

No prosseguimento das entrevistas quando questionadas sobre o que é ser jovem, a professora P1 afirma que “*é um momento de descobertas [...]*”. Nesta mesma direção, a professora P3 relaciona o ser jovem com o ter mais liberdade “*para mim, ser jovem é mais do que diz a faixa etária [...] ser jovem é ter sonhos, é buscar, é não ter medo de avançar, de criar e inovar, é um período de maior liberdade*”.

Em face da concepção das professoras acerca do ser jovem estar relacionado a descobertas e maior liberdade. Leão (2018, p. 73) também postula que ser jovem “[...] passa a ser, cada vez mais, um tempo de afirmação, de liberdade em relação às responsabilidades sociais e de ampliar os universos, as referências e os contatos com outros jovens”.

Entretanto a professora P2 apresenta compreensão diferente quanto ao ser jovem na sociedade atual e num tom nostálgico estabelece uma comparação com as gerações anteriores *“é ser jogado num mundo cheio de questionamentos, de muita insegurança [...] o jovem de hoje já não é mais o mesmo jovem de uns anos atrás”*. Portanto, corrobora-se com Dayrell (2018, p. 54) ao ponderar que *“é comum também entre os professores o estereótipo das gerações atuais como desinteressadas pelo contexto social [...] numa tendência, a compará-las as gerações anteriores, mitificadas como gerações mais comprometidas e generosas”*.

Com relação aos(as) estudantes jovens da EJA do município de Ponte Serrada-SC, solicitamos às professoras que os(as) caracterizassem, assim para a professora P4 são *“alunos que não conseguiram seguir na escola regular, alunos que tem uma autoestima muito baixa, eles já dizem que não vão conseguir sem nem mesmo ter tentado, a gente percebe que são alunos carentes financeiramente e emocionalmente.*

Mediante análise da fala da professora P4, pode-se inferir que os(as) jovens são emocionalmente carentes e possuem uma autoestima baixa talvez em decorrência da própria carência financeira e dos processos de exclusão que foram submetidos(as) em sua trajetória de vida, sem dúvidas essas experiências deixam marcas profundas em sua existência.

Para Giovanetti (2018, p. 245) alguns(as) estudantes da EJA vivenciaram um processo de introjeção da inferioridade, assim passam a acreditar-se menos, nutrindo um sentimento de inferioridade que se naturaliza e transforma-se numa realidade inquestionável. Entretanto, pontua-se a necessidade de mesmo diante de sujeitos fragilizados(as), acreditar em sua capacidade de superação.

Assim, como professores(as) comprometidos(as) com a emancipação dos(as) educandos(as) deve-se estabelecer uma relação de escuta e de incentivo para que enfim seja resgatada a dignidade roubada desses(as) jovens estudantes. A professora P2 caracteriza estes(as) alunos(as) da seguinte maneira, *“são a maioria menores de idade, mandados pela promotoria, só vêm porque são obrigados, para cumprir a determinação. Não levam nada a sério, não tem muita responsabilidade, e na aprendizagem eles têm muitas dificuldades”*.

A professora P3 considera que os(as) estudantes da EJA de Ponte Serrada-SC vivem em situações de vulnerabilidade social e financeira, tendo em vista que *“a maioria dos jovens tem um poder aquisitivo baixo [...] são os que ficam aquém, à margem da sociedade. Os que têm mais dificuldades financeiras e que às vezes não se sentem bem no ensino regular e acabam vindo para EJA. Outros porque a própria justiça obriga, são encaminhados”*.

As professoras P2 e P3 apontam que muitos(as) estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC vêm para escola a fim de cumprir com as determinações legais e que, portanto, estão na EJA por uma questão de obrigação, já se abordou essa questão anteriormente, contudo salienta-se novamente que para os(as) estudantes essa obrigação pode estar atrelada a uma ausência de sentido atribuída à escola e/ou à escolarização.

Desse ponto de vista, Dayrell (2018) argumenta que a escola pode reduzir-se a uma obrigação necessária para os(as) jovens e como condição de uma sobrevivência mínima. Nesse viés, perdem-se os elementos de uma formação humana, pois distancia-se da realidade de suas vidas, nas palavras do autor “para muitos deles a escola se mostrou distante dos seus interesses e necessidades. Isso fica claro quando a escola se mostra pouco sensível a realidade vivenciada pelos alunos fora de seus muros” (DAYRELL, 2018, p. 63).

Na sequência das entrevistas, as professoras foram questionadas sobre o fenômeno juvenilização e embora percebam a presença cada vez maior dos(as) jovens na EJA, as respostas revelam a insciência quanto ao conceito de juvenilização, algumas afirmaram nunca ter ouvido falar sobre o fenômeno juvenilização da EJA, isso expõe a necessidade de formação continuada aos(as) professores(as), uma vez que esse fenômeno remete a década de 90 e mais de vinte anos depois ainda existem lacunas incompreendidas que demandam reflexões e aprofundamento teórico.

Acerca da formação de professores(as), Jardimino e Araújo (2014) enfatizam que é preciso repensar o contexto da formação docente, haja vista que estes(as) são os(as) profissionais diretamente envolvidos(as) no processo de formação das novas gerações. Para a Dantas (2015) a formação de profissionais que atuam na EJA deve contemplar a diversidade da clientela da EJA, suas peculiaridades, diferenças culturais, experiências de vida, histórias, saberes, suas especificidades, considerando-os(as) como sujeitos históricos.

A vista disso, ao questionar se o termo juvenilização da EJA é familiar e ao que as remetia, obteve-se a seguinte resposta da professora P3 “*não, eu não tinha ouvido falar [...] mas me deparei com esses jovens diferentes, bem mais novos. Eu penso que está se perdendo a identidade da EJA, porque era para as pessoas que não tiveram oportunidade, e agora estão vindo jovens que tem oportunidade de estudar*”.

Nesta mesma direção, a professora P3 manifesta desconhecimento ao dizer que “*não é um termo que eu escute com frequência, me remete à ideia de pessoas que poderiam estar no ensino regular, entretanto optaram por estar na EJA*”. Já a professora P2 manifesta que vivenciou essa inversão do perfil dos(as) estudantes da EJA durante sua vida profissional, “*eu*

acompanhei esse processo de transição, porque quando eu iniciei, nos primeiros anos que eu trabalhei na EJA, tinha pessoas de mais idade, eu dava aula para senhores, senhoras, era outra realidade e hoje eu vejo que a maioria é jovem, muito jovem”

No depoimento das professoras, é visível que embora não tenham clareza teórica sobre a juvenilização, elas percebem que houve uma mudança no perfil dos(as) estudantes da EJA, para Brunel (2008, p. 10) “este novo panorama, pouco a pouco, foi modificando o ambiente escolar, exigindo dos professores uma nova postura e um jeito novo de conviver com estes alunos, cada dia mais jovens”.

Diante desta mudança de público e para melhor atendê-los(as), é preciso investir na formação dos(as) professores(as) que atuam na EJA, a fim de que promovam experiências curriculares que admitam as pessoas jovens e adultas como construtoras de conhecimento. Para Paiva (2015), a formação dos(as) profissionais de Educação de Pessoas Jovens e Adultas é requisito, ademais evidencia a necessidade de criarem-se espaços para este fim nos sistemas, nas universidades e nas instituições formadoras.

Além disso, uma preocupação evidenciada pelas professoras diz respeito ao grande número de jovens estudando na EJA, o que segundo elas pode levar a perda de identidade. Entretanto, contraditoriamente compreende-se que a identidade da EJA foi forjada ao longo de sua história, a partir de um movimento dialético em contextos históricos e culturais em que a contradição se fez presente, portanto, nesse momento a juvenilização denota a concretização da nova identidade desta modalidade da Educação Básica.

Em seguida, dialoga-se sobre o fenômeno juvenilização da EJA e se elas acreditam que as instituições educacionais têm percebido esse fenômeno e como tem sido mencionado, a professora P4 sugere que *“pode ser que tenham percebido, entretanto não tomam nenhuma atitude para tentar estancar, parar essa saída dos jovens das escolas regulares [...] Há relatos de alunos que vão direto para EJA, mas não há uma preocupação de cativar o aluno para que ele permaneça na escola regular, isso não se percebe”*.

Por conseguinte, a professora P1 aponta que, *“tivemos um direcionamento sobre a juvenilização numa reunião no CEJA, porque esses estudantes são alunos que não deram certo na escola regular, e nós devemos trabalhar de maneira diferenciada, mas ao mesmo tempo fazendo com que eles sintam-se, incluídos no meio educacional”*.

Diante das declarações das professoras P4 e P1, reitera-se que trabalhar com pessoas jovens e adultas exige além de uma didática diferenciada, metodologias específicas, haja vista que esse público adentra aos espaços educacionais com uma bagagem cultural muito

diversificada, com conhecimentos acumulados em seu percurso formativo e percepções singulares sobre a realidade do mundo (LÓDI; SKOREK; SANCEVERINO, 2019). Desta forma, ao pensar a EJA como modalidade da Educação Básica, deve-se valorizar o conhecimento e considerar as especificidades destes(as) estudantes.

Ademais, o relato da professora P1 demonstra sensatez pedagógica ao cogitar a necessidade de realizar um trabalho diferenciado com os(as) estudantes da EJA a fim de melhor incluí-los(as). Todavia, há um equívoco em afirmar que eles(as) não deram certo no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, isso leva a indagar se não ocorre justamente o contrário, estas escolas não deram conta de incluir este(as) estudantes e, portanto, os expulsam, encaminham, transferem, convidam a migrarem para a EJA.

Para professora P2, a juvenilização é visualizada como um problema e faz uma crítica ao *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens “a maioria das vezes é tratada como um problema [...] Da à impressão de que a escola regular não está dando conta, então em vez de resolverem o problema eles dizem: aqui não dá mais, você vai para EJA”.

Para professora P3, a juvenilização da EJA é um desafio, sobretudo para os(as) professores(as), “[...] Eu penso que é um desafio e fico feliz, que bom que eles têm essa oportunidade de virem para EJA, senão simplesmente paravam de estudar [...] Então é um desafio grande principalmente para os professores porque eles vão ter que mudar a metodologia para ensinar este público diverso”.

Nesta mesma perspectiva, a professora P4 também considera um grande desafio, “é desafiador, principalmente como fazer com que esse aluno aprenda na EJA, mas eu não vejo que se preocupem com eles, até na escola regular esses alunos que migram para EJA, muitas vezes são incentivados, aquela ideia que acabam se livrando dos alunos que possam dar problemas futuramente”.

Embasando-se nos relatos das professoras, pode-se inferir que a juvenilização é mencionada tanto como um problema como um desafio. Problema no sentido de que a juvenilização esteja sendo produzida no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e “despejada na EJA” como elucida Lemos (2017) em sua pesquisa sobre a migração perversa de jovens para o PEJA do Rio de Janeiro-RJ.

Ou ainda como um processo de “higienização” apontado por Lima (2015) em pesquisa realizada em Ji-Paraná-RO em que enfatiza que muitos(as) estudantes são encaminhados(as) compulsoriamente para EJA a fim de promover uma higienização do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens que tem passado por cobranças devido aos sistemas de avaliação

externa. Sobre esta questão, Arroyo (2013, p. 229) elucida que “as provas oficiais ainda reforçam visões negativas, históricas, perversas, segregadoras e inferiorizantes do povo e de seus(suas) filhos(as) reproduzidas no percurso escolar a cada divulgação dos resultados de Provinhas e Provões-Brasil”.

Diante do exposto, reitera-se que esse movimento de evasão/migração é um grave processo de exclusão, pois pressupõe que o *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens transferem para EJA aqueles(as) jovens estudantes que julgam inaptos(as), desajustados(as) ou problemáticos(as), assim somente o protagonismo negativo é exposto.

Pode-se dizer, ainda, que a juvenilização da EJA é referida também como um desafio, pois com a chegada de outros(as) estudantes à EJA defronta-se interesses de públicos diversos com distintas faixas etárias e que exigem ajustes curriculares, metodológicos e didáticos. Acerca desta questão Arroyo (2013, p. 225) elucida, “até que enfim chegam os outros que nunca chegaram [...] Se sua entrada física é um avanço, entretanto está deixando exposto que precisamos reconhecê-los como Outros. Logo precisamos de outros sistemas, outros ordenamentos, outras didáticas, até de outra formação profissional”.

Com vistas a promover a efetiva inclusão desses(as) jovens na EJA, inicialmente é preciso que sejam reconhecidos(as) como outros(as), a fim de acertar nas posturas profissionais. Na sequência as professoras foram inqueridas sobre os possíveis motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA desencadeando assim o fenômeno juvenilização.

A professora P4 elenca como principal motivo à defasagem idade-série, “*eu acho que o principal é o fato da escola não cativar mais estes alunos, pois as metodologias usadas pelos professores, não se preocupam com aqueles que já ficaram retidos e isso vai desmotivando, pois os alunos que já viram aquele conteúdo uma, duas vezes, então já não mais o atrai*”. Segundo esta mesma professora o trabalho é outro motivo pela qual os(as) jovens buscam a EJA “*eles vêem a oportunidade de trabalhar, ter uma renda no período diurno e estudar no noturno*”.

Segundo as declarações da professora P4, os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA corrobora os resultados dos estudos realizados acerca do ingresso dos(as) jovens na EJA (CARVALHO, 2017; TOLEDO, 2017; ANJOS, 2014, BRUNEL, 2008) tais como a necessidade de trabalhar para ajudar a família, metodologias de ensino inadequadas e a defasagem idade-série que causa certo desconforto em alguns(as) jovens ao estudarem com alunos(as) mais novos(as).

A professora P3 também menciona o fato de as metodologias de ensino empregadas não serem significativas, não valorizarem as vivências dos(as) alunos(as), o que gera uma desmotivação *“as metodologias de ensino não estão adequadas à realidade dos alunos, não são significativas para eles, porque quando você torna a aprendizagem significativa e parte do que ele conhece, do que ele vivência, lhe interessa, aí sim ele vai gostar de estudar”*.

Um elemento recorrente nas declarações das professoras, tanto da P3 quanto da P4 é o fato de as metodologias de ensino serem inadequadas, sobretudo por não considerarem a realidade de vida dos(as) jovens estudantes. Sobre este aspecto, Laffin (2013) evidencia a importância de pensar encaminhamentos metodológicos que possam articular o saber dos(as) alunos(as) com o saber sistematizado, assim como pensar também a organização e a seleção de conteúdos significativos, relacionados com as suas experiências, pois o saber só tem sentido se tem relação com o mundo, com os(as) outros(as).

A professora P2 menciona o fato dos(as) alunos(as) menores de idade serem encaminhados(as) pelo Conselho Tutelar para continuarem seus estudos, ela também faz menção a defasagem idade-série como um dos motivos *“tem alguns casos que eles fugiram da escola, simplesmente não iam e o APOIA¹⁷ não resolveu. E tem alguns alunos que são muito grandes para ficar no meio dos pequenos por conta das seguidas reprovações, daí a escola através do Conselho Tutelar encaminha para EJA”*.

A intervenção do Conselho Tutelar, mencionado neste estudo tanto pelos(as) estudantes quanto pelas professoras, configura-se um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que atua garantindo o direito de crianças e adolescentes à educação, nesses casos, age como um mecanismo de auxílio para que as instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens estrategicamente encaminhem os(as) estudantes para EJA, objetivando promover uma correção de fluxo. Por esse mesmo viés, Lima (2015) assevera que longe de ser uma escolha dos próprios jovens, o encaminhamento dos estudantes para a EJA configura-se como uma estratégia de um movimento sutil de higienização para se livrar dos(as) estudantes *“atrasados”*, ou seja, em defasagem idade/série ou ainda com dificuldades de aprendizagem.

No prosseguimento das entrevistas, a professora P1 aponta como o principal motivo para evasão e/ou migração a questão da vulnerabilidade familiar *“os jovens estão aqui por N*

¹⁷ Programa de Combate à Evasão Escolar (APOIA) que visa garantir a permanência na escola de crianças e adolescentes de 4 a 17 anos, para que concluam todas as etapas da Educação Básica - seja na rede pertencente ao Sistema Estadual, Municipal, Federal ou particular de Ensino de Santa Catarina, promovendo o regresso à escola daqueles que abandonaram os estudos sem concluí-los integralmente (SED/SC, 2019).

motivos [...] Mas no meu ponto de vista a falta de incentivo da família e a desestruturação familiar são os principais". A declaração da professora P1 instiga a refletir sobre os binômios do tipo família estruturada/desestruturada, pois pressupõe-se que não existe um padrão adequado e/ou estruturado para as organizações familiares e, portanto, acha-se conveniente não usar a expressão "*famílias desestruturadas*", pois demonstra uma concepção moralista, em que os(as) jovens e suas famílias são culpabilizados(as) pelas situações de vulnerabilidade em que estão expostos(as), vítimas de uma ordem social desestruturada e um Estado que não proporciona condições mínimas para muitas famílias viverem dignamente.

Na sequência, as professoras discorreram sobre o desafio em trabalhar na EJA juvenilizada, apontando as principais dificuldades, mas também as possibilidades que visualizam para melhor incluir estes(as) estudantes jovens. Sendo assim, a professora P4 aponta como principal dificuldade a questão comportamental dos(os) estudantes, relata os casos de violência que os(as) professores(as) estão sujeitos nos espaços educacionais e considera que a ausência da família intensifica a falta de limites desses(as) jovens, pois "*eles não seguem as normas da escola, frequentemente a gente vê relatos de agressão contra professor, de agressão contra direção, então se percebe que há uma resistência em seguir as normas estabelecidas pela instituição, e também devido a pouca presença da família [...]*".

Nessa mesma perspectiva, a professora P3 diz que os(as) professores(as) devem estar preparados psicologicamente para lidar com a ausência de limites dos(as) estudantes da EJA: "*eu penso que é desafiador trabalhar nesta nova EJA, porque o professor tem que se preparar psicologicamente para dar aulas a um grupo de alunos jovens que, muitas vezes, querem extrapolar e acabam passando dos limites*".

Mediante a análise dos relatos, pode-se inferir que a ausência de limites, a rebeldia e certa agressividade que alguns(as) jovens demonstram se configura como uma dificuldade. Tais comportamentos podem estar associados ao sentimento de não pertencimento ao ambiente escolar, favorece este entendimento Lima (2015, p. 151) ao considerar que "a indisciplina pode ser vista, por exemplo, como um suporte do qual os jovens lançam mão para lidar com a inadequação da realidade escolar as suas expectativas ou interesses".

Dessa forma, encarar as dificuldades que ocorrem na escola perpassa também pela necessidade de compreender os traços juvenis, logo, é preciso buscar por meio do diálogo superar esses conflitos e a aproximação com a família pode ser uma alternativa favorável, pois como elucida Leão (2018) a escola é um espaço que produz relações sociais, e estas relações

poderão ser ricas e humanas, mas também poderão ser desumanizantes quando não estiverem em sintonia com as aspirações dos sujeitos envolvidos.

A professora P1 aponta como uma das dificuldades em trabalhar com os(as) jovens da EJA, a resistência que apresentam em desenvolverem as atividades propostas nas aulas “há dificuldades, muitas situações do aluno não querer fazer as atividades, bom eu falo que eu estou aqui para ensiná-los, minha função não é educá-los, a minha função é ensiná-los, porém vai depender da decisão de cada um, e eu deixo isso bem claro para eles”.

Eis aqui uma questão relevante, qual a diferença que reside entre ensinar e educar? A origem etimológica destas palavras vem do latim, ensino de *insignare* que significa transmitir conhecimento e educação vem de *educatio* que abrange uma visão mais ampla do aprendizado, um processo de desenvolvimento integral dos sujeitos. São dois atributos indissociáveis, imbuídos de significado, nas palavras de Freire “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (2017, p. 96).

Portanto, como educador(a) não se pode deixar levar por uma visão escolocêntrica que vê os(as) alunos(as) como resistentes à cultura escolar, nem por isso separar o ensinar de educar. Segundo Leão (2018, p. 77), “essa perspectiva separa também os professores dos espaços de encontro e diálogo com os jovens [...] Os jovens estão ali para aprender – são estudantes – e os adultos estão ali pra ensinar – são professores”. Assim, não se pode assumir a neutralidade e reduzir a prática docente ao puro ensino, é preciso estabelecer uma relação horizontal com a educação.

Outra questão levantada pelas professoras diz respeito ao conflito geracional, ocasionado pela disparidade de idades entre os(as) estudantes da EJA. Para a professora P4, fica evidente a presença de dois grupos nas salas de aula, jovens e adultos, “geralmente os jovens estão no grupinho dos jovens, gostam de sentar perto, de ficarem próximos, eles tem uma linguagem diferente, já as pessoas que têm mais idade ficam num outro canto, gostam mais de silêncio, de concentração”.

A professora P3 considera que a presença cada vez maior de jovens nas turmas da EJA pode estar afastando as pessoas adultas e idosas que gostariam de estudar “eu penso que tem muita gente de mais idade que gostaria de estar estudando, mas que não se adapta a essa juventude, [...] Eu acho que o predomínio dos jovens que tem uma visão diferente, de repente deixe os adultos e idosos arredios e estes acabam não vindo mais estudar”.

Ademais, esta professora P3 considera a disparidade de idades um elemento desafiador, “é nesse sentido que se torna desafiador porque o professor vai ter que adaptar

bem sua aula, vai ter que ser muito bem planejada para cativar todos os grupos etários, vai ter que conseguir passar o conteúdo de uma forma com que todos se envolvam e aprendam”.

A professora P1 enfatiza a falta de maturidade dos(as) estudantes jovens com relação aos(as) de mais idade, “*então, seguidamente acontecem algumas situações dos jovens ficarem olhando, rindo dos mais velhos. Eu falo para eles sobre a importância de respeitar a opinião do outro, assim como, a forma como cada um fala”.*

A diversidade etária é uma realidade na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, o que segundo as professoras entrevistadas suscita alguns conflitos geracionais, estudos relativos à juvenilização da EJA revelam esta mesma situação (AFRO 2016; ROMANIO, 2011; SILVA, 2009). Acerca desta questão, Afro (2016) discorre que os conflitos entre os sujeitos de diferentes faixas etárias se refletem nas turmas de EJA, os(as) adultos se queixam frequentemente da falta de compromisso dos(as) jovens expressa em comportamentos durante a aula, as constantes conversas, brincadeiras e risadas, assim como os(as) jovens reprovam a seriedade das pessoas adultos(as).

Além disso, a professora P3 sugere que, com a chegada do grande número de jovens na EJA, as pessoas adultas e idosas podem acabar se afastando. Nessa mesma direção, Romano (2011) em estudos realizados acerca do processo de implementação da política municipal de Educação de Pessoas Jovens e Adultas em uma escola pública do município Vitória-ES destaca que esta diferença entre as idades dos(as) estudantes produz o descontentamento das pessoas adultas, podendo, em alguns casos, levar o adulto à evadir.

Tendo em vista que a EJA é um espaço em que impera a diversidade social, étnico-racial, de gênero, e, sobretudo etária, é preciso estabelecer práticas pedagógicas que considerem a todos(as). Assim, estabelecer relações entre os(as) alunos(as) promovendo diálogos, trocas de saberes e propiciar práticas inovadoras é uma iniciativa para contemplar as múltiplas realidades. Ademais, acredita-se que essa heterogeneidade pode vir a contribuir no processo de aprendizagem, pois homens e mulheres são sujeitos históricos e sociais, é na relação com os(as) outros(as) que se constroem e afirmam sua identidade.

Para tanto, buscar entender estas relações, bem como mediar às situações de conflitos é um desafio para se avançar na qualidade do ensino na EJA, da mesma forma argumentam Jardimino e Araújo (2014, p. 182) “compreender os conflitos gerados pela diversidade etária presente na sala de aula é um importante passo na busca da qualidade do atendimento pedagógico nesta modalidade de ensino”.

Por fim, solicita-se às professoras que apontassem as possibilidades que visualizam para trabalhar com a EJA juvenilizada. Assim, para professora P4 uma possibilidade para lidar com os conflitos que ocorrem nos espaços educacionais da EJA é aproximar a família da escola, e motivar os(as) estudantes, *“poderíamos acompanhar mais de perto a vida família, aproximar a família da escola, e de repente realizar palestras que os conscientizem quanto à importância do respeito aos colegas e professores, enfim, palestras motivacionais que os incentivem e enfatizem que eles são capazes talvez possa ajudá-los”*.

Para professora P1 mais que uma possibilidade é uma obrigação dos(as) professores(as) motivar esses(as) estudantes da EJA, pois muitos(as) cresceram ouvindo coisas negativas, que não podem ou não são capazes, *“eu percebo é que eles vêm de uma zona muito grande de desmotivação [...] Eu vejo realidades e realidades e vejo que às vezes uma palavra de ânimo pode mudar a vida deles, eles precisam de alguém que acredite neles e lhes deem um voto de confiança”*.

Dessa forma, observa-se que ambas as professoras relacionam como possibilidade a importância de motivar os(as) estudantes da EJA, pois estes(as) jovens já experimentaram desde muito cedo diversas formas de exclusão, estando alguns(as) imersos numa cultura de resignação. Acerca dessa questão, Freire (2015, p. 69) reconhece que *“de tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade”*. Portanto, é primordial valorizar as experiências e respeitar a identidade desses(as) jovens a fim de contribuir para superação desta introjeção negativa.

Além disso, os(as) professores(as) devem promover práticas pedagógicas significativas, inovadoras, para colocá-los(as) como protagonistas no processo de aprendizagem. Para tanto, a formação de professores(as) é requisito, pois mediante a reflexão crítica da realidade é possível refinar o olhar e, assim, promover uma prática incluyente e motivadora, bem como se abordará na próxima subcategoria.

5.3.2 Juvenilização na EJA: Formação de Professores(as) para uma prática incluyente

Nesta subcategoria, abordar-se as questões relacionadas ao fazer pedagógico e a formação dos(as) professores(as) que atuam na EJA. Inicialmente, as professoras foram

questionadas sobre a adequação das práticas pedagógicas considerando o perfil juvenilizado dos(as) estudantes e se houve alguma mudança na dinâmica das aulas a fim de melhor atender estes(as) jovens que ingressaram na EJA.

A professora P4 e P3 respectivamente consideram a necessidade de mudanças não apenas na dinâmica das aulas, mas, sobretudo, nas políticas públicas *“tem que haver mudanças, entretanto não somente por parte do professor, mas, sobretudo por quem pensa a educação, as políticas públicas. É preciso readequar o currículo, acho que o currículo está desgastado e falta também formação pedagógica para o professor”* (P4), *“são necessários mais cursos de aperfeiçoamento, a gente precisa fazer coisas novas, que chamem a atenção, que instiguem, não é só aquela coisa que está ali no livro, que não tem muito sentido”* (P3).

Neste mesmo viés, a professora P1 sugere que *“nós devemos trazer assuntos para trabalhar com os alunos que estejam atrelados a realidade de vida deles para despertar o interesse e instigá-los. Promover aulas diferenciadas, fazer com que pesquisem que busquem o conhecimento a fim de que se apropriem e se sintam autores da sua própria história”*.

A professora P3 enfatiza ainda que mudar a dinâmica das aulas requer aliar teoria e prática, afirma que *“as aulas teriam que ser mais práticas mesmo, unir a teoria com a prática, trazer conhecimentos a partir da realidade desses alunos”*.

Diante do relato das professoras, é possível perceber que todas apontam a necessidade de mudanças não apenas na dinâmica das aulas, mas também nas políticas educacionais de formação de professores(as) ou ainda como sugere a professora P4 na readequação do currículo que já não atende as expectativas desses(as) jovens estudantes da EJA. Sobre essa questão Arroyo (2013, p. 37) salienta que *“os currículos escolares mantêm conhecimentos superados, fora da validade e resistem à incorporação de indagações e conhecimentos vivos, que vêm da dinâmica social e da própria dinâmica do conhecimento”*.

Para isso, é preciso ter ousadia e criatividade no campo da docência para incluir conhecimentos que permitam aos(as) educandos(as) entenderem os determinantes de seu viver, pois o principal desafio ao pensar o currículo da Educação de Pessoas Jovens e Adultas é de como incluir as particularidades desse público, bem como promover práticas pedagógicas significativas que conciliem teoria e prática e ao mesmo tempo reconheçam os saberes dos(as) estudantes como produto de relações sociais constituídas por meio de experiências tecidas coletivamente (LÓDI; SKOREK; SANCEVERINO, 2019).

Além disso, para que as mudanças almeçadas se concretizem, é fundamental pensar a formação de professores(as) atuantes na EJA. Soares (2018) enfatiza que, entre os desafios

colocados para a EJA esta a configuração de seu campo de estudo e de atuação, e como parte dessa configuração, situa-se a formação de professores(as). Dessa forma, mais investimentos em políticas educacionais voltadas à formação de professores(as) são necessárias.

Na continuidade das entrevistas, as professoras foram inquiridas se consideram que os(as) professores(as), bem como gestores(as) estão preparados(as) para lidar com o fenômeno juvenilização. A professora P3 aponta que nem sempre estão preparados(as), sobretudo pela dificuldade de se estabelecer um diálogo com a juventude *“olha, a gente nunca está preparada, porque é uma situação nova, nós temos uma juventude que não tem limites, que não tem respeito, que não está tendo diálogo e nem sempre estamos preparados para lidar com os conflitos em sala de aula”*.

A professora P1 também avalia não estarem preparados(as), entretanto considera a importância de buscar alternativas, *“acho que nunca estamos totalmente preparadas, cada turma é uma realidade e eu vejo como um desafio, como um aprendizado, porque tudo vai depender de como você vai encarar, se como um problema ou como um desafio a ser enfrentado, mas é preciso buscar alternativas”*.

A professora P4 faz uma autocrítica quanto ao fato de os(as) professores(as) ainda estarem muito apegados(as) ao repasse de conteúdos, em outras palavras o que Paulo Freire considera uma educação bancária, diz ela, *“sinceramente, eu acho que não, pode ser que um professor que esteja mais antenado, que esteja observando mais a realidade já tenha conseguido fazer algumas mudanças na sua prática, entretanto percebo que a gente anda muito no processo de somente repasse de conteúdos”*.

Mediante análise dos relatos, percebe-se que as professoras não se sentem preparadas para trabalhar com a EJA juvenilizada, ademais, uma questão importante evidenciada pela professora P4 é o fato do simples repasse de conteúdos ainda ser uma prática comum nas salas de aula, uma maneira perversa de secundarizar os(as) estudantes e suas vivência em detrimento de uma prática conteudista, como elucida Freire é preciso ir além da simples transmissão de conteúdos, não se pode reproduzir uma educação bancária, uma vez que seguindo essa concepção: *“não pode haver conhecimento, pois os educandos não são chamados a conhecer, mas memorizar o conteúdo narrado pelo educador”* (FREIRE, 2015, p. 96). Portanto, o(a) professor(a) não pode ser um(a) simples reprodutor(a) de conteúdos, mas motivar os(as) estudantes a superarem os limites com criticidade.

Para finalizar a entrevista, pergunta-se se no decorrer de seu processo de formação profissional a Educação de Pessoas Jovens e Adultas foi uma temática abordada e como elas

avaliam a preparação, as respostas levaram a concluir que existem lacunas na formação docente tanto inicial quanto continuada em relação a esta modalidade da Educação Básica, é o que se evidencia na fala da professora P4 *“não vi nada na graduação e nem nas especializações. Eu acho que a preparação se dá quando a gente se depara, quando pega aula na EJA, na prática mesmo que a gente tem que ir buscar como vai trabalhar com esse público, é uma falha em nossa formação”*.

Na sequência a professora P1 também mencionou que não viu nada sobre a EJA em sua graduação: *“na graduação a EJA não foi abordada nas aulas, nem mesmo nos estágios”*. A professora P2 também considera que em sua formação viu muito pouco sobre Educação de Pessoas Jovens e Adultas, e enfatiza que foi na prática que a aprendizagem se materializou, *“olha muito pouco, porém eu busquei me informar, busquei saber a realidade da EJA, mas nada melhor do que na prática você conhecendo, porque você vai ler livros você vai buscar informações você vai buscar na teoria, mas é na prática que você vai aprender”*.

A professora P3 mencionou que fez uma especialização voltada à Educação de Pessoas Jovens e Adultas, comentou sobre sua formação inicial e continuada, assim como sua aproximação com a EJA no município de Ponte Serrada-SC, *“quando comecei trabalhar eu tinha pedagogia e não tinha vaga, então me inscrevi no NAES, consegui aulas de matemática e ciências, aí eu busquei me atualizar nesta área, eu fiz uma graduação em ciências biológicas, depois fiz pós-graduação e uma delas em Educação de Jovens e Adultas”*.

Diante do exposto, reafirma-se que a Educação de Pessoas Jovens e Adultas é uma modalidade da Educação Básica cuja marca identitária é a pluralidade dos sujeitos e, portanto, demanda práticas pedagógicas específicas para este público. Destarte, considerando as peculiaridades deste segmento educacional, instiga-se a refletir sobre a relevância da formação inicial e continuada aos(as) professores(as) que atuam na EJA.

Conforme mencionado pelas professoras P4, P2 e P1, em seus percursos formativos aprofundamentos teóricos e práticos quanto à Educação de Pessoas Jovens e Adultas estiveram ausentes. Pesquisa realizada por Macedo (2017) acerca da formação docente e o fenômeno juvenilização em Vitória da Conquista-BA revela esta mesma situação em que “[...] a formação docente tem sido insuficiente para o trato das especificidades da EJA. Os cursos de formação de docentes não dão conta das peculiaridades desta modalidade educacional” (MACEDO, 2017, p. 22). Dessa forma, o grande desafio que se apresenta é o de incluir a EJA no campo de políticas públicas para formação de professores(as), nos currículos dos cursos de licenciatura, assim como em currículos de programas de pós-graduação voltados à educação.

Outra questão levantada pela professora P3, a única que declarou ter formação em nível *lato sensu* em Educação de Pessoas Jovens e Adultas, diz respeito ao início da carreira, ela revela que sendo recém-formada conseguiu colocação profissional na EJA para uma área de atuação que não possuía formação, assim buscou ampliar os seus conhecimentos a fim de melhor atender o público da EJA. Sobre este aspecto Capucho (2012) enfatiza que a ausência de formação acarreta impactos negativos, haja vista que muitos(as) profissionais atuantes na EJA, apesar da dedicação e da criatividade não possuem habilitação específica para tal.

Além disso, as professoras reconhecem que foi mediante a prática que a formação se efetivou, sobre essa questão Arroyo (2013, p. 24) assevera que “o lugar onde marcamos nossa formação é no trabalho. Nós aprendemos e vamos conformando nossas identidades docentes na própria docência, no cotidiano das salas de aula, na prática de preparar, ensinar nossa matéria”. Reafirma esta concepção Capucho (2012) ao argumentar que a formação de professores(as) que atuam na EJA se efetiva por meio dos saberes produzidos na relação com os(as) estudantes e seus pares, a partir dos desafios constituídos no cotidiano da sala de aula.

Por fim, reconhece-se a necessidade de aprimoramento na formação inicial e continuada de professores(as) que atuam na EJA, bem como se evidencia a importância de compreender que esta modalidade possui peculiaridades que exigem formação específica, assim sinaliza-se que é possível produzir conhecimento a partir da prática, desde que haja uma reflexão intencional e pautada em conhecimentos teóricos, pois o potencial transformador reside justamente na indissociabilidade da teoria e da prática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, observa-se no cenário nacional um aumento considerável de jovens matriculados(as) na Educação de Pessoas Jovens e Adultas, o que caracteriza a existência do fenômeno juvenilização na EJA. Neste sentido, esta pesquisa apresenta relevância à medida que o aprofundamento das discussões permite anunciar possibilidades para melhor incluir e acolher estes(as) jovens que chegam à EJA e ao mesmo tempo realizar uma denúncia quanto ao processo perverso de exclusão que a juvenilização representa.

Analizou-se, nesta pesquisa, o caso da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, instituição de ensino mantida pelo município em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (SED/SC). É importante contextualizar que essa foi a primeira pesquisa em nível *stricto sensu* realizada acerca deste município que teve como campo investigativo uma escola de Educação de Pessoas Jovens e Adultas.

Ao longo do trabalho, apresentaram-se diversas questões referentes à presença massiva dos(as) jovens nas classes de EJA, identificadas por meio de dados empíricos, mas também pelas reflexões empreendidas com base em referências teóricas. Num primeiro momento, realizou-se uma revisão bibliográfica do tipo Estado do Conhecimento, as buscas por publicações ocorreram em bancos de dados com reconhecida relevância científica em âmbito nacional, tais como: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

O levantamento acerca das pesquisas realizadas e que dialogam com as principais reflexões teóricas sobre a temática juvenilização na EJA contribuiu para esta pesquisa ao passo que permitiu encontrar aproximações e distanciamentos com o objeto de estudo, bem como possibilitou a ampliação do conhecimento a respeito desta temática.

Dada a complexidade das representações que permeiam a juvenilização na EJA e a necessidade de um debate sobre juventude e a multiplicidade dos sujeitos que frequentam a Educação de Pessoas Jovens e Adultas, buscou-se respaldo teórico em autores(as) que dialogam com essa questão. Para tal, iniciou-se a fundamentação teórica sobre as juventudes, especificamente sobre o conceito de juventude, discussão que permitiu compreendê-la como uma construção histórica e social. A partir da compreensão das juventudes, avançou-se para a discussão do fenômeno juvenilização na EJA, caracterizado pelo rejuvenescimento do seu

público, bem como se apontou com base na literatura quem são os sujeitos jovens da EJA e os principais motivos para eles e elas evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA.

No segundo momento, apresentaram-se os resultados obtidos mediante a pesquisa de campo, bem como as discussões com os(as) autores(as). Sendo assim, o objetivo geral que orientou este estudo baseou-se em compreender o fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas no município de Ponte Serrada-SC e mediante a análise dos dados concluiu-se que a juvenilização é crescente nesta instituição educacional, haja vista que 75.34% (n=55) dos(as) estudantes são jovens com idade entre 15 e 24 anos.

Ao pesquisar sobre a juvenilização da EJA, pareceu-nos importante reconhecer o perfil dos(as) jovens que estão adentrando os espaços educacionais desta modalidade da Educação Básica. Em vista disso, propôs-se caracterizar o perfil dos(as) jovens com idade entre 15 e 24 anos matriculados(as) na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, a fim de compreender as especificidades da população que compõe a amostra da pesquisa.

Por conseguinte, infere-se que os(as) jovens da pesquisa são majoritariamente sujeitos do gênero masculino, com relação a etnia a maioria são jovens negros(as), grande parte solteiros(as) e que não possuem filhos(as). Averiguou-se que parcela expressiva reside na zona urbana e são trabalhadores(as) que foram motivados(as) sobretudo a ingressarem no mercado de trabalho pela necessidade de ajudar nas despesas da casa, além do mais, estes(as) jovens avaliam de forma positiva a relação trabalho e estudo e, por fim, consideram a EJA um espaço emancipador.

A respeito dos principais motivos que os(as) levaram evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para EJA, constatou-se que são múltiplos. Portanto, afirma-se que o fenômeno juvenilização na EJA do NAES do município de Ponte Serrada-SC está relacionado às seguintes motivações: trabalho, relações com a escola, processo de escolarização e com fatos da vida, assim se busca na sequência explicitar essas motivações.

Estabelecendo uma relação entre a análise dos questionários e as entrevistas, verificou-se entre as principais motivações para os(as) jovens estudantes da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA a necessidade de trabalhar, uma vez que na realidade empobrecida do município essa é uma condição necessária para sobrevivência e para subsistência familiar.

Outra motivação verificada neste estudo diz respeito às relações com a escola, a situações conflituosas que os(as) jovens experienciaram enquanto estudavam no *Ensino* de

Crianças, Adolescentes e Jovens. Dessa forma, muitos(as) jovens mencionaram que evadiram e/ou migram devido a dificuldade de relacionamento com colegas ou professores(as), expulsões seguidas de encaminhamentos pelo Ministério Público e Conselho Tutelar para a EJA e, ainda se pode dizer que algumas experiências negativas que foram relatadas podem ter contribuído, tais como a ocorrência de *bullying* e preconceitos.

Verificou-se também que motivações decorrentes do processo de escolarização foram apontadas pelos(as) jovens como responsáveis pela evasão e/ou migração, como as seguidas reprovações que ocasionaram uma defasagem referente a idade/série, dificuldades de aprendizagem e notas baixas, situações que podem tê-los(as) desmotivado a seguirem a escolarização no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens.

Além desses fatos acima nomeados, constatou-se na análise do material empírico que algumas circunstâncias inesperada da vida, tais como: gravidez inesperada, mudança de cidade, a ocorrência de problemas de saúde ou ainda problemas familiares levaram alguns(as) estudantes evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para a EJA. Diante disso, foi possível responder ao problema de pesquisa, bem como confirmar as hipóteses levantadas no início deste estudo, mas, sobretudo na aproximação com os sujeitos investigados(as) e, no exercício de escuta, identificaram-se diferentes realidades e histórias emocionantes foram desveladas.

Quanto a análise dos interesses e as expectativas desses(as) jovens em relação à escolarização, descobriu-se que eles(as) nutrem expectativas positivas em relação à escolarização e que muitos(as) relacionam o fato de estarem estudando com a possibilidade de terem um futuro melhor, ou melhores condições de vida, bem como sinalizaram que pretendem continuar estudando a fim de ingressarem em uma universidade ou fazer um curso técnico profissionalizante.

Outra questão relevante para esta pesquisa foi a percepção das professoras que atuam na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC a respeito do fenômeno juvenilização. Observa-se que as professoras embora não tenham a clareza teórica no tocante ao conceito de juvenilização, elas têm consciência dos motivos que ocasionam a juvenilização, uma vez que esses condizem com os apresentados pelos(as) jovens.

Além disso, um aspecto mencionado tanto pelos(as) jovens quanto pelas professoras diz respeito à intervenção do Conselho Tutelar, pois ao mesmo tempo em que atua garantindo o direito de crianças e de adolescentes à educação, no caso da juvenilização configura-se como um mecanismo de auxílio para o encaminhamento de estudantes para EJA contribuindo

para efetivação de uma correção de fluxo nas instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens.

Além de que, a juvenilização é mencionada pelas professoras tanto como um problema como um desafio. Problema no sentido que a juvenilização esteja sendo produzida no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e despejada na EJA, o que evidencia um grande processo de exclusão. E desafio pelo fato de que com a juvenilização da EJA, defrontam-se interesses de públicos diversos com distintas faixas etárias que exigem ajustes curriculares, metodológicos e didáticos.

Em vista dessa diversidade etária ser uma realidade na EJA do NAES de Ponte Serrada-SC, segundo as professoras entrevistadas suscita alguns conflitos geracionais, assim a juvenilização também é mencionada como responsável pela evasão de estudantes com maior faixa etária das turmas de EJA. Portanto, com a diversidade dos sujeitos da EJA, é preciso estabelecer práticas pedagógicas que envolvam a todos(as), entretanto, acredita-se que essa heterogeneidade pode contribuir no processo de aprendizagem, pois é no relacionar-se com os(as) outros(as) que se afirmam as identidades.

Assim, diante desta mudança de público ocasionada pela juvenilização da EJA, é preciso investir na formação dos(as) professores(as), para que promovam experiências pedagógicas que reconheçam as pessoas jovens e adultas como construtoras de conhecimento. Além disso, compreende-se que essa formação precisa ser estendida também aos(as) profissionais das instituições de *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens para desconstruir concepções moralizantes que culpabilizam os(as) jovens e suas famílias pela situação e pela vulnerabilidade que estão sujeitos.

Assim, reitera-se a necessidade de mais investimentos em políticas educacionais de formação de professores(as), pois somente mediante uma formação emancipadora será possível superar visões errôneas e preconceituosas que estão impregnadas em nosso fazer pedagógico. Ademais, não foi a intenção encontrar culpados(as) pelo fenômeno juvenilização na EJA, mas compreender que esse fenômeno é fruto de relações injustas de poder que perpassam o sistema educacional, bem como a sociedade.

Por conseguinte, mais que uma exigência do processo formativo, ressalta-se o compromisso como pesquisadora com a divulgação e a socialização das informações obtidas nesta pesquisa, assim os resultados serão socializados em um encontro realizado junto à Rede de Atendimento Intersetorial do Município de Ponte Serrada-SC a fim de contribuir com a compreensão do fenômeno juvenilização e para que sejam estabelecidos outros olhares sobre

os(as) jovens e as juventudes da EJA, com o intuito de promover a reflexão e instigar novos processos de reconhecimento e quiçá a transformação dessa realidade.

Portanto, constata-se que os objetivos deste estudo foram alcançados, dentro das limitações impostas pelo curto prazo de realização, uma vez que se compreende a impossibilidade de se propor conclusões definitivas, haja vista que o ciclo de conhecimento é inesgotável e, portanto renova-se a cada olhar.

Assevera-se ainda que os resultados desta pesquisa podem desdobrar-se em fundamentos para novos estudos, em outras perspectivas, tempos e espaços sociais. Além do mais, embora não aprofundou-se, pois não era o foco da investigação, percebe-se que está ocorrendo uma evasão juvenilizada na EJA, pois são os(as) jovens aqueles(as) que mais interrompem os estudos. Tal como, expõe-se a possibilidade de investigar a percepção dos(as) estudantes e dos(as) professores(as) do *Ensino* de Criança Adolescente e Jovens, pois de fato é onde tem-se desencadeado o fenômeno juvenilização, uma realidade deste tempo e que representa a nova identidade da EJA.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 37-72, 2011.

AFRO, Luana Leão. Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos no ensino médio: um estudo de caso no município de Salvador Bahia. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

ALCANTARA, Marivane Silva de. Juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Abaetetuba: representações sociais e projeto de vida escolar. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2016.

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 43-54, 2009.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural. 2008. 256 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ANDRADE, Eliane Ribeiro; PAIVA, Jane. Políticas públicas de direito à educação de jovens e adultos no RJ: estudos da região metropolitana. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 27, 2004.

ANJOS. Rosalina Vieira dos. Um estudo de caso sobre uma possibilidade para o ensino de matemática na EJA juvenilizada. 2014. 157 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio. GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 4. ed.; 2. Reimp. 2018, p. 19-50.

_____. **Passageiros da noite do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes Limitada, 2011.

_____. Trabalho—educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012, p. 138-165.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Carla Alessandra. A política nacional de juventude: assistencialismo ou inovação? 2012. 253 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara (SP), 2012.

BARRIOS, Juliana Bicalho de Carvalho. O abandono do ensino médio regular pelos estudantes e a EJA juvenilizada: uma teia de relações. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina (PR), 2018.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 243-255.

BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 129-148, 2011.

BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 79-91, 2006.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 23/2008, de 8 de outubro de 2008. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14331-pceb023-08&category_slug=outubro-2013-pdf&Itemid=30192

_____. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude-SINAJUVE. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 05 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm

_____. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. Coleção Educação em Direitos Humanos. Ed.: Cortez, São Paulo, 2012.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 243-261, 2011.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 1439-1454, 2015.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, p. 55-67, 2007.

CARVALHO, Carolina Coimbra de. Juvenilização na EJA: significados e implicações do processo de escolarização de jovens. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

CHAGAS, Marcos Antonio Macedo Das. Educação de Jovens e Adultos: a experiência do PEJ no município do Rio de Janeiro. 2003. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CIAVATTA, Maria; RUMMERT, Sonia Maria. As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 111, p. 461-480, 2010.

CONCEIÇÃO, Letícia Carneiro da. A alternativa para o menino indesejável: vozes e sujeitos na biopolítica da juvenilização da EJA. **Anais da 37ª ANPEd**. Florianópolis, 2015.

_____. “Me jogaram aqui porque fiz 15 anos”: biopolítica da juvenilização da educação de jovens e adultos em Belém-PA. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CONCEIÇÃO, Letícia Carneiro da; NAKAYAMA, Luiza. A EJA frente ao enigma das idades: decifrá-lo ou ser por ele devorado. **Anais da 36ª ANPEd**. Goiânia, 2013.

DANTAS, Tania Regina. Experiências formativas de educadores em EJA: memória e narrativas autobiográficas. In: BARCELOS, Valdo; DANTAS, Tânia Regina. **Políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos**. Editora Vozes Limitada, 2015, p. 79-114.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais. Novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio. GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 4. ed.; 2. Reimp. 2018, p. 53-65.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. p. 40-52, 2003.

_____. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2001.

DEMO, Pedro. Dialética do conhecimento científico. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo, Atlas, 2000.

_____. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedex**, v. 21, n. 55, p. 58-77, 2001.

DMITRUK, Hilda B. **Cadernos metodológicos: diretrizes do trabalho científico**. Chapecó, SC: Argos, 2012.

DUARTE, Marcelo Laranjeira. “Juvenilização na EJA”: reflexões sobre juventude (s) e escola no município de Angra dos Reis. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de

Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2015.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade, p. 21-56, 2007.

FERREIRA, Lorene Dutra Moreira. Juvenilização na EJA em Ouro Preto/MG: trajetórias e perspectivas dos estudantes mais jovens. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana (MG), 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 53ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Educação e mudança**. 27ª ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 2003.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FIALHO, Nadia Hage; HETKOWSKI, Tânia Maria. Mestrados Profissionais em Educação: novas perspectivas da pós-graduação no cenário brasileiro. **Educar em Revista**, n. 63, p. 19-34, 2017.

FREITAS, Larissa Martins. Interfaces entre o ensino médio regular e a juvenilização na EJA: diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre Quefazeres docentes. 2015.176 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2015.

FREITAS, Angelita Aparecida Azevedo. Professores iniciantes na educação de jovens e adultos: por que ingressam? O que os faz permanecer? 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana (MG), 2014.

FURINI, Dóris Regina Marroni; DURAND, Olga Celestina da Silva; SANTOS, Pollyana dos. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, espaços e múltiplos saberes. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 160-245, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó: Argos, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIOVANETTI, Maria Amélia. A formação de educadores de EJA: o legado da educação popular. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Autêntica, p. 243- 254, 2018.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 23. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 67-80.

GONÇALVES, Taísa Graciela Gomes Liduenha. Escolarização de alunos com deficiência na Educação de Jovens e Adultos: Uma análise dos indicadores educacionais brasileiros. 2012. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina (PR), 2012.

GONÇALVES, Francine Guimarães. Bullying em adolescentes: validade de constructo do questionário de bullying de Olweus e associação com habilidades sociais. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2015.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p.149-174, 2011.

HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 108-130, 2000.

JARDILINO, José Rubens Lima; ARAUJO, Regina Magda Bonifácio. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

KRAMER, Sonia. Questões raciais e educação. Entre lembranças e reflexões. **Cadernos de Pesquisa**, n. 93, p. 66-71, 1995.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão incluyente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2005. p. 77-96.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Formação docente para a educação de jovens e adultos: sujeitos, diversidade e o mundo do trabalho. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de Jovens e Adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2012, p. 9-24.

_____. **A constituição da docência entre professores de escolarização inicial de jovens e adultos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Políticas de juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. In: SOARES, Leôncio. GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 4. ed.; 2. Reimp. 2018, p. 69-86.

LEMOS, Amanda Guerra de, “despeja na EJA”: reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no município do Rio de Janeiro. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LIMA, Luci Vieira Catellane. Pisando em campo minado: a escolarização de adolescentes na educação de jovens e adultos. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

LÓDI, Emeline Dias; SKOREK, Cenira Rosa Cechin; SANCEVERINO, Adriana Regina. **Currículo na Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades**. In: XXI Fórum de Estudos e Leituras de Paulo Freire Democracia e Lutas Sociais: denúncias e anúncios, 2019, Caxias do Sul-RS: EDUCS, 2019. v. 2. p. 28-38.

LOSSO, Adriana Regina Sanceverino. Os sentidos da mediação na prática pedagógica da educação de jovens e adultos. 2012. 369 f. 2012. Tese (Doutorado)– Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

MACEDO, Núbia Sueli Silva. A formação docente e o fenômeno da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos: desafios formativos. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação de Jovens e Adultos, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra: La juventud és mas que una palabra. In: Mario MARGULIS (edit.) **La juventud es más que una palabra: La juventud es más que una palabra**. 1a Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-31. (Estudios Sociales).

MARINHO, Leila Mattos Haddad de Monteiro. Entre nós e encruzilhadas: as trajetórias dos jovens de 15 a 17 anos na EJA em Angra dos Reis. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Juventude e contemporaneidade, **Revista Brasileira de Educação**. p. 4-14, 1997.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p. 9-29.

_____. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

MOREIRA, Maria das Graças. Estudo do conhecimento: algumas considerações para conversar com pesquisadores iniciantes. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 1. 2016.

MOTA, Mauro. Canto ao meio. In: SARGENTIM, Hermínio G. **Atividades de Comunicação em Língua Portuguesa**. 8ª série, São Paulo: Editora IBEP, 1984.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2ª edição revisada. p. 15-20, 2005.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) et al. **Pesquisa social: Teoria método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 51 – 66.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 263-290, 2011.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 105-120, 2006.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. . In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 7-21, 2006.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. Juventude e contemporaneidade, **Revista Brasileira de Educação**. p. 15-24, 1997.

PETRÓ, Vanessa. Educação de Jovens e Adultos: como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola? 2015. 211 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE SERRADA, Histórico do Município. Disponível em: <<http://www.ponteserrada.sc.gov.br/>>. Acesso em: 06 set. 2019.

POGGIO, Inês Soares Nunes. A construção das relações de gênero: implicações dos discursos e das práticas educativas nas formações identitárias dos sujeitos da Educação de jovens e adultos. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 87-101, 2012.

POSSANI, Lourdes de Fátima Paschoaletto. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre a exclusão**. São Paulo: Articulação, 2007.

PASSOS, Joana Célia dos. As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e adultos. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **Educação de jovens e adultos e educação diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, p103-162, 2012.

REIS, Edna de Assis Ferreira. Desigualdade e educação: a ação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Vila Velha. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Vila Velha, Vila Velha (ES) 2014.

RIBEIRO, Eliziane Tainá Lunardi. Formação permanente de professores (as) da EJA; círculo de diálogos como práxis pedagógica humanizadora. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2014.

RODRIGUES, Lourdes do Prado; SANCEVERINO, Adriana Regina. A educação integral e o mundo do trabalho na Educação de Jovens e Adultos: conexões possíveis? In: SANCEVERINO, Adriana Regina; MOHR, Naira Estela Roesler (Org.). **Campo educação e trabalho: reflexões pedagógicas em construção**. Chapecó: Universidade da Fronteira Sul, Tubarão: Copiart, 2016, p. 243-259.

ROMANIO, Marcel Bittencourt. A Implementação da política de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal de Vitória/ES: apostas e tensionamentos. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” na educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

RUMMERT, Sonia Maria; VENTURA, Jaqueline Pereira. Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re) construção da subalternidade—considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. **Educar em Revista**, v. 23, n. 29, p. 29-45, 2007.

SANCEVERINO, Adriana Regina. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 65, p. 455-475, 2016.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**, v. 7, 2001, p. 13-59.

SARTORI, Jerônimo. **Formação do professor em serviço: da (re)construção teórica e da ressignificação da prática**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

SILVA, Ivone Maria Mendes; ZANIN, Nauíra Zanardo. ESPAÇOS E TEMPOS VIVIDOS NA ESCOLA: implicações para os processos de subjetivação e ensino-aprendizagem na perspectiva de jovens estudantes e seus professores. **Gavagai-Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 4, n. 2, p. 121-143, 2017.

SILVA, Natalino Neves Da. Juventude, EJA e relações raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA. 2009. 127 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Olavo Larangeira Telles Da. Juventude, educação e trabalho: um estudo sobre a juvenilização CEJA de Brusque-SC. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí (SC), 2015.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed.; 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SOARES, Leôncio. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 273-289, 2011.

SOARES, Leôncio. Analisando pesquisas de Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos: o que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 15-23.

SOUZA, Helga Valéria de Lima. Jovens na modalidade EJA na escola pública: autodefinição de jovem e função das TDICES. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília (DF) 2016.

SPOSITO, Marília Pontes. Muito mais que aluno. Juventude: crise, identidade e escola. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 96-106, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 87- 128, 2011.

TEIXEIRA, Eliana de Oliveira. Estudantes negros em Angra dos Reis: descortinando as desigualdades do Ensino Fundamental regular à Educação de Jovens e Adultos. 2014. 107 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ) 2014.

TOLEDO, Ana Luiza Bacchereti Sodero de. Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre a inclusão de adolescentes no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, São Paulo (SP), 2017.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

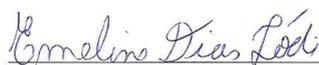
VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas Jovens novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 192-200, 2006.

VIGANO, Samira de Moraes Maia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. A educação de jovens e adultos como um espaço de Empoderamento das mulheres. **EJA em Debate**, 2016.

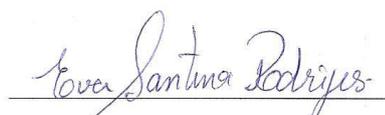
XAVIER, Ângela. Da micropolítica às contradições e desafios em nível local: descortinando o PROEJA FIC em Passo Fundo/RS. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo (RS), 2013.

APÊNDICES**APÊNDICE 1****DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA**

Com o objetivo de atender às exigências para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, **Eva Santina Rodrigues**, representante legal do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) do município de Ponte Serrada-SC onde se realizará a pesquisa intitulada **“A juvenilização na educação de pessoas jovens e adultas: negação ou protagonismo dos (as) jovens?”** a ser conduzida pela pesquisadora Emeline Dias Lódi, sob orientação da professora Dr^a. Adriana Regina Sanceverino vinculadas ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, declara estar ciente e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, salientando que as pesquisadoras deverão cumprir os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e demais legislações vigentes.



Assinatura do Pesquisador Responsável



Assinatura e Carimbo do responsável da Instituição

Eva Santina Rodrigues
Diretora
Matr. 222.341-4-04
Portaria PI: 273 - 18/02/2016

Xanxerê, 21 de fevereiro de 2019

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
PARA PAIS E RESPONSÁVEIS

Eu, _____ idade: _____ nos,
Residente no endereço: _____,
responsável por _____
na qualidade de _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa

intitulada: “O fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas no município de Ponte Serrada-SC”, a ser desenvolvida por Emeline Dias Lódi, mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim-RS*, sob orientação da Professora Dr^a. Adriana Regina Sanceverino, e que terá como voluntários(as) estudantes, docentes e gestores(as) da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) do município de Ponte Serrada/SC.

O objetivo desta pesquisa é compreender o fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) no município de Ponte Serrada-SC, buscando identificar mediante análise os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para EJA. Sendo assim, estou ciente que a pesquisadora acima referida realizará a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, cujo preenchimento do instrumento deve levar em torno de 15 minutos. Posteriormente será realizada uma entrevista individual com agendamento prévio e que deve levar em torno de 30 minutos e será gravada mediante autorização do uso de voz.

Estou ciente que os benefícios ao participar desse estudo serão de forma indireta, pois contribuirei com a pesquisa, que depois de concluída terá informações relevantes acerca do fenômeno juvenilização da EJA e dessa forma será possível suscitar reflexões com o intuito de melhor compreender tal situação. Também fui esclarecido que após a conclusão do estudo, haverá a realização de um encontro para a socialização dos resultados da pesquisa junto a Rede de Atendimento Intersetorial do Município de Ponte Serrada-SC. Ademais, estou ciente que a devolutiva dos resultados será disponibilizada aos(as) participantes do estudo que manifestarem interesse através de e-mail, e aos(as) demais interessados(as) através da publicação da Dissertação, após sua defesa, no repositório digital da UFFS.

Além disso, fui esclarecido(a) quanto aos eventuais riscos aos quais os(as) participantes possam estar expostos em decorrência da participação na presente pesquisa, mesmo que em frequência mínima, tais como cansaço e indisposição ao responder o questionário e desconforto ou constrangimento por relatar fatos da vida pessoal ou escolar durante a entrevista. Caso algum risco potencial se concretize, fui informada que a participação pode ser interrompida a qualquer momento ou mesmo cancelada, sem qualquer implicação.

Por ser este estudo de caráter puramente científico, os resultados serão utilizados somente como dados da pesquisa e o nome das famílias, jovens e professores(as) não serão divulgados. Estou ciente que em qualquer momento que me sentir desconfortável com a realização da pesquisa poderei retirar este consentimento sem qualquer prejuízo para mim ou para o(a) jovem. Fui esclarecido(a) também que, no momento em que eu desejar maiores informações sobre esta pesquisa, mesmo após sua publicação, poderei obtê-las entrando em contato com a pesquisadora Emeline Dias Lódi pelos seguintes meios: e-mail: emelinedias@hotmail.com, endereço: Rua Rui Barbosa, nº477, CEP: 89683-000 Ponte Serrada/SC.

Sendo a participação dos(as) jovens totalmente voluntária, estou ciente de que não terei nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da pesquisa. Também fui esclarecido(a) de

que, se tiver alguma dúvida, questionamento, ou reclamação, poderei me comunicar com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, utilizando o seguinte contato: Comitê de Ética em Pesquisa, telefone/fax: (49) 2049-3745 e-mail: cep.uffs@uffs.edu.br, ou pelo endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Universidade Federal da Fronteira Sul, Bloco da Biblioteca, Sala 310, 3º andar, Rodovia SC 484 km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899, Chapecó, Santa Catarina, Brasil.

Considerando que a proposta foi apresentada e que as dúvidas foram sanadas, e por estar de acordo com a participação do(a) jovem pela qual sou responsável, assino este termo em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra será entregue a pesquisadora. Portanto, autorizo a participação do(a) jovem pela qual sou responsável.

Assinatura do responsável

As pesquisadoras, abaixo-assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Pesquisadora

Professora orientadora

Ponte Serrada, _____ de _____ de _____

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(ESTUDANTES, DOCENTES, GESTORES(AS))

Eu, _____ idade: _____ anos, residente no endereço: _____, na qualidade de _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa intitulada: “O fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas do município de Ponte Serrada-SC”, a ser desenvolvida por Emeline Dias Lódi, mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*, sob orientação da Professora Dr^a. Adriana Regina Sanceverino, e que terá como voluntários(as) estudantes, docentes e gestores(as) da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) do município de Ponte Serrada-SC.

O objetivo desta pesquisa é compreender o fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) no município de Ponte Serrada-SC, buscando identificar mediante análise os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para EJA. Sendo assim, estou ciente que a pesquisadora acima referida realizará uma entrevista individual com agendamento prévio e que deve levar em torno de 30 minutos e será gravada mediante autorização do uso de voz.

Estou ciente que os benefícios ao participar desse estudo serão de forma indireta, pois contribuirei com a pesquisa, que depois de concluída terá informações relevantes acerca do fenômeno juvenilização na EJA e dessa forma será possível suscitar reflexões com o intuito de melhor compreender tal situação. Também fui esclarecido(a) que após a conclusão do estudo, haverá a realização de um encontro para a socialização dos resultados da pesquisa junto a Rede de Atendimento Intersetorial do Município de Ponte Serrada-SC. Ademais, estou ciente que a devolutiva dos resultados será disponibilizada aos(as) participantes do estudo que manifestarem interesse através de e-mail, e aos(as) demais interessados(as) através da publicação da Dissertação, após sua defesa, no repositório digital da UFFS.

Além disso, fui esclarecido(a) quanto aos eventuais riscos aos quais os(as) participantes possam estar expostos em decorrência da participação na presente pesquisa, mesmo que em frequência mínima, tais como cansaço e indisposição e desconforto ou constrangimento por relatar fatos da vida profissional ou acadêmica durante a entrevista. Caso algum risco potencial se concretize, fui informada que a participação pode ser interrompida a qualquer momento ou mesmo cancelada, sem qualquer implicação.

Por ser este estudo de caráter puramente científico, os resultados serão utilizados somente como dados da pesquisa, e o nome das famílias, jovens, docentes e gestores(as) não serão divulgados. Estou ciente que, se em qualquer momento que me sentir desconfortável com a realização da pesquisa poderei retirar este consentimento sem qualquer prejuízo para mim. Fui esclarecido(a) também que, no momento em que eu desejar maiores informações sobre esta pesquisa, mesmo após sua publicação, poderei obtê-las entrando em contato com a pesquisadora Emeline Dias Lódi pelos seguintes meios: e-mail: emelinedias@hotmail.com, endereço: Rua Rui Barbosa, nº477, CEP: 89683-000 Ponte Serrada-SC.

Sendo a participação dos(as) discentes, docentes e gestores(as) totalmente voluntária, estou ciente de que não terei nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da pesquisa. Também fui esclarecido(a) de que, se tiver alguma dúvida, questionamento, ou reclamação, poderei me comunicar com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, utilizando o seguinte contato: Comitê de Ética em Pesquisa, telefone/fax: (49) 2049-3745 e-mail: cep.uffs@uffs.edu.br, ou

pelo endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Universidade Federal da Fronteira Sul, Bloco da Biblioteca, Sala 310, 3º andar, Rodovia SC 484 km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899, Chapecó, Santa Catarina, Brasil.

Considerando que a proposta foi apresentada e que as dúvidas foram sanadas, e por estar de acordo em participar, assino este termo em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra será entregue a pesquisadora.

Assinatura do(a) pesquisado(a)

As pesquisadoras, abaixo-assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Pesquisadora

Professora orientadora

Ponte Serrada, _____ de _____ de _____

APÊNDICE 4

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: “O fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas do município de Ponte Serrada-SC”, sob a responsabilidade da pesquisadora Emeline Dias Lódi, mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim-RS, sob orientação da Professora Dr^a. Adriana Regina Sanceverino. Nesta pesquisa estamos buscando compreender o fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) no município de Ponte Serrada-SC, buscando identificar mediante análise os motivos que levam os(as) jovens evadirem do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrarem para EJA.

Você foi convidado(a) a participar desta pesquisa porque faz parte do grupo de estudantes com idade inferior a 18 anos matriculados(as) na EJA do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) do município de Ponte Serrada/-SC. Os benefícios ao participar desse estudo serão de forma indireta, pois sua participação contribuirá com a pesquisa, que depois de concluída terá informações relevantes acerca do fenômeno juvenilização da EJA e dessa forma será possível suscitar reflexões com o intuito de melhor compreender tal situação. Após a conclusão do estudo haverá a realização de um encontro para a socialização dos resultados da pesquisa junto a Rede de Atendimento Intersetorial do Município de Ponte Serrada-SC. Além disso, a devolutiva dos resultados será disponibilizada aos(as) participantes do estudo que manifestarem interesse através de e-mail, e aos(as) demais interessados(as) através da publicação da Dissertação, após sua defesa, no repositório digital da UFFS.

A sua participação na pesquisa demanda o preenchimento de um questionário com perguntas abertas e fechadas, o preenchimento do questionário deve levar em torno de 15 minutos. Posteriormente será agendada uma entrevista individual que deve levar em torno de 30 minutos e será gravada mediante autorização do uso de voz. Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Esse é um estudo de participação voluntária, por isso você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da pesquisa.

Este estudo apresenta risco mínimo aos(as) participantes, tais como cansaço e indisposição ao responder o questionário e desconforto ou constrangimento por relatar fatos da vida pessoal ou escolar durante a entrevista. Mas caso algum risco potencial se concretize, informamos que a sua participação no estudo pode ser interrompida a qualquer momento ou mesmo cancelada, sem qualquer implicação.

Mesmo seu responsável legal tendo consentido a sua participação na pesquisa, você não é obrigado(a) a participar da mesma se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa, pois fornecerá dados que contribuirão para a análise da proposta de investigação.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Emeline Dias Lódi, pelos seguintes meios: e-mail: emelinedias@hotmail.com, endereço: Rua Rui Barbosa, nº477 – CEP: 89683-000 – Ponte Serrada-SC.

Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da UFFS pelos seguintes meios: telefone/fax (49) 2049-3745 e-mail: cep.uffs@uffs.edu.br, ou pelo endereço: Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Universidade Federal da Fronteira Sul,

Bloco da Biblioteca, Sala 310, 3º andar, Rodovia SC 484 km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899, Chapecó, Santa Catarina, Brasil.

- () Aceito que minha voz seja gravada e utilizada para fins científicos.
() Aceito que minha voz seja gravada, mas não aceito que seja utilizada para fins científicos.
() Não Aceito que minha voz seja gravada.

Eu, _____
fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Declaro que recebe uma via deste Termo de Assentimento. Portanto, aceito participar deste projeto, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do(a) pesquisado(a)

As pesquisadoras, abaixo-assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Pesquisadora

Professora orientadora

Ponte Serrada, _____ de _____ de _____

APÊNDICE 5

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE VOZ

Eu, _____ permito que a pesquisadora Emeline Dias Lódi, mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), obtenha gravação de voz de minha pessoa, para fins da pesquisa científica/ educacional intitulada “O fenômeno juvenilização na Educação de Pessoas Jovens e Adultas no município e Ponte Serrada-SC”.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a **minha pessoa**, possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, **minha pessoa**, não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadoras pertinentes ao estudo e sob sua guarda. Terão acesso aos arquivos a pesquisadora responsável e a professora orientadora da pesquisa, professora Dr^a. Adriana Regina Sanceverino.

Assinatura do(a) pesquisado(a)

As pesquisadoras, abaixo-assinadas, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Pesquisadora

Professora orientadora

Ponte Serrada, _____ de _____ de _____

APÊNDICE 6 - QUESTIONÁRIO DISCENTES

1- Gênero: F M LGBTI

2- Idade: 15 anos 16 anos 17 anos 18 anos 19 anos
 20 anos 21 anos 22 anos 23 anos 24 anos

3- Com relação a sua cor/raça, como você se autodeclara?

Branco(a) Preto(a) Pardo(a) Amarelo(a) Vermelho(a)

4- Religião Católica Evangélica Sem religião Outra/qual? _____

5- Estado civil: Solteiro Casado Divorciado Viúvo Amasiado/juntado

6- Tem filhos? Não Sim

7- Você mora com quem?

Pai/Mãe Marido/Esposa Filhos Avós(as) Sozinho(a) Outros

8- Sua casa está localizada? Zona rural Zona urbana

9- Você exerce algum trabalho remunerado? Sim Não

10 - Qual a sua função no trabalho? _____

11- Com que idade começou trabalhar? _____

12- Quanto é a renda familiar mensal (somando a renda de todos(as) que moram em sua casa)?

- Nenhuma renda
 Até 1 salário mínimo (até R\$ 954,00)
 De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 954,00 até R\$ 1.908,00).
 De 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.908,00 até R\$ 2.862,00).
 De 3 a 4 salários mínimos (de R\$ 2.862,00 até R\$ 3.816,00).
 De 4 a 5 salários mínimos (de R\$ 3.816,00 até R\$ 4.470,00).
 Acima de 5 salários mínimos (4.470,00)

13-Indique a principal motivação na sua decisão de trabalhar:

- Ajudar nas despesas com a casa
 Sustentar minha família
 Ser independente (ganhar meu próprio dinheiro)
 Adquirir experiência profissional
 Custear/ pagar meus estudos

14-Como você avalia ter trabalhado durante seus estudos?

- Atrapalhou meus estudos
 Possibilitou meus estudos
 Possibilitou meu crescimento pessoal
 Não atrapalhou meus estudos

15- Qual é o nível de escolaridade do seu pai?

- Analfabeto
 Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental
 Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior
 Pós Graduação
 Não sei

16- Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?

- Analfabeto
 Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental
 Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior
 Pós Graduação
 Não sei

17- Você já foi reprovado na escola regular? não sim**18- Por que motivo você evadiu do Ensino de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrou para a EJA?**

19- Como você avalia a sua relação com os(as) professores(as) da EJA?

- ótima boa regular ruim

20- Na sua opinião por que a escola é importante?

- para obter um bom emprego
 para obter o certificado de conclusão
 não vejo importância na escola
 para fazer amizades
 para ter um futuro melhor
 outra resposta/ Qual? _____

21- Você pretende continuar estudando?

- até concluir o ensino médio
 tenho planos de cursar o ensino superior em uma faculdade /universidade
 tenho planos de fazer um curso técnico ou de aperfeiçoamento profissional

22- Você considera a EJA do NAES de Ponte Serrada-SC um espaço emancipador

- sim não

Continuidade da pesquisa: Você aceitaria continuar participando da pesquisa, concedendo uma entrevista em outro momento? sim não

Telefone para contato via WhatsApp: _____

APÊNDICE 7

ROTEIRO ENTREVISTA DISCENTES

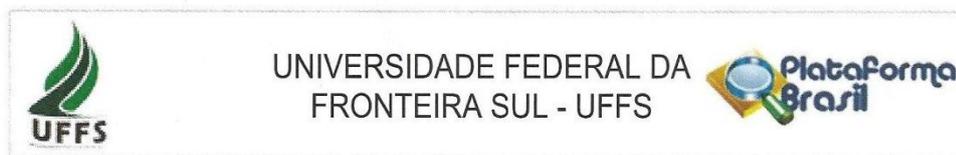
- 1- Qual/quais motivos impulsionaram você evadir do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e/ou migrar para a EJA?
- 2- Fale sobre experiências que vivenciou durante o período que estudava no *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens e que podem ter contribuído na sua decisão de evadir e/ou migrar para a EJA?
- 3- Com uma palavra diga como visualiza o *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens?
- 4- Qual a importância que você atribui aos estudos?
- 5- O que te motiva estudar?
- 6- O que mudou na sua vida após o ingresso na EJA?
- 7- Como você avalia a qualidade do ensino na EJA?
- 8- Quais são suas expectativas com relação à escolarização?
- 9- Você pretende continuar estudando assim que concluir a EJA?

APÊNDICE 8

ROTEIRO ENTREVISTA DOCENTES/GESTORES(AS)

- 1- Como você percebe a juventude?
- 2- Para você o que é ser Jovem?
- 3- Como você caracteriza o(a) estudante jovem da EJA do NAES de Ponte Serrada-SC?
- 4- O termo “juvenilização da EJA” é familiar? Ao que te remete?
- 5- Considerando a existência do fenômeno juvenilização na EJA, as instituições educacionais tem percebido este fenômeno? E sendo percebido como é mencionado?
- 6- Em sua opinião, o que tem motivado a evasão dos(as) estudantes do *Ensino* de Crianças, Adolescentes e Jovens, e/ou a migração para EJA?
- 7- Fale sobre os desafios em trabalhar com a EJA juvenilizada, quais as principais dificuldades e as possibilidades visualizadas para melhor incluir estes(as) jovens?
- 8- Como avalia que deve ser organizada a prática pedagógica na EJA considerando o perfil juvenilizado dos(as) estudantes? Deve haver alguma mudança na dinâmica das aulas para melhor atendê-los(as)?
- 9- Em sua opinião os(as) professores(as), bem como gestores(as) estão preparados(as) para lidar com o fenômeno juvenilização da EJA?
- 10- Em seu processo de formação profissional a Educação de Pessoas Jovens e Adultas foi uma temática abordada? Como você avalia esta preparação, foi suficiente?

ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS

Plataforma
Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A juvenilização na educação de pessoas jovens e adultas: negação ou protagonismo dos(as) jovens?

Pesquisador: Emeline Dias

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 09295619.9.0000.5564

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.314.993

Apresentação do Projeto:

TRANSCRIÇÃO DO PROTOCOLO NA PLATAFORMA BRASIL

"EMELINE DIAS LODI

A JUVENILIZACAO NA EDUCACAO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: NEGACAO OU PROTAGONISMO DOS (AS) JOVENS?

Projeto de dissertacao apresentado ao Programa de Pos- Graduacao Profissional em Educacao da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para aprovacao em exame de qualificacao.

Orientadora: Profa Dra Adriana Regina Sanceverino

(...)

Resumo:

O presente estudo objetiva investigar o fenomeno da juvenilizacao na Educacao de Jovens e

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.314.993

Adultos (EJA) no município de Ponte Serrada/SC. Quanto a metodologia, utilizamos a abordagem quantiqualitativa nessa pesquisa de tipo exploratoria, onde a apreensão dos dados empiricos se dara por meio da pesquisa de campo mediante aplicacao de questionario aos (as) estudantes e entrevista individual aos (as) estudantes, professores (as) e gestores (as) do Nucleo Avancado de Ensino Supletivo (NAES) do municipio de Ponte Serrada-SC buscando compreender os motivos que levam esses (as) jovens migrarem do ensino regular para a EJA. Os dados obtidos serao analisados seguindo as tecnicas de analise de conteudo estabelecidos por Bardin (1977). Apos a conclusao do estudo sera realizada uma mesa redonda onde divulgaremos os resultados obtidos na pesquisa com o intuito de colaborar para a compreensao deste fenomeno denominado juvenilizacao da EJA, convidaremos para participar do evento professores e gestores do NAES de Ponte Serrada, representantes do Centro Regional de Educacao de Jovens e Adultos (CEJA) de Xanxere-SC; da Secretaria de Educacao de Ponte Serrada-SC; da Promotoria da Infancia e Juventude de Ponte Serrada-SC; membros do Conselho Tutelar de Ponte Serrada-SC; representantes de Escolas Municipais e Estaduais de Ponte Serrada-SC, e os (as) estudantes envolvidos na pesquisa. Esperamos que os resultados obtidos a partir deste estudo possam alem de suscitar a reflexao levar a repensar as praticas pedagogicas e incentivar a luta por politicas publicas que valorizem estes (as) jovens que muitas vezes sofrem processos de exclusao no interior das proprias instituicoes educacionais."

Objetivo da Pesquisa:

TRANSCRIÇÃO DO PROTOCOLO NA PLATAFORMA BRASIL

"Objetivo Primario:

Investigar o fenomeno da juvenilizacao na Educacao de Jovens e Adultos (EJA) no municipio de Ponte Serrada/SC, buscando compreender os motivos que levam os jovens com faixa etaria compativel ao ensino regular migrarem para a EJA.

Objetivo Secundario:

Identificar o perfil dos jovens menores de 18 anos matriculados na EJA no NAES de Ponte Serrada/SC;

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.314.993

Analisar os interesses e expectativas desses jovens em relação a escolarização e a EJA;

Identificar os fatores que levaram os jovens a procurar essa modalidade de ensino da Educação Básica;

Elaborar uma proposta de intervenção, que consistirá na realização de uma mesa redonda, onde serão divulgados os resultados obtidos nesta pesquisa.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

TRANSCRIÇÃO DO PROTOCOLO NA PLATAFORMA BRASIL

“Riscos:

Os participantes podem estar expostos a eventuais riscos físicos e psicológicos em decorrência da participação na presente pesquisa, mesmo que em frequência mínima, tais como cansaço e indisposição ao responder o questionário e desconforto ou constrangimento por relatar fatos da vida pessoal ou escolar durante a entrevista. Por isso serão adotadas medidas de prevenção para tentar evitar ou minimizar os eventuais casos que possam ocorrer, assim as questões dos instrumentos de pesquisa foram elaborados de forma simples e de fácil entendimento e com roteiros pouco extensos para que o estudo não se alongue demasiadamente. Seguindo os princípios éticos da pesquisa prezaremos pela liberdade, autonomia, integridade e dignidade dos participantes da pesquisa, assim os participantes também serão informados da garantia de sigilo de seus dados pessoais e de sua identificação, bem como da possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento. Quanto as entrevistas serão realizadas nas dependências do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) de Ponte Serrada-SC, em ambiente agradável e sigiloso. Caso algum risco potencial se concretize, os participantes serão informados previamente que a sua participação pode ser interrompida a qualquer momento dando uma pausa e/ou podendo ser marcada nova data, ou mesmo cancelada, sem qualquer implicação ao participante.

Benefícios:

Depois de concluída a pesquisa teremos informações relevantes acerca do fenômeno da juvenilização da EJA do município de Ponte Serrada-SC e dessa forma a presente pesquisa pode

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.314.993

servir como uma ferramenta importante para a Instituição pesquisada, que poderá implementar estratégias que visem o êxito e a permanência destes estudantes que por diversos motivos já migraram das escolas de ensino regular e que buscam agora nas salas de aula de EJA o reconhecimento de suas identidades e experiências sociais. Ademais, os resultados obtidos a partir deste estudo poderão suscitar a reflexão, levar a repensar as práticas pedagógicas e incentivar a luta por políticas públicas que valorizem estes jovens como parte da Educação Básica. Ratificamos ainda que os resultados desta pesquisa serão restituídos a todos os envolvidos no processo investigativo através de uma mesa redonda, bem como os resultados serão divulgados amplamente na comunidade acadêmica com o intuito que promovam além de reflexões, transformações desta realidade (juvenilização) ainda tão incompreendida e que demanda maiores investigações.”

AVALIAÇÃO DOS RISCOS E BENEFÍCIOS:

Os riscos e benefícios encontram-se adequadamente descritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo relevante, com temática de considerável impacto social para UFFS e região. A metodologia apresenta preocupação ética e encadeamento metodológico que viabiliza a avaliação pelo CEP, conforme preconizam as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos obrigatórios pelas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde encontram-se presentes.

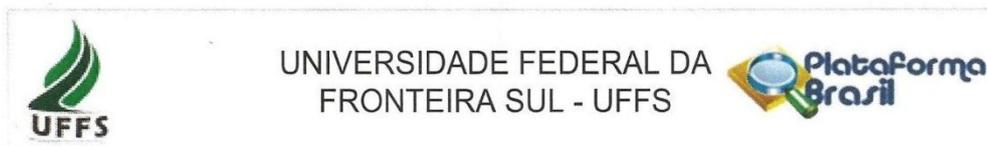
PROJETO DETALHADO: presente e adequado;

FOLHA DE ROSTO: presente e adequada;

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO PARA COLETA DE DADOS: presente e adequada;

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: presente e adequado;

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 3.314.993

TERMO DE ASSENTIMENTO: presente e adequado;

TCLEs: presentes e adequados.

Recomendações:

Não há sugestões no momento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O/a Pesquisador/a atendeu integralmente às pendências apontadas no Parecer consubstanciado de número 3.224.667, de 26 de Marco de 2019. Logo, no momento, o protocolo não possui pendências éticas e/ou legais, de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, ficando autorizado a partir desta data a iniciar a etapa de coleta de dados. O/a Pesquisador/a é obrigado a informar ao CEP/UFFS sobre todo e qualquer evento importante no desenvolvimento deste protocolo de pesquisa, bem como apresentar os Relatórios parciais e final conforme previstos nestas legislações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador(a)

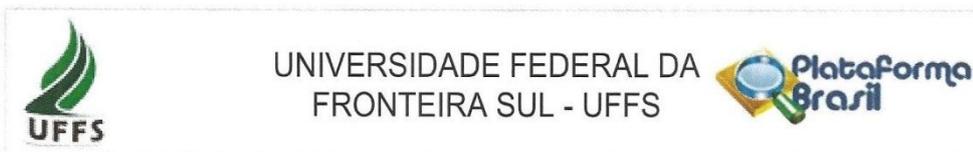
A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador”.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 3.314.993

Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a "central de suporte" da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1298771.pdf	07/04/2019 17:29:50		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_modificado.pdf	07/04/2019 16:43:50	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais_responsaveis_modificado.pdf	07/04/2019 16:22:44	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_docentes_gestor_modificado.pdf	07/04/2019 16:06:11	Emeline Dias	Aceito
Outros	Formulario_resposta_pendencias.pdf	07/04/2019 15:57:28	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento_discentes_modificado.pdf	07/04/2019 14:54:09	Emeline Dias	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	07/03/2019 14:26:19	Emeline Dias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	07/03/2019 14:25:39	Emeline Dias	Aceito
Outros	Declaracao_ciencia_concordancia_instituicao.pdf	01/03/2019 15:15:50	Emeline Dias	Aceito

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECÓ

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.314.993

Outros	Lattes_Adriana_Sanceverino.pdf	21/02/2019 13:05:38	Emeline Dias	Aceito
Outros	Lattes_Emeline_Lodi.pdf	21/02/2019 13:05:11	Emeline Dias	Aceito
Outros	Questionario_discentes.pdf	21/02/2019 12:19:22	Emeline Dias	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_docentes_gestores.pdf	21/02/2019 12:19:05	Emeline Dias	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_discentes.pdf	21/02/2019 12:18:40	Emeline Dias	Aceito
Outros	Termo_consentimento_uso_voz.pdf	21/02/2019 12:17:55	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento_discentes.pdf	21/02/2019 12:16:56	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_consentimento_livre_esclarecido_pais_responsaveis.pdf	21/02/2019 12:16:20	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_consentimento_livre_esclarecido_docentes_gestor.pdf	21/02/2019 12:15:57	Emeline Dias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 09 de Maio de 2019

Assinado por:

Valéria Silvana Faganello Madureira
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

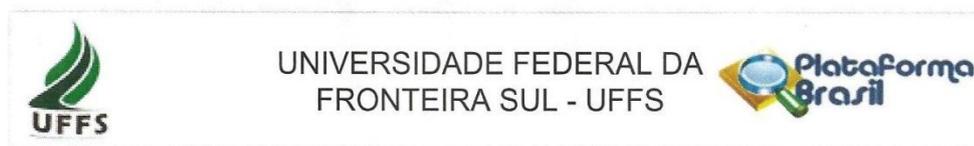
UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br

ANEXO 2

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DA EMENDA**

Título da Pesquisa: A juvenilização na educação de pessoas jovens e adultas: negação ou protagonismo dos(as) jovens?

Pesquisador: Emeline Dias

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 09295619.9.0000.5564

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.440.364

Apresentação do Projeto:

A pesquisadora encaminha emenda ao projeto de pesquisa aprovado pelo CEP/UFFS por meio do parecer nº 3.314.993 de 09 de Maio de 2019.

Justificativa da emenda:

De acordo com sugestão da orientadora, bem como da banca avaliadora ampliaremos a idade dos jovens que iremos realizar a pesquisa, inicialmente nos propomos a realizar a pesquisa com jovens com idade entre 15 e 17 anos, entretanto levando em conta que a Organização Mundial de Saúde (OMS), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consideram a categoria jovens os sujeitos com idade ente 15 e 24 anos decidimos pela ampliação da faixa etária dos jovens da pesquisa, assim aplicaremos o questionário não apenas aos jovens com idade entre 15 e 17 anos como proposto inicialmente, mas também aos estudantes com idade entre 15 e 24 anos, o número de entrevista será mantido realizaremos apenas 10 entrevistas como proposto inicialmente. Os documentos que foram modificados para atender a emenda foram: projeto detalhado e questionário discente, as alterações foram grifadas em amarelo no corpo do texto para melhor entendimento, além disso inclui TCLE para esses discentes com idade superior a 18 anos de idade. No preenchimento da Plataforma Brasil alteramos apenas os campos referentes a idade dos sujeitos da pesquisa, bem como o número da população que irá compor a amostra, foram anexados os arquivos Projeto detalhado, TCLE discentes, questionário discente e cronograma. Reiteramos

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

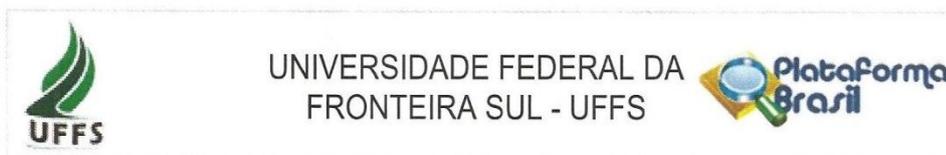
CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 3.440.364

que não houve mudanças no desenho do estudo, nem nas hipóteses, nem no objetivo primário, as alterações realizadas não mudam a estrutura da pesquisa. Sem mais aguardamos aprovação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar o fenômeno da juvenilização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Ponte Serrada/SC, buscando compreender os motivos que levam os jovens com faixa etária compatível ao ensino regular migrarem para a EJA.

Objetivo Secundário:

Identificar o perfil dos jovens com idade entre 15 e 24 anos matriculados na EJA no NAES de Ponte Serrada/SC; Analisar os interesses e expectativas desses jovens em relação à escolarização e a EJA; Identificar os fatores que levaram os jovens a procurar essa modalidade de ensino da Educação Básica; Elaborar uma proposta de intervenção, que consistirá na realização de uma mesa redonda, onde serão divulgados os

resultados obtidos nesta pesquisa.

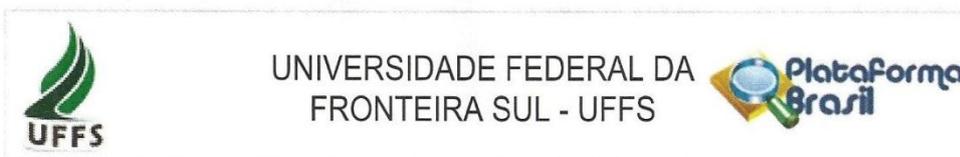
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os participantes podem estar expostos a eventuais riscos físicos e psicológicos em decorrência da participação na presente pesquisa, mesmo que em frequência mínima, tais como cansaço e indisposição ao responder o questionário e desconforto ou constrangimento por relatar fatos da vida pessoal ou escolar durante a entrevista. Por isso serão adotadas medidas de prevenção para tentar evitar ou minimizar os eventuais casos que possam ocorrer, assim as questões dos instrumentos de pesquisa foram elaborados de forma simples e de fácil entendimento e com roteiros pouco extensos para que o estudo não se alongue demasiadamente. Seguindo os princípios éticos da pesquisa prezaremos pela liberdade, autonomia, integridade e dignidade dos participante da pesquisa, assim os participantes também serão informados da garantia de sigilo de seus dados pessoais e de sua identificação, bem como da possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento. Quanto as entrevistas serão realizadas nas dependências do Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) de Ponte Serrada-SC, em ambiente agradável e sigiloso. Caso algum risco potencial se concretize, os participantes serão informados previamente que a sua participação pode ser interrompida a qualquer momento dando uma pausa e/ou podendo ser marcada nova data, ou mesmo cancelada, sem qualquer implicação ao participante.

Benefícios:

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 3.440.364

Depois de concluída a pesquisa teremos informações relevantes acerca do fenômeno da juvenilização da EJA do município de Ponte Serrada-SC e dessa forma a presente pesquisa pode servir como uma ferramenta importante para a Instituição pesquisada, que poderá implementar estratégias que visem o êxito e a permanência destes estudantes que por diversos motivos já migraram das escolas de ensino regular e que buscam agora nas

salas de aula de EJA o reconhecimento de suas identidades e experiências sociais. Ademais, os resultados obtidos a partir deste estudo poderão suscitar a reflexão, levar a repensar as práticas pedagógicas e incentivar a luta por políticas públicas que valorizem estes jovens como parte da Educação Básica. Ratificamos ainda que os resultados desta pesquisa serão restituídos a todos os envolvidos no processo investigativo através de

uma mesa redonda, bem como os resultados serão divulgados amplamente na comunidade acadêmica com o intuito que promovam além de reflexões, transformações desta realidade (juvenilização) ainda tão incompreendida e que demanda maiores investigações.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora solicita, por meio da emenda, adequação no tamanho da amostra considerando encaminhamento de banca de qualificação do projeto. Os participantes indicados, a saber, adolescentes entre 15 e 17 anos permanecerão na pesquisa, sendo que serão acrescentados participantes maiores de idade, ampliando para 15 a 24 anos.

A pesquisadora anexou novo TCLE, contemplando os participantes maiores de idade e adequou o tamanho da amostra.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi anexado um novo TCLE destinado aos participantes maiores de idade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há impedimentos éticos para realização da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador(a)

A emenda encaminhada está aprovada.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento "Deveres do Pesquisador".

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.440.364

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a "central de suporte" da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1384615_E1.pdf	27/06/2019 10:21:04		Aceito
Cronograma	Cronograma_emenda.pdf	27/06/2019 10:17:45	Emeline Dias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_modificado_emenda.pdf	27/06/2019 09:31:14	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_discentes.pdf	27/06/2019 09:24:54	Emeline Dias	Aceito
Outros	Questionario_discentes_emenda.pdf	24/06/2019 00:12:21	Emeline Dias	Aceito

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 3.440.364

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pais_responsaveis_modificado.pdf	07/04/2019 16:22:44	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_docentes_gestor_modificado.pdf	07/04/2019 16:06:11	Emeline Dias	Aceito
Outros	Formulario_resposta_pendencias.pdf	07/04/2019 15:57:28	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento_discentes_modificado.pdf	07/04/2019 14:54:09	Emeline Dias	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	07/03/2019 14:26:19	Emeline Dias	Aceito
Outros	Declaracao_ciencia_concordancia_instituicao.pdf	01/03/2019 15:15:50	Emeline Dias	Aceito
Outros	Lattes_Adriana_Sanceverino.pdf	21/02/2019 13:05:38	Emeline Dias	Aceito
Outros	Lattes_Emeline_Lodi.pdf	21/02/2019 13:05:11	Emeline Dias	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_docentes_gestores.pdf	21/02/2019 12:19:05	Emeline Dias	Aceito
Outros	Roteiro_entrevista_discentes.pdf	21/02/2019 12:18:40	Emeline Dias	Aceito
Outros	Termo_consentimento_uso_voz.pdf	21/02/2019 12:17:55	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento_discentes.pdf	21/02/2019 12:16:56	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_consentimento_livre_esclarecido_pais_responsaveis.pdf	21/02/2019 12:16:20	Emeline Dias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_consentimento_livre_esclarecido_docentes_gestor.pdf	21/02/2019 12:15:57	Emeline Dias	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br